



Universidade de Brasília

Departamento de Antropologia

Instituto de Ciências Sociais

Isadora Dias Nunes de Sena

**“A escolha é a parte mais importante”:
Narrativas de mulheres que experienciaram um aborto ilegal**

Brasília, 2019

Isadora Dias Nunes de Sena

“A escolha é a parte mais importante”: Narrativas de mulheres que experienciaram um aborto ilegal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Ciências Sociais com Habilitação em Antropologia, com parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Soraya Fleischer
(Departamento de Antropologia/UnB)

Co-orientadora: Rosamaria Carneiro Giatti
(Departamento de Saúde Coletiva/UnB)

Brasília, 2019

Agradecimentos

Agradeço a todas as mulheres que vieram antes de mim lutando e construindo das mais diversas formas o mundo em que vivo. Agradeço a todas as mulheres que me rodeiam, me inspiram, e me apoiam diariamente. Minha mãe e irmã, principalmente, por serem tudo que são e tudo que sou, por serem mais que família e sim pedaços de mim e melhores amigas. Minhas amigas-irmãs Jade e Babi, por sermos a família que escolhemos ser, e por me possibilitarem vivenciar esse mundo além de mim mesma. Minha amiga Mari, por estar comigo nessa aventura antropológica que é a vida. As minhas companheiras de arte e vida, do Coletivo Mulher do Mundo, por construírem comigo uma arte com sentido, para nós e para o mundo. Ao meu irmão, que é o presente que esse mundo me deu, para mostrar que as coisas podem mudar dos dois lados. As minhas orientadoras Rosamaria Carneiro e Soraya Fleischer, por me inspirarem tanto, e por toda paciência e ajuda. E principalmente, a todas as mulheres que construíram junto comigo essa pesquisa, por compartilharem algo tão íntimo como suas emoções e vidas. E a todas pesquisadoras e ativistas que continuam lutando e produzindo nesses tempos sombrios que vivemos. Só somos, porque somos juntas. Mulheres são como as águas, crescem quando se juntam.

Conselhos para a mulher forte
(Gioconda Belli, Nicarágua, 1948)

Se és uma mulher forte,
te protejas das hordas que desejam almoçar teu coração.

Elas usam todos os disfarces dos carnavais da terra:
se vestem como culpas, como oportunidades,
como preços que se precisa pagar.

Te cutucam a alma;
metem o aço de seus olhares ou de seus prantos,
até o mais profundo do magma de tua essência,
não para alumbrar-se com teu fogo,
senão para apagar a paixão, a erudição de tuas fantasias.

Não percas a compaixão,
mas teme tudo que te conduz a negar-te a palavra,
a esconder quem és,
tudo que te obrigue a abrandar-se,
e te prometa um reino terrestre
em troca de um sorriso complacente.

Se és uma mulher forte, prepara-te para a batalha:
aprende a estar sozinha,
a dormir na mais absoluta escuridão sem medo.

Ampara, mas te ampara primeiro.
Guarda as distâncias. Te constrói. Te cuida.
Entesoura teu poder. O defenda.
O faça por você. Te peço em nome de todas nós.

Sumário

Introdução	9
1. Trajetória pessoal.....	9
2. Aborto no Brasil	12
2.1 Dados da realidade	12
2.2 O retrocesso	14
Capítulo 1: O corpo e suas relações	18
1. A pesquisa: metodologia e reflexões	18
2. Mulher(es), corpos, emoções e poder	25
3. O sentir	30
Capítulo 2: O aborto, experiência corporal e subjetiva	33
1. A trajetória corporal das mulheres	33
2. Processo decisório	37
2.1 A maternidade como valor no processo decisório	42
1. O aborto no corpo	49
2. O pós-aborto e a experiência do corpo que gera	57
Capítulo 3: O corpo perpassado pela ilegalidade social	60
1. Maternidade: o discurso social sobre a escolha versus as experiências vividas pelas mulheres	60
2. O aborto interno: punições corporificadas	64
3. Tabu: a expressão da experiência	70
4. O aborto externo: o acesso e a violência	76
5. “Eu conheci os dois lados”	80
6. A violência hospitalar e a violação dos corpos	84
Capítulo 4: Mulheres Juntas e Resignificações	92
1. “Se a gente não se fortalecer, a gente vai definhando”	92
2. O aborto para si	96
3. Considerações finais	98
Anexo e Referências	103 e 104

Eu tenho pressa e eu quero ir pra rua
Quero ganhar a luta que eu travei
Eu quero andar pelo mundo afora
Vestida de brilho e flor
Mulher, a culpa que tu carrega não é tua
Divide o fardo comigo dessa vez
Que eu quero fazer poesia pelo corpo
E afrontar as leis que o homem criou pra te maldizer

Ekena

INTRODUÇÃO

1. Trajetória pessoal

A corporalidade sempre foi muito presente na forma como vivencio e percebo minhas experiências no mundo. A sexualidade e a estética corporal permearam minhas primeiras conexões e reflexões acerca do meu próprio corpo, da minha identidade e de como isso determinava minha forma de me relacionar com os outros ao meu redor. Tive uma criação familiar extremamente aberta ao diálogo, no qual meus pais, integrantes de movimentos sociais de esquerda, sempre fizeram questão de não ter tabus e pontuar reflexões importantes sobre a sociedade.

Porém, só fui começar a ter noção de alguns enquadramentos sociais de mim e do meu corpo, ao ingressar na UnB, e assim ter contato direto com a antropologia e o movimento feminista (que atualmente se dá de forma múltipla, feminismos, por levar em conta que não existe uma mulher universal, e sim várias mulheres com vivências e demandas diferentes no mundo, além das várias possibilidades de atuação do movimento). O feminismo me mostrou, pelo viés acadêmico e dos movimentos sociais, como a sociedade ocidental, e brasileira, encara a mulher a partir de seu corpo e de suas produções, fechando-as na reprodução e na afetividade, assim, o corpo seria o primeiro lugar de inscrição para a manifestação de controle sobre a mulher, sua autonomia, cidadania e identidade (Santos e Silveira, 2017: 307). Uma das principais lutas do movimento é a dos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres, no qual a pauta sobre o poder de escolha do aborto está inserida. Foi por meio do movimento feminista que temas como aborto, sexualidade, planejamento familiar começaram a ser discutidos abertamente fora do âmbito privado, gerando repercussões públicas (Tussi, 2010: 117). Como a antropóloga Fabíola Rohden coloca no seu livro “Uma ciência da diferença sexo e gênero na medicina da mulher” (2001), na nossa sociedade, segundo uma distinção de caráter biológico e pré-determinado entre os sexos, homens e mulheres seriam “naturalmente” distintos nas suas características físicas e nas suas características morais ou psicológicas. Assim, as qualidades atribuídas a cada um e as suas funções

sociais são definidas com o mesmo grau de determinismo que suas funções fisiológicas (Rohden, 2001: 14).

Relembrar minha história, como criança e adolescente, e ter mais clareza de como meu corpo sempre foi muito sexualizado e silenciado me gerou muitos momentos marcantes. Constatar que várias experiências que eu e as mulheres ao meu redor passaram foram violências, e perceber o quanto minha subjetividade foi construída a partir de como a sociedade via e me fazia ver meu corpo e seu estar no mundo, foi como finalmente abrir meus olhos e compreender um pouco o que tinha de mim, e o que tinha dos outros nesses processos.

Além disso, nesse mesmo período comecei a ingressar no mundo das artes circenses, e meu encanto pelas possibilidades de vivências com o corpo se expandiu. Com isso, como mulher, artista circense e feminista, me toca o quanto nossas experiências corporais mesmo sendo infinitas de possibilidades incríveis, muito únicas, também são muito condicionadas pela forma como a sociedade dita nosso corpo. Isso nos limita por fora, com leis e violências, e nos limita por dentro, com medos e inseguranças. Mas também é possível observar as várias formas de resignificação dessas experiências e limitações, por meio de resistências das mais diversas formas. O que todas as mulheres em nossa sociedade compartilham é a experiência da administração de seus próprios corpos, cujas emanções, necessidades e exigências tão raramente aparecem sincronizadas com o tempo socialmente organizado (Martin, 1987: 309).

Assim fui buscando o que fazia sentido para mim, estudar, criar e ser, dentro da universidade e na vida: feminismos, corpos, mulheres. Tais temáticas e suas inúmeras conexões foram virando uma parte essencial da minha identidade, pesquisa, e criação artística.

Percebi que muitas vezes temas como corpo e direitos não se ligam diretamente de forma clara quando são apresentados a nós na infância e na adolescência. Principalmente quando o assunto é sexualidade e reprodução. Como a questão do aborto. Tais tabus geram um afastamento das informações e um silenciamento das experiências da realidade. Apesar de presenciar meninas

engravidando ao meu redor desde cedo, só fui ter contato com o tema aborto, e com mulheres abortando, dentro da universidade, porém sei que ao meu redor isso já existia antes. Vivenciei de perto, junto com amigas muito próximas, suas descobertas de estarem gerando, a decisão a partir daí, e os dois caminhos sendo tomados: o de continuar a gravidez e o de interromper. Vi as duas escolhas, e suas repercussões foram marcos para mim também. A partir da decisão por continuar, eu vi a violência obstétrica, os problemas familiares, a relação abusiva se manter, o cansaço extremo e a solidão, mas também vi a satisfação com a relação de mãe e filha. A partir da decisão de interromper, eu vi o desespero, o medo, a tristeza, mas também vi o alívio. No primeiro caminho eu estava no parto, no segundo eu estava no aborto, então apesar de nunca ter passado por isso, pude observar de perto as duas experiências.

Mesmo cursando disciplinas sobre gênero, mulheres e corpo desde o começo da graduação, ao conhecer as professoras Soraya Fleischer, Rosamaria Carneiro e Giovana Acácia, me aproximei mais dessa temática dentro da área da saúde, de uma perspectiva nova para mim, tal antropologia me pareceu mais “humana” e acessível, além de essencial politicamente, por colocar novas e antigas questões de formas diferentes e assim produzir materiais importantes para as discussões e avanços acadêmicos e sociais. Estudar as maternidades, os partos, as sexualidades, os ciclos, as violências, os abortos, os direitos, as ressignificações, e como tudo isso se liga, me soa apaixonante e de urgente importância. Tanto para dar voz às individualidades, como para as coletividades de mulheres. Acredito que nossas escolhas e recortes dentro de nossas pesquisas fazem muita diferença, pois como coloca Daniela Manica, em seu artigo “Estranhas Entranhas: de Antropologias, e Úteros” (2018), não tem somente a ver com as nossas trajetórias pessoais e profissionais, embora tenha também.

É uma aposta na importância de repensar o humano de uma perspectiva mais abrangente, que inclua (problematizando) os corpos e as questões de desigualdades, diferenças, hierarquias, trazidas pelos movimentos feministas, LGBTQIs, negros, indígenas, ecológicos, de pessoas com deficiência etc. No sentido, também, de tentar fazer a reflexão antropológica contribuir para a construção de

um mundo mais justo, plural, e menos desigual. [...]Se for o caso de manter o “humano” como referente é preciso refundá-lo a partir do que as perspectivas dos corpos divergentes, a quem a humanidade foi historicamente negada, tem a acrescentar. [...] Dentre os tensionamentos possíveis dessa discussão está a reivindicação por uma libertação da teleologia reprodutiva dos corpos com útero. [...] Desvincular, enfim, a relação determinante entre corpo e gênero, e abrir as formas possíveis de vida para múltiplas expressões dos afetos e das corporalidades. [...] Mas que seja um movimento que não aprisione esses corpos na obrigatoriedade compulsória da gestação e da maternidade, que não atualize versões normativas de um essencialismo biológico sufocante, e que, por tanto, reconheça “mulheres” e demais minorias em sua plena “humanidade” - o que envolve o direito de decidir se, quando e como gerar, parir e amamentar. Envolve o direito básico de existir (Manica, 2018: 35-37).

2. Aborto no Brasil

2.1 Dados da realidade

O aborto pode estar associado a um evento reprodutivo individual, mas a prática de aborto está enraizada na vida reprodutiva das mulheres e responde à forma como a sociedade brasileira se organiza para a reprodução biológica e social. (ANIS, 2017)

O aborto é um evento frequente na vida reprodutiva das mulheres brasileiras (Diniz, 2017: 654). Segundo os resultados da Pesquisa Nacional de Aborto (Diniz e Medeiros, 2017), realizada pela organização feminista ANIS, em 2016, praticamente uma em cada cinco mulheres, aos 40 anos, já realizou, pelo menos, um aborto. Em 2015, foram aproximadamente, 416 mil mulheres (idem: 653). Dessas, cerca de metade teve que ser internada para finalizar o aborto (idem: 656). Segundo levantamento feito pela plataforma jornalística multimídia *Aos Fatos* no banco de dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) (Ministério da Saúde) de 2013 a 2015 o governo atendeu quase cem vezes mais mulheres para a realização de curetagem pós-aborto do que para procedimentos dentro dos parâmetros da lei. A Organização Mundial da Saúde estima que a cada ano são feitos 22 milhões de abortamentos em condições inseguras, acarretando a morte de

cerca de 47.000 mulheres e disfunções físicas e mentais em outras 5 milhões de mulheres pelo mundo (OMS, 2012: 1).

A lei brasileira se encaixa entre as mais restritivas do mundo na questão do aborto. Desde 1940, o Código Penal brasileiro tipifica o aborto como crime, punível com prisão (artigo 124), com o abortamento legal sendo previsto apenas em caso de gravidez resultante de estupro ou de risco de vida para a mulher (artigo 128). Uma terceira exceção foi acrescentada há pouco tempo, em 2012, por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) tomada a partir da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 54, ela permite a interrupção da gestação em casos de anencefalia fetal (Biroli, 2017: 232).

Em 2017, 18 estados brasileiros registraram 331 processos pela prática do auto aborto, o aborto provocado pela gestante ou com o seu consentimento tipificado no artigo 124 do Código Penal. Boa parte deles nasceu de denúncias de profissionais de saúde no momento em que a mulher buscava o atendimento de emergência para tratar uma complicação (Portal Catarinas e GHS Brasil, 2017).

Esses dados mostram o contexto ao qual o corpo das mulheres e sua autonomia estão subordinados e de que modos a sua experiência sexual e reprodutiva está delimitada.

Considerando assim, que grande parte dos abortos é ilegal e, portanto, feito fora das condições plenas de atenção à saúde, essas magnitudes colocam, indiscutivelmente, o aborto como um dos maiores problemas de saúde pública do Brasil. [...] As políticas brasileiras, inclusive as de saúde, tratam o aborto sob uma perspectiva religiosa e moral e respondem à questão com a criminalização e a repressão policial. A julgar pela persistência da alta magnitude, e pelo fato de o aborto ser comum em mulheres de todos os grupos sociais, a resposta fundamentada na criminalização e repressão tem se mostrado não apenas inefetiva, mas nociva. Não reduz nem cuida: por um lado, não é capaz de diminuir o número de abortos e, por outro, impede que mulheres busquem o acompanhamento e a informação de saúde necessários para que seja realizado de forma segura ou para planejar sua vida reprodutiva a fim de evitar um segundo evento desse tipo (ANIS, 2017:659).

A criminalização do aborto conflita com os direitos fundamentais, civis, políticos e sociais das mulheres, assim como com a definição mínima de sujeito de direito, pessoa nascida tornada social e jurídica a partir do nascimento, em uma sociedade plenamente laica (Machado, 2017: 6).

2.2 O retrocesso

Como a antropóloga Lia Zanotta Machado analisa no seu artigo “O aborto como direito e o aborto como crime: o retrocesso neoconservador” (2017), no Brasil, a movimentação pela descriminalização e legalização do aborto, que tivera início nos anos oitenta e noventa, ganhou impulso nos anos 2000, pela maior secularização da sociedade brasileira e pela então maior aproximação entre a movimentação feminista e o Poder Executivo. A autora denomina retrocesso neoconservador o período no qual ocorreu o crescimento do poder político de forte base religiosa pró-vida no Parlamento brasileiro, em reação ao crescimento dos movimentos sociais em busca de direitos sexuais e reprodutivos. Tal período se inicia ao final de 2005, quando distintas formas de narrativas fundamentalistas a favor da criminalização e contrárias à legalização do aborto cresceram exponencialmente no Brasil, em reação à elaboração e à apresentação pelo Poder Executivo ao Legislativo de minuta de projeto de lei em favor da legalização da interrupção da gravidez; e se agudiza a partir de 2010 onde a questão do aborto foi um ponto fundamental nas disputas eleitorais. 2005 também foi o ano de surgimento da “Frente Parlamentar em defesa da vida contra o aborto”, da “Frente Parlamentar a favor da Família”, e da ONG Brasil Sem Aborto que passou a promover anualmente a Marcha pela Vida e participou da elaboração do Estatuto do Nascituro, cujo objetivo era transferir o momento do início da vigência dos direitos individuais – do nascimento para a concepção.

Flávia Biroli, Rayani Mariano e Luis Felipe Miguel, no artigo “O direito ao aborto no debate legislativo brasileiro: a ofensiva conservadora na Câmara dos Deputados” (2017) também colocam como tal debate sobre o aborto na política institucional brasileira, seja nas campanhas eleitorais, seja no parlamento, tem tomado a forma de uma ofensiva conservadora, que tem em muitos casos – e cada

vez mais – se tornado uma atuação retrógrada, isto é, que pretende desfazer os avanços pontuais na legislação e nas políticas públicas.

Essa ofensiva corresponde tanto a uma atuação crescente dos grupos religiosos contrários ao aborto no Poder Legislativo, que vêm dando maior prioridade ao tema nas suas campanhas e na sua atuação dentro do Congresso, quanto ao recuo das posições mais abertamente favoráveis à legalização. Os deslocamentos não estão, assim, contidos apenas nas posições contrárias ao direito ao aborto. Estão presentes também entre as favoráveis, que mobilizam cada vez menos a autonomia das mulheres como valor. O argumento de que o acesso ao aborto é uma questão de saúde pública, sem dúvida relevante, ofusca o entendimento, cada vez mais constrangido nesse debate, de que o aborto é um direito de cidadania das mulheres. Ou seja: todo o quadro do debate no Congresso brasileiro se deslocou para um patamar mais conservador. Nesse ambiente político, defensoras dos direitos das mulheres, dentro e fora do Congresso Nacional, têm se dedicado principalmente a impedir retrocessos numa legislação que já é bastante restritiva. [...] A situação se agravou após a derrubada de Dilma Rousseff. [O governo seguinte de Michel Temer apresentou] um perfil homogeneamente contrário à agenda feminista e os grupos religiosos conservadores são centrais em sua base de apoio. O órgão destinado à defesa das mulheres foi rebaixado na hierarquia do Poder Executivo [de ministério virou secretaria] e teve à sua frente uma mulher identificada com a agenda cristã reacionária, com posição contrária ao direito ao aborto. No Legislativo, os projetos que ampliam os casos de aborto legal ou descriminalizam de vez a prática foram arquivados ou barrados em comissões legislativas. Em fevereiro de 2015, no início da nova legislatura, havia cinco Projetos de Lei sobre o aborto tramitando na Câmara dos Deputados. Apenas um deles era favorável à ampliação do direito ao aborto (Biroli, et al, 2017: 232-234).

Continuando com o retrocesso, atualmente temos o governo de extrema direita de Jair Bolsonaro, no qual “Orientadas por uma lógica religiosa messiânica, as políticas anunciadas pelo novo governo e a ministra [Damares Alves, ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos] colocam em risco os direitos das mulheres.” (Diniz, 2018), como colocou a antropóloga Debora Diniz em uma entrevista para o jornal *EL País*. Diniz é umas das maiores acadêmicas e militante da área dos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres. Foi ela que, em 2004, junto com a Anis

(Instituto de Bioética fundado por ela em Brasília), encampou uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) para permitir o aborto em gestações de fetos anencéfalos. E que em 2018 se tornou idealizadora de uma nova empreitada no STF, desta vez pela descriminalização do aborto até a 12ª semana de gravidez. Diniz teve que sair do país, aconselhada pelo Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos do governo federal, depois de receber muitas ameaças de morte. (El País, 2018)

Isso é reflexo da institucionalização da guerra à “ideologia de gênero” que está ocorrendo no Brasil neste governo, fruto de uma mobilização histórica transnacional protagonizado pela ala mais conservadora da Igreja Católica em reação à uma série de discussões sobre o direito das mulheres. Campanhas anti-gênero pela América Latina estão incidindo não apenas sobre os direitos reprodutivos, direitos das pessoas LGBT e educação sexual, mas também sobre processos políticos de amplo alcance, como podemos ver aqui no Brasil¹. Daniela Rezende, pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Viçosa (UFV), mostra em artigo do jornal *Brasil de Fato*, que o termo "ideologia de gênero" foi criado justamente para atender a preceitos religiosos, e ainda é utilizado com o objetivo de deslegitimar estudos e mobilizações fundamentais para a garantia dos direitos e da liberdade das mulheres. Ou seja, não existe uma “ideologia de gênero” e sim uma distorção do que são as pesquisas na área, e ao que elas vêm questionar e mostrar (Rezende,2019).

O direcionamento retrógrado do governo foi denunciado em nota pública assinada por importantes organizações de mulheres, como Anis e Cfemea – Centro Feministas de Estudos e Assessoria:

Em seu primeiro pronunciamento internacional, na 40ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU (Genebra/25-02), a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves afirmou, sem pudor, que defenderá “o pleno exercício por todos do direito à vida desde a concepção e à segurança da pessoa”. Isto significa criminalizar o aborto em todas as situações, inclusive nos casos de

¹ Como mostra o documentário “Gênero sob Ataque”, produzido pelo CLACAI (Consórcio Latino Americano Contra o Aborto Inseguro) e lançado no final de 2018. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Aj3St_zUM7M.

gravidez por estupro, risco de morte para a gestante e anencefalia fetal.[...] A ministra Damares ignorou que o Estado brasileiro é signatário, desde os anos 1990, dos acordos globais que recomendam a prevenção de abortos inseguros, a revisão das leis punitivas e o pleno respeito pelos direitos das mulheres aqui elencados, como é o caso dos programas de ação da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento (Cairo, 1994), da 4ª Conferência Mundial de Mulheres (Pequim, 1995) e do Consenso de Montevidéu (Cepal, 2013).

Além disso, no momento em eu escrevia essa monografia, deputados relançaram a Frente Parlamentar em Defesa da Vida e da Família, que conta, de saída, com 250 assinaturas. Como mostrado em artigo da revista *Carta Capital*, o estatuto da Frente, criada originalmente em 2015, foi escrito na época pela atual ministra Damares, e terá como prioridade avançar na aprovação do Estatuto da Família, que define família como núcleo de homem e mulher, Estatuto do Nascituro e PEC da Vida, cujos textos garantem na Constituição o direito à vida desde a concepção.

CAPÍTULO 1

O corpo e suas relações

1. A pesquisa: metodologia e reflexões

Dado o contexto de ilegalidade do aborto no Brasil, são raros os estudos que acessam diretamente as mulheres para conhecer suas experiências e práticas de aborto (Diniz e Medeiros, 2012: 1672). Nesse sentido, surge a importância de ouvir e compreender o que as mulheres sentem e falam sobre autonomia, corpo feminino e aborto [e maternidade], pois, em suas escolhas e relações sociais, as mulheres põem em movimento diversas orientações de valores, que assumem um caráter político ao legitimar ou não a moral vigente (Santos e Silveira, 2017: 306). Ao optar por fazer essa pesquisa com base nos relatos das mulheres, busquei legitimar a importância da aproximação aos saberes femininos, entendendo a necessidade de fornecer mais subsídios às discussões sobre os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Não pretendi buscar panoramas gerais da experiência do aborto no Brasil em um viés quantitativo, e sim ouvir as histórias dessas mulheres passadas através das narrativas de sua experiência, e me aprofundar nos pontos que surgiram nessas conversas para pensar nas principais questões desse estudo: Como se dá a experiência corporal e emocional do aborto em mulheres que o escolheram? Como o aborto é tratado na sociedade em geral e a influência disso na experiência abortiva singular das mulheres?

Para isso, o método biográfico se mostrou como melhor opção, pois a história de vida é representativa de seu tempo, seu lugar e seu grupo social e, desta forma, tem a potencialidade de apresentar os condicionantes dos contextos estruturais e, assim, dizer-nos do social e de seus contextos, ideologias e dilemas (Carneiro, et al, 2018: 140). Como coloca Mirian Goldenberg em “A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais” (2004):

A utilização do método biográfico em Ciências Sociais vem, necessariamente, acompanhada de uma discussão mais ampla sobre a questão da singularidade de um indivíduo versus o contexto social e histórico em que está inserido. [...] Portanto, cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade,

uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve. Se cada indivíduo singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social, é possível "ler uma sociedade através de uma biografia", conhecer o social partindo-se da especificidade irredutível de uma vida individual (Goldenberg, 2004: 34-35).

Assim, o método biográfico permite compreender aspectos subjetivos de processos institucionais, como as pessoas concretas experimentam esses processos e externalizam a época histórica em que vivem (Carneiro, et al, 2018: 141). Os relatos de vida tendo como fio condutor e evento central o aborto vivido, concatena o passado, o presente e o futuro, funcionando como ponto de sentido e reflexão sobre a saúde sexual e reprodutiva. Dessa maneira, como acontecimento central, o aborto [explica e significa] situações de violência de gênero e sociais, mas também estratégias de sobrevivência, [resistência e ressignificação] (idem: 140).

Para direcionar os encontros com as mulheres, fiz entrevistas semiestruturadas a partir de um roteiro de perguntas baseado nas questões corporais e emocionais do processo do aborto (Anexo 1). Também tive como base a pesquisa da Debora Diniz e Marcelo Medeiros "Itinerários e métodos do aborto ilegal em cinco capitais brasileiras" (2012), onde eles descrevem o itinerário abortivo, a trajetória percorrida para concretização do aborto, dividida em etapas que se iniciam com a constatação do atraso menstrual e a suspeita da gravidez até os cuidados pós-aborto. Todo esse processo perpassa muito a relação da mulher com seu corpo. Desde o entendimento do seu ciclo menstrual, da sua sexualidade, à percepção corporal da gravidez, o grau de incômodo com a dor e o sangue, até os cuidados com o corpo pré e pós aborto. Essa relação também é diretamente ligada e influenciada pelas emoções e sentimentos de cada parte desse processo. Por isso, acredito que pesquisar o aborto por meio de análise de narrativas é algo que se encaixa. Em seu artigo "Antropologia, narrativas e a busca de sentido" (1999), Sônia Weidner Maluf coloca a narrativa como forma de interpretação da experiência individual e coletiva, como veículo de sentido, e que em situações onde predomina o trabalho corporal, como o aborto, o corpo é lido como um texto que conta a história pessoal:

É preciso levar em conta a experiência singular (ligada a uma dimensão coletiva e social) e o significado dado a essa experiência por sujeitos singulares. [...] O que interessa é, de um lado, pensar a variedade e a riqueza observadas como parte de um processo ao mesmo tempo subjetivo e social e, de outro, o exame da situação de enunciação ou de performance e da própria narrativa em sua totalidade. O objetivo é buscar os sentidos, os significados da narrativa e da situação narrativa (interpretar não somente o que foi dito, mas o que foi dito nesta situação precisa), buscando inseri-los no contexto mais amplo de itinerários pessoais e coletivos. (Maluf, 1999: 71-75)

Por receio da ilegalidade do aborto e da conseqüente exposição das entrevistadas, eu comecei procurando apenas mulheres bem próximas da minha convivência, comentando nos espaços que eu frequentava sobre a pesquisa. Porém depois de três entrevistas estagnei. Pensei melhor e achei válido expor a procura em alguns grupos diversos confiáveis de mulheres no WhatsApp. A partir daí, muitas mulheres, me procuraram querendo conversar, contar suas histórias. Entrevistei nove mulheres, tive conversas extremamente íntimas e sensíveis com elas, gerando um material muito rico em possibilidades de análises. Tive acesso a mulheres com histórias muito fortes, de várias maneiras, que viram nessa pesquisa algo importante e necessário, um canal de diálogo e reflexão sem julgamentos, com pretensões de reverberar de forma a ajudar em alguma mudança nas estruturas sociais que fazem parte das suas experiências como mulheres no mundo.

Percebi que o melhor jeito de acessar as entrevistadas e suas complexidades era deixando claro o intuito da pesquisa e que aquela conversa era entre mim e elas apenas, criando um ambiente onde se sentissem à vontade para falar sem medo de serem julgadas. Para minha surpresa, a maioria das mulheres queria falar e se abriram de formas surpreendentes. Quais as razões dessa abertura e disponibilidade e a procura para contar sua história? Acredito que primeiramente, uma vez que é uma mulher, falando com outras mulheres sobre “coisas de mulher”, possibilita que se tenha um maior acesso a elas, permitindo uma aproximação. Esta aproximação é essencial para construir um sentimento de confiança, já que este tema evoca questões da intimidade, especialmente relativas à sexualidade, e também desperta profunda sensibilidade em algumas mulheres (Tussi, 2010: 31).

Também determinante, foi a minha relação com as entrevistadas, de todas as nove mulheres, apenas com uma eu não tinha uma relação prévia. Todas as outras eu já conhecia e convivia, algumas com mais frequência outras menos. Além disso, todas se aproximavam de mim contextualmente: brancas, classe média (apenas duas de classe popular), heterossexuais, com ensino superior completo ou cursando, faixa dos 20 anos (apenas duas mais velhas) e em contato com as discussões e demandas do movimento feminista. Assim, no momento da entrevista as mulheres estavam à vontade para falar, e não demonstraram preocupação em serem julgadas, mostrando confiança em mim. Isso se mostrou tanto na abertura e vontade de falar, quanto na despreocupação com as questões de cuidado prático da entrevista, como a gravação e o esclarecimento da confidencialidade de seus dados. Diferente, por exemplo, da pesquisa da Fernanda Pivato Tussi “Aborto Vivido, Aborto Pensado: Aborto Punido? As (inter)faces entre as esferas pública e privada em casos de aborto no Brasil” (2010), onde ela reflete sobre a recorrente não aceitação em participar da pesquisa, e sobre como uma abertura maior se deu com suas entrevistadas justamente por ela não fazer parte de suas redes de relação.

Pelo convívio com o ambiente acadêmico, minhas entrevistadas mostraram-se já habituadas com tais procedimentos, como se já esperassem que se daria dessa forma. Por parte das mulheres das classes populares, houve a necessidade de me explicarem sua condição socioeconômica, para deixar claro seu contexto e traduzir para mim sua realidade. Tal necessidade não se mostrou por parte das duas mulheres mais velhas.

No caso da minha pesquisa, eu senti que por serem mulheres as quais eu já conhecia, de ciclos e contextos sociais muito próximos aos meus, houve uma identificação comigo e a não sensação de haver uma dimensão de poder entre nós, e a partir daí as circunstâncias da entrevista foram permeadas pela liberdade da fala. Salvo pelas entrevistas com as duas mulheres de periferia, no qual o sentimento de liberdade de fala também foi perpassado pela importância para elas da colocação de que a experiência delas no mundo é diferente da minha. Esse momento foi muito importante, tanto para as mulheres que tinham acabado de abortar, como para aquelas que abortaram há um tempo. Um

espaço onde elas se sentiram à vontade para falar sobre sua experiência, e junto a isso relembrar e pensar sobre ela, permitindo-se demonstrar as emoções que esse processo trazia no momento, o choro, o alívio, a raiva, a angústia, a alegria, foram evidentes. Algumas contaram como se prepararam antes para entrevista, voltando nas lembranças aos lugares importantes desse evento. O sentimento de gratidão pelo momento compartilhado foi evidente nos abraços e falas ao final da entrevista. Esse dado de campo se mescla com as importantes colocações sobre como o tabu do diálogo sobre o aborto foi presente na sua vivência, o qual discorrerei melhor no terceiro Capítulo.

A proximidade dos discursos feministas se mostrou no fato de elas expressarem o quanto achavam importante tal tipo de pesquisa, tanto pela voz dada às mulheres, quanto para a repercussão positiva dos esclarecimentos advindos da produção de dados para as demandas dos direitos reprodutivos e sexuais do movimento. Elas expressaram sentir que ao agrupar suas narrativas a um grupo de mulheres de vivência semelhante, a pesquisa dava sentido coletivo a sua experiência e assim a valoriza. São as experiências passadas, baseadas na biografia de cada indivíduo, que darão significado às ações em um mundo vivido coletivamente (Tussi, 2010: 20).

É importante ressaltar que a experiência do aborto geralmente é pouco compartilhada, sendo esse tema quase um tabu no sentido de relatos de experiência, o que não significa que não seja um ato refletido. É justamente na reflexão sobre a própria experiência de um sujeito no mundo que o sentido emerge (Tussi, 2010: 104-18). Por isso, o momento da entrevista também foi uma oportunidade para elas se expressarem e refletirem sobre essa vivência. O silenciamento social que faz parte de todo o contexto do aborto influencia diretamente a forma como ele é vivido, como falarei melhor no Capítulo 3. No contexto de ilegalidade penal e moral, a possibilidade de dialogar à vontade sobre o aborto em sua vida, traz um sentido quase terapêutico à entrevista, e por isso influencia a abertura das mulheres nas narrativas, como Maluf e Tussi comentaram:

As narrativas de vida trazem fortemente essa dimensão de desvendamento ou de revelação da pessoa, dando um sentido a sua experiência. [...] Essa necessidade de

contar é fundamentalmente um ato interpretativo, onde o indivíduo reflete sobre sua própria história e lhe dá um sentido. [...] Ainda mais, a própria capacidade de relatar essa história pessoal torna-se também um signo da transformação ocorrida. Essa capacidade de auto-reflexão não seria, aliás, um dos objetivos do trabalho terapêutico? (Maluf, 1999:76-77)

Uma das mulheres que entrevistei me comenta que é bom dar entrevista, pois “é como uma terapia”. A própria configuração da pesquisa, constituindo uma “pesquisa sobre aborto” já consolida certa situação quase terapêutica, o que pode influenciar as narrativas (Tussi, 2010: 30).

Assim, como Maluf coloca, a leitura e a reflexão antropológica que tomam essa narrativa como objeto, tornam-se, assim, a interpretação de uma interpretação.

A diferença é que, se a interpretação contida na narrativa de vida visa a história individual, o objetivo da interpretação antropológica é alcançar os conteúdos e os sentidos sociais da experiência. [...] É preciso pensar a narrativa como produto de uma multiplicidade de interferências, das quais algumas aparecem no próprio contexto de sua enunciação. Isso nos remete à noção de multivocalidade e, portanto, a uma leitura que saiba escutar as múltiplas vozes que se exprimem no interior da narrativa. [...] Existe, em toda narrativa de vida, uma problemática central, um fio que ajuda a tecer o itinerário narrado. Encontrar esse fio, discernir essa problemática é também um dos propósitos do empreendimento antropológico. (Maluf, 1999: 77-78)

Alguns cuidados foram tomados tanto para gerar essa relação de conforto e confiança entre mim e as entrevistadas, como para proteção delas e de suas histórias². Primeiramente, mostrei que a entrevista podia ser feita no melhor momento e lugar para elas, foram escolhidos desde a casa delas, até minha casa e lugares públicos. Antes de começar a entrevista, eu perguntava se podia gravar, deixando claro que aquele diálogo seria só entre nós, e que ela podia pedir para parar a gravação a qualquer momento. Além disso, deixava claro que não precisava se preocupar em ocultar nomes ou dados biográficos, pois no momento da

² Pesquisadores não possuem direito de proteção ao sigilo e confidencialidade dos dados em caso de uma investigação criminal.

transcrição eu apagaria tais informações e deletaria a gravação ao final. Nenhuma delas negou a gravação, e mesmo nos momentos onde se emocionaram, não quiseram parar de gravar. Os nomes e dados pessoais das entrevistadas foram trocados por nomes fictícios. Além disso apaguei as gravações em áudio e as conversas para marcar o encontro no WhatsApp.

Para me preparar para o campo, procurei referências de estudos que utilizassem como metodologia entrevistas, e com mulheres de perfil semelhante à do meu estudo. Acabei achando pesquisas desse perfil na área da Saúde Coletiva, Psicologia, Enfermagem, e algumas vindas da Antropologia. Após o campo, durante a análise dos dados, pude perceber as semelhanças e divergências entre tais pesquisas, entre si e comparadas com a minha, tanto pelo foco de análise quanto pelo contexto das mulheres acessadas, o que foi muito produtivo para pensar a relação entre o aborto nas experiências individuais e a estrutura social. Assim, continuei utilizando-as como referência para escrita dessa monografia (Santos e Silveira, 2017; Beraldo, et al, 2017; Santos, et al, 2014; Carneiro, et al, 2017; Motta, 2008; Tussi, 2010). Além disso assisti alguns documentários nessa mesma linha, onde mulheres dão seus depoimentos sobre seus abortos³.

Portanto, a partir das histórias das mulheres e seus abortos, busquei o entendimento delas acerca de seus corpos e sua experiência, chegando em como o aborto toca o imaginário feminino. Indo do processo singular ao processo coletivo para ver até que ponto o que a mulher entende sobre si reflete em uma possível prática de aborto.

A partir dessa base, estruturei minha escrita e linha de pensamento de acordo com os principais pontos colocados pelas mulheres que entrevistei. Achei importante seguir isso, para tentar trazer ao máximo **suas** contradições e subjetividades perante a estrutura social. Foquei nos pontos que pareceram ser os mais tocantes para elas, para manter a reverberação da experiência delas em minha escrita. Aqui ainda nesse Capítulo entro nas questões teóricas das relações de poder

³ *Clandestinas* (2014), de Fadhia Salomão e Renata Corrêa; *Uma história severina* (2005), de Debora Diniz e Eliane Brum; *O Aborto dos Outros* (2008), de Carla Gallo; *Fim do silêncio – um filme sobre o aborto inseguro* (2008), de Thereza Jessouroum.

que perpassam os corpos das mulheres e de como as emoções se relacionam com isso. No Capítulo 2, começo a apresentar as mulheres participantes dessa pesquisa, e mostrar seus relatos, descrevendo nesse ponto os principais momentos do processo abortivo. No Capítulo 3, analiso como esses momentos foram perpassados negativamente pelo marco criminal do aborto. E finalizo no Capítulo 4 mostrando o outro lado dessa cultura do aborto, a rede de mulheres que esteve presente nos relatos que acessei, e como essas mulheres ressignificaram suas experiências abortivas.

2. **Mulher(es), corpos, emoções e poder**

O aborto é um tema-chave porque levanta a questão ‘quem tem poder sobre os corpos?’
(Butler, 2019)

Grande parte dos significados e representações dados aos corpos em nossa sociedade, e que permeiam nossas experiências, está ligado as estruturas de sentido que mantem as relações hierárquicas entre as diferenças, corporais e sociais. A divisão das realidades sociais entre os corpos de mulheres e de homens fazem parte dessas estruturas que foram construídas historicamente e naturalizadas.

Em pleno século XXI, assistimos a uma proliferação surpreendente de discursos que reafirmam tal divisão. [...] Parece haver uma necessidade premente de demonstrar e comprovar como teríamos marcos naturais intransponíveis que assegurariam uma distinção radical entre os gêneros, traduzida em termos de características vinculadas ao sexo biológico (Rodhen, 2001: 14).

Como coloca a antropóloga Fabíola Rodhen em seu trabalho “Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher” (2001), esse fenômeno reflete a determinação das contingências políticas e culturais na configuração dos focos centrais de interesse de nossa sociedade que têm origem na construção do dualismo entre natureza e cultura. Rodhen analisa a construção de uma determinada concepção de diferença entre os sexos e os gêneros que se produz no contexto das significativas transformações socioeconômicas que caracterizaram o século XIX, e que repercute até hoje no enquadramento dos corpos. Para ela, perceber como historicamente tem havido transformações no que se diz sobre cada

elemento do par natureza/cultura e mesmo sobre o tipo de relação estabelecido entre eles pode ser uma das chaves principais para se entender o funcionamento do que chamamos de sociedade moderna:

Há um incessante anseio na história de nossa sociedade por clarificar áreas consideradas problemáticas ou instáveis em nossas representações, como seriam os domínios da natureza, cultura e gênero. A preeminência e a constância de dicotomias ou de características oposicionais representariam tentativas de resolução dessa necessidade. Dicotomias como homem/ mulher ou natureza/cultura, mas também campo/cidade, matéria/espírito, corpo/mente, público/privado etc., têm uma história particular, relacionam-se entre si e se transformam com o passar do tempo, demonstrando que não se trata de simples hierarquias lineares ou estáticas. Aliás, é exatamente a possibilidade de os limites tornarem-se vagos ou fluidos que provoca maior interesse, na ciência especialmente. É como se a manutenção da ordem social dependesse dessas tentativas de clarificação. (Rodhen, 2001: 221)

A diferença percebida entre homens e mulheres faz parte do conjunto de temas centrais a partir do qual cada sociedade pensa a si mesma e propõe suas formas de organização social. E, evidentemente, estão intimamente relacionadas com muitos outros fatores que imprimem as marcas características de cada forma de organização social. Estas concepções, ao mesmo tempo em que são determinadas por esses outros fatores, também interferem neles, influenciando nos possíveis caminhos a serem seguidos.

A autora analisa como algumas dessas diferenças se cristalizam durante o século XIX, quando a medicina passa a ser definida como a grande ciência capaz de traduzir para a sociedade os desígnios naturais, com base em métodos considerados objetivos e racionais. Naquele período se construiu a ideia de que eram os médicos que podiam discursar quase que exclusivamente sobre a diferença sexual, concebida como eminentemente biológica. Juntamente, a medicina passa a se preocupar de maneira mais intensa com o campo da sexualidade e da reprodução, gerando uma aproximação com o Estado, que também focava nessa questão na época. As grandes descobertas científicas que marcaram o século

reforçaram a ideia de que a partir da observação da natureza poder-se-ia chegar à verdade dos fatos, e geraram prestígio a ciência médica, com isso uma crescente oficialização de seus dizeres pelo Estado e pela sociedade. A ciência médica-biológica virou a legítima dona dos instrumentos, das chaves de compreensão sobre os corpos, e assim obteve o importante papel de mostrar para a sociedade aquilo que a natureza deixava evidente nos corpos.

O argumento central, baseado em supostos dados naturais, perpassa a distinção, de caráter biológico e pré-determinado entre os sexos. Homens e mulheres seriam naturalmente distintos nas suas características físicas, morais e psicológicas, portanto suas funções sociais seguiriam o mesmo grau de determinismo que suas funções fisiológicas. [...] A um determinado corpo corresponderia um determinado tipo de comportamento. As principais características dessa diferenciação partem, sobretudo, da associação entre a mulher e a maternidade e a análise das desordens decorrentes das tentativas de rompimento dessa separação desses papéis (Rodhen, 2001: 14-19).

Porém, a abordagem antropológica, como escreve a antropóloga Sonia Weidner Maluf em seu trabalho “Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas” (2002), busca desnaturalizar o que é visto como dado pela natureza — seja isso uma regra de comportamento e de classificação social, seja a própria noção de corpo — e mostrar as dimensões sociais e simbólicas desses fenômenos.

Não negando a existência do corpo também como dado biológico. No entanto, segundo a autora, esse corpo, construído pela biologia ou pelas ciências biológicas ou médicas, não é dado para a antropologia. Ele só passa a interessá-la na medida em que for para pensar o discurso científico e a forma como as diferentes ciências constituem seus objetos — também construções sociais e culturais e produzidos no interior de um sistema cultural (Maluf, 2002: 98).

No final do seu livro, Rodhen analisa o fato de como esse papel científico de desvendar para a sociedade o que a natureza dos corpos evidencia, já estava desde o início e em alguma medida permeado pelas concepções culturais:

Aquilo que percebiam como natural já era fruto de suas visões de mundo, de suas noções morais, de suas referências sobre as relações de gênero. É considerando-se esse aspecto fundamental que se compreende por que a delimitação do que era do âmbito da natureza e da cultura adquire tamanha importância. Contudo, deixavam de reconhecer que suas observações dos chamados ‘dados naturais’ estavam condicionadas as suas próprias expectativas, como personagens imersos em um determinado contexto social fortemente marcado por uma hierarquia entre os gêneros que se baseava na distinção entre as esferas privada e pública e na oposição entre natureza e cultura (Rodhen, 2001: 228).

Sobre essa distinção, Emily Martin, em seu estudo “A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução” (1987), disserta como tal divisão foi ocasionada ao longo do desenvolvimento das sociedades capitalistas, ou seja, no mesmo período a que Rodhen se referencia, onde as vidas passaram a ser organizadas em torno de dois mundos: a esfera pública e a esfera privada. A mulher (principalmente a mulher branca e de classe média) estaria relacionada à esfera privada que ligasse a natureza, e assim ao corpo e ao emocional, dentro da lógica dessas dualidades estruturantes na qual o conteúdo afetivo e a família estariam em primeiro lugar. Já a esfera pública está relacionada a cultura/sociedade e assim à racionalidade e ao homem. Dentro dessa dualidade há uma relação hierárquica da sociedade sobre a natureza, que está na base da dominação dos corpos, e principalmente dos corpos das mulheres, pelo Estado.⁴

Nesse estudo, Martin revolucionou a forma de se pensar essas questões. Através de um largo trabalho de campo entrevistando mulheres de todo tipo, ela parte de uma análise marxista e feminista dos aspectos culturais que pautam as concepções científicas e das mulheres sobre a reprodução e o corpo feminino. Semelhante a esta pesquisa, para buscar como as mulheres são significadas na sociedade, e até que ponto isso afeta como elas próprias se significam, Martin ressalta a analogia entre tais concepções e a forma de organização dominante na nossa sociedade ocidental. Ela analisa como o corpo feminino é enquadrado na

⁴ Para análise sobre associação entre “corpos públicos” e “corpos privados”, ancorada nas noções de corpos sociais e físicos de M. Douglas, relativos à prática atual do aborto no Brasil, ver Tussi, 2010.

lógica da ideologia e estrutura de produção capitalista, pela metáfora do corpo como uma máquina de produzir bebês, onde até os órgãos estariam em relações hierárquicas. Um sistema que teria como resultado a produção de novos seres humanos e no qual qualquer outro processo desse sistema que não tenha esse fim, como a menstruação e a menopausa, é visto como uma falha. Acredito que o aborto também se encaixa nessa definição. Dentro dessa visão, Martin coloca uma das questões mais importantes do seu livro, a ideia de fragmentação do corpo e da pessoa:

As mulheres se auto representam como fragmentadas- carecendo de um senso de autonomia no mundo e sentindo-se arrastadas por forças fora do seu controle [...]. O que as mulheres falam a respeito dos seus corpos nos obriga a olhar para as características de organização social e cultural da experiência que também podem afetar a imagem corporal e levar a fragmentações. [...] Uma das causas dessa fragmentação, são as metáforas científicas que pressupõem que o corpo da mulher – e seus processos, menstruação, tpm, parto, menopausa - está comprometido com a “produção” – o corpo feminino como uma máquina de produzir bebês. (Martin, 1997: 133-299)

Essa fragmentação leva a processos de alienação do funcionamento desse corpo, fazendo parte das engrenagens do controle do corpo feminino pelas instituições sociais, a ciência, o Estado e igreja. Segundo a autora, não é nenhum acidente que fatos “naturais” sobre as mulheres, na forma de alegações sobre a biologia, sejam usados com frequência para justificar uma estratificação social baseada no gênero.

Para aqueles que tentam defender uma ordem social hierárquica baseada na diferença entre os sexos, que por sua vez tem como pilar de sustentação a associação entre as mulheres e a reprodução, é praticamente impossível admitir publicamente um ato como o aborto, que explicitam a recusa da maternidade (Rodhen, 2001: 20).

[Assim, em consequência da noção dessas estruturas] os movimentos políticos feministas, desde sua ressurgência nos anos 1960, carregam a bandeira de que “o pessoal é político”, trazendo à discussão temas como a sexualidade e, com isso, o aborto. Esta seria uma forma de romper com a dicotomia público-privado,

discutindo no âmbito da esfera pública temas relacionados com vida doméstica, familiar e sexual. A problemática do aborto, se por um lado, pressupõe um recorte de gênero específico, pois remete imediatamente ao corpo da mulher. Por outro lado, abre espaço para que haja uma condenação massiva de um gênero específico para um determinado delito com tal relação imediata entre mulher e maternidade (Tussi, 2010: 115-118).

Como podemos ver a reprodução e suas facetas na sociedade são construídas por diversas relações de poder entre corpos, conceitos e instituições, construídos historicamente e perpassando as bases das experiências subjetivas.

3. O sentir

Outra questão determinante que perpassa a experiência corpóreo-sensorial são as emoções, que como vimos também são enquadradas na lógica de divisão social dentro da esfera privada. As antropólogas Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho, em seu livro “Antropologia das emoções” (2010), escrevem como no modo de pensar ocidental moderno, o grupo que ainda hoje é fortemente associado às emoções são as mulheres:

Com seus comportamentos tidos pelo senso comum e pela medicina como estreitamente regulados pelos hormônios, as mulheres seriam mais instáveis emocionalmente e, portanto, menos racionais. De um modo geral, a qualificação de pessoas como mais emotivas revela-se elemento de relações de poder nas quais se justifica a subjugação da parte mais fraca em virtude de seu menor controle sobre as emoções, demonstrando a dimensão micropolítica dos sentimentos (Rezende e Coelho, 2010: 12)

Durante as entrevistas realizadas, percebi que a divisão entre corpo e emoção na subjetividade da experiência vivida não é uma coisa fixa e dada. Falar de vivência corporal, é falar de vivência emocional, ainda mais na questão do aborto. Como as duas autoras colocam, as emoções têm com o corpo uma relação que é permeada sempre por significados culturalmente e historicamente construídos, ou seja, o sentimento não é sentido de forma abstrata nem independente de interações sociais específicas.

Uma vez que as ideias sobre como o corpo funciona são diversas, assim serão também as formas de relacioná-los às emoções. Dessa maneira, o modo como explicamos as emoções tendo origem em certos processos corporais torna-se parte de uma visão culturalmente específica sobre o corpo, da sociedade ocidental, mas não é uma associação universalmente feita. [...] As emoções tornam-se então parte de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiente social e cultural, que são internalizados no início da infância e acionados de acordo com cada contexto. (Rezende e Coelho, 2010: 14)

Para a antropologia, então, as emoções seriam "representações" de uma dada sociedade e inserem-se no rol daquelas dimensões da experiência humana as quais, apesar de concebidas pelo senso comum como "naturais" e "individuais" - a exemplo da sexualidade, do corpo, da saúde e da doença etc. -, estão muito longe de serem refratárias à ação da sociedade e da cultura. Também ligado as emoções está a linguagem, desde muito cedo o aprendizado da linguagem passa a mediar a experiência, de modo que se torna difícil separar o sentimento de sua percepção e expressão, mesmo que esta aconteça apenas para o próprio indivíduo. (Rezende e Coelho, 2010: 15)

Rezende e Coelho mostram como o próprio significado das emoções varia dentro de um mesmo grupo social dependendo das circunstâncias em que se manifestam, e como há consequências sociais e de poder na expressão dos sentimentos nas relações. No contexto do aborto, há a reverberação interna da ilegalidade moral e judicial da experiência, que afeta a forma de senti-la, e expressá-la. Mostra-se assim a dimensão micropolítica das emoções, revelando como são mobilizadas em contextos sempre marcados por relações e negociações de poder em vários níveis (Rezende e Coelho, 2010: 7)

Durante a pesquisa, percebi que um dos pontos relevantes, é como os sentimentos associados pela sociedade ao processo de maternidade e de aborto, fizeram parte das experiências das mulheres, mas muitas vezes não da forma esperada. As mulheres tinham consciência dessas expectativas sociais em relação a formas de sentirem esse processo e, apesar disso, cada uma se relacionou de forma diferente com isso. Isso me mostrou também o quanto racionalizado foi o processo

de aborto para essas mulheres, desde o momento da descoberta da gravidez, perpassando as profundas reflexões sobre seus projetos de vida, sobre a maternidade e o aborto na sociedade e sobre suas sensações e emoções ao longo do processo. Falarei mais sobre isso ao longo da pesquisa. Analisar tal vivência focando na corporalidade, permite religar os aspectos de níveis social, biológico e individual, através dos corpos que sentiram e experienciaram e que são significados pela cultura na qual são informados.

CAPÍTULO 2

O aborto, experiência corporal e subjetiva

1. A trajetória corporal das mulheres

As mulheres- cujas experiências corporais são denegridas e destruídas pelos modelos que sugerem produção fracassada, desperdício, decadência e colapso- trazem literalmente dentro de si subsídios para confrontar a história contada pela ciência, com uma outra história, baseada em sua própria experiência. (Martin, 1987: 303)

Como vimos, o corpo carrega em si diversos contextos que se relacionam em totalidade na forma do indivíduo experimentar o mundo. A trajetória de vida dessas mulheres, que é uma trajetória corporal, é importante para entender quem são elas e como esse corpo e sua subjetividade chegaram e saíram da experiência abortiva. Esse capítulo abordará a relação das entrevistadas com seus processos corporais e a descrição do aborto em si. Para tanto, o organizei de forma que primeiramente coloco como as entrevistadas relataram as diversas ligações com seus corpos. Depois, com base no itinerário abortivo, analiso os relatos sobre o processo decisório e suas facetas, seguidos das experiências do aborto no corpo, e ao final as vivências pós aborto e suas reflexões sobre o corpo que gera.

No encontro com as entrevistadas, eu começava conversando sobre sua relação com seus corpos antes do aborto de uma forma ampla. Algumas relataram suas relações com exercícios físicos e questões estéticas. Também relataram as fases que estavam ou estiveram de autoconhecimento e autocuidado, com a maioria se colocando como no momento tendo uma boa relação e entendimento corporal.

Pela minha criação assim, sempre tive muita liberdade com o corpo, o que eu tinha de vergonha, era mais essas coisas de padrões estéticos da sociedade, tipo tá mais gordinha. Mas nunca tive vergonha de me tocar, de conversar sobre isso abertamente, de falar com minha mãe sobre relação sexual abertamente, uma relação boa. (Hera)

Acho que na verdade sempre foi igual, depois que aconteceu não mudou, sempre tive uma relação boa com meu corpo, muita intimidade sabe, sempre explorei meu corpo de várias formas, nunca tive muito tabu. (Kali)

Eu me sentia bem com meu corpo, me reconectei com ele, porque eu voltei a fazer as práticas de capoeira, circo, balé e ioga. Eu tava sentindo uma energia, e eu não parava, eu tava me sentindo realmente feliz, feliz mesmo. (Lilith)

Na adolescência comecei a prestar mais atenção, me tocar, saber o que é cada parte do meu corpo, me olhar no espelho, porque tem mulher que nem se olha, nem se conhece, nunca viu sua vagina. Então, tipo eu sempre conheci, busquei conhecer meu corpo. (Maia)

Eu era muito jovem cara, então eu não gostava do meu corpo de verdade, nessa fase da minha vida, esteticamente, fisicamente. Eu não era muito conectada com ele, não entendia muito como ele funcionava, de verdade. (Bast)

Outras, ao serem perguntadas sobre suas relações com seus corpos, já começaram falando sobre sua sexualidade e ciclo reprodutivo. Isso mostra como as facetas corporais que são primeiramente acionadas podem ser diversas. Em questão de sexualidade, a maioria relatou processos de autonomia, conhecimento e liberdade antes e após o processo de aborto. Apenas três estavam iniciando sua vida sexual no momento do aborto, as outras já tinham relações sexuais fazia algum tempo.

Eu não tenho problemas com me masturbar, por exemplo, então tipo se eu tivesse com muita vontade, eu sei o que eu gosto, eu sei me tocar e me dar prazer. Então, eu perdi a virgindade com 18 anos, com meu ex-namorado e fiquei grávida dele. (Maia)

Eu tava num processo de descoberta mesmo da minha sexualidade, também só perdi a virgindade com 21 anos. Então demorou, meus processos de descoberta do corpo, da sexualidade foram muito mais tardios, talvez porque como o país que eu venho é mais conservador [Bolívia], tinha toda essa dificuldade as vezes de me perceber, de me achar, me explorar. (Gaia)

Eu tava muito bem resolvida assim, desde que eu conheci meu namorado, muita coisa mudou pra positivo na minha sexualidade, foi uma pessoa que eu encontrei muita segurança e espaço acolhedor pra tipo me descobrir, e a gente já tava há sete anos juntos. (Atena)

Eu sempre fui muito aberta, comecei a me relacionar muito cedo, quando estava muito louca da universidade, com várias coisas acontecendo, eu me acalmava e relaxava meu corpo transando com as pessoas, minha sexualidade era bem livre, em todas as épocas. (Lilith)

Em relação ao ciclo reprodutivo, muitas relataram uma não conexão com seus ciclos e ciclos desregulados. Pude perceber como as noções de sexualidade e ciclo reprodutivo possuem suas generalidades e variantes.

Antes eu sempre tive muita cólica...sempre menstruei muito... nunca me atentei muito as datas...nunca percebi muito assim. (Diana)

Sobre a menstruação, eu venho de um país que é muito conservador, então ainda tem aquelas coisas, é sujo, feio, tem que esconder, estou menstruada, que droga, vou manchar. Parece que você tá errada, se você tá num ambiente, nossa será que alguém tá sentindo o cheiro. Então, tinha pouca familiaridade com meu ciclo... minha menstruação veio muito tarde, comparada com a maioria das pessoas, eu menstruei a primeira vez com 18 anos, e minha menstruação era muito irregular. (Gaia)

Eu nunca dei muita atenção pra ciclo reprodutivo e meu ciclo sempre foi muito bagunçado, então eu não sabia quando a minha menstruação ia descer, não sabia nada. Tipo abaixava a calça, descia, colocava absorvente e pronto. Não tive essa consciência, e sempre sentia muita cólica, de ir pro hospital tomar remédio e soro na veia e tudo mais. (Lilith)

Uma questão interessante foi perceber como individualmente era a relação delas com a dor e o sangue, por tais elementos corporais muitas vezes estarem presentes tanto nas vivências dos processos menstruais, como nos processos abortivos. Muitas, ao relatar o aborto, associaram aos processos menstruais com fim de explicarem o que sentiram, como mostrarei mais para frente.

A maioria delas relatou que a forma de contracepção que usava na época do aborto era camisinha e coito interrompido. Algumas engravidaram ao pararem de tomar pílula anticoncepcional ou em um dia de descuido com a camisinha. Importante pontuar aqui dois casos, o de Bast e o de Diana. Bast conta que tomava

pílula anticoncepcional, mas que parou de tomar assim que sua mãe descobriu, e então engravidou:

Bast: Eu tomava anticoncepcional...minha mãe descobriu e ficou louca... se emputeceu comigo e jogou meus anticoncepcionais fora...aí eu comecei a ficar numa de ah vamos administrar isso...mas não rolava, nós éramos adolescentes...jovens...Eu lembro que eu falei pra ela "Você prefere que eu fique grávida.. você é louca mãe?"

Isso revela um pouco sobre como o tabu relativo à vida sexual ativa feminina pode perpassar a escolha e efetuação da contracepção. Diana também conta sua história:

Diana: É muito louco né...por que tipo é só usar camisinha, é só tomar anticoncepcional... eu falava muito na psicóloga, eu sentia muita raiva dele as vezes...por que tipo assim, a gente sabe né...muitas vezes essa responsabilidade de se prevenir é atribuída a mulher né. E eu acho que foi exatamente isso que aconteceu, a gente estava transando , aí acabou que transou sem camisinha, mas assim, tipo na hora não falei goza fora né, mas subentendesse que sim né...só que aí ele gozou dentro e tipo assim , na hora que aconteceu eu já falei " Cara, poxa vida né, vou ter que tomar uma pílula do dia seguinte..", aí depois que eu falei isso ele tipo nem perguntou sobre isso entendeu, a gente continuou se falando, mas ele nem perguntou " E a você tomou ?", tipo ele não se preocupou com isso... e eu tomei e não funcionou.. Aí tipo assim, depois de não dar certo... ele não se preocupou sabe... e eu senti isso, mesmo depois ele estando comigo, sendo carinhoso, eu senti que eu vivi tudo isso muito sozinha...e tipo assim, ele em momento nenhum se preocupou com isso no começo, de se prevenir e tal, ou de se eu tomei depois a pílula do dia seguinte , entendeu..

Aqui temos duas questões, a da responsabilização da mulher pelos processos reprodutivos, e assim pelo uso de métodos contraceptivos, e conseqüentemente a menor preocupação por parte dos homens. Nesse caso tais questões refletiram gerando um sentimento de solidão em um processo onde apenas parte foi vivida coletivamente, o sexo. Os procedimentos, decisões e conseqüências, para evitar uma gravidez decorrente dele foram individualizados na mulher. Podemos ver que esse ônus vem acompanhando também do domínio

sobre seu corpo. Como coloca a antropóloga Flávia de Mattos Motta, em seu estudo “Sonoro silêncio: por uma história etnográfica do aborto” (2008), fica claro nos relatos que contracepção estava a cargo das mulheres e, se é certo que isso acarreta um ônus, pode eventualmente ser também entendido como um trunfo: o poder de decisão sobre seus corpos (Motta, 2008: 685).

Dentro da minha pesquisa, essa dualidade sobre a solidão de lidar com esses processos sozinhas e poder de decisão sobre esses processos apareceu em vários momentos. A outra questão é a eficácia dos métodos contraceptivos, é sabido que nenhum método possui total eficácia. Diana, ao ter a consciência da possibilidade de engravidar, tomou a pílula do dia seguinte, que acabou não funcionando, o que levou posteriormente ao aborto.

É importante ressaltar que todas as mulheres dessa pesquisa nunca tinham engravidado antes do aborto. Então a experiência corporal e subjetiva de se perceber como passando por mudanças decorrentes de estar gerando em si um outro corpo eram inéditas, como também as reflexões decorrentes disso. Para a maioria, a percepção da gravidez se deu pelo atraso menstrual e o inchaço e dor nos peitos. A maioria fez testes de gravidez de farmácia para a constatação, algumas exame de sangue, e apenas três passaram por uma ecografia. Além disso, para a maioria das mulheres o aborto era algo que tinham vivido há pouco tempo, apenas as duas mais velhas tinham passado por isso muitos anos antes. Apesar disso, não senti diferenças marcantes na descrição da experiência, tanto em detalhes, quanto em emoções. Foi perceptível que passar por essa vivência mudou, em níveis diferentes cada uma, as diversas ligações com seus corpos aqui colocadas, sua sexualidade, ciclo reprodutivo, autoconhecimento e autocuidado, assim como sua noção sobre o aborto e a maternidade, como veremos adiante.

2. Processo decisório

Supõem ou exigem das mulheres que é seu dever desejar, amar e acolher os zigotos como se filhos ou “bebês” fossem. Parecem esquecer que zigotos são apenas possibilidades de vir-a-ser. Esquecem de referir-se à concretude da vivência da mulher, inserida num mundo relacional, onde sua autonomia de levar adiante aquela maternidade possível depende de um intrincado conjunto de situações que afetam saúde, emoção e recursos econômicos os mais variados não somente a si, mas a filhos e familiares. As mulheres, uma vez fecundadas, devem ser obrigatoriamente mães. (Machado, 2017: 31)

O itinerário abortivo começa, segundo Diniz (2012), com a percepção do atraso menstrual, ou seja, com a percepção corporal de que algo está diferente em seu ciclo, e a partir daí a hipótese de uma gravidez, seria o primeiro marco desse processo. Nas minhas entrevistas, eu fiz o seguinte questionamento: “O que você sentiu quando descobriu que estava grávida?”. As principais respostas foram: desespero, medo e tristeza. Sentimentos decorrentes de ter que lidar com a situação que envolvia principalmente dois fatores: a gravidez indesejada para aquele momento e a incerteza sobre a concretização do aborto ilegal e suas possíveis consequências. Para a maioria delas, a descoberta da gravidez já veio com o caminho do aborto escolhido, a maioria nem pensou na possibilidade de continuar, mesmo as que pensavam em ser mães um dia. Ou seja, não houve um momento significativo de dúvida, apenas para uma das participantes foi diferente, como mostrarei adiante. Apesar de em outros momentos, principalmente no pós-aborto, refletirem como teria sido o outro caminho.

Percebi que o momento da decisão pelo aborto é permeado por duas sensações um pouco contraditórias, o da responsabilização pela gravidez e pelo aborto consequente e o do exercício de sua autonomia corporal e reprodutiva. As duas sensações relacionadas a viver esse processo de forma individualizada, mas que são geradas por condicionamentos sociais. Justamente porque essa decisão não é independente do contexto em que se vive, mesmo o aborto ocorrendo em todas os contextos sociais, a forma de vivê-lo muda, e assim, o peso da criminalização também. Apesar de tal peso perpassar todas estas nove mulheres, as mais atingidas foram as que já estavam em situação de vulnerabilidade social, o que não era o caso da maioria das minhas entrevistadas.

Seu contexto, mulheres em contato com discurso feminista, com maior liberdade de escolha decorrente do privilégio de pertencerem a classe média com formação universitária, perpassou toda a vivência do itinerário. Apesar de atingidas pelos sentimentos negativos e contraditórios do contexto social maior que engloba o aborto, elas se amparam na sensação de que o caminho que estavam tomando não era totalmente errado, de que estavam exercendo sua autonomia corporal e reprodutiva e seu direito de escolha sobre sua vida. Como consequência do contato

e reflexão prévia sobre aborto advindo do discurso do movimento feminista e de seus privilégios de classe, a maioria já tinha o aborto como um caminho possível, e a maioria já sabia da existência do Cytotec⁵, o método mais utilizado atualmente.

Alguns estudos (Beraldo, et al, 2017; Carneiro, et al, 2017; Tussi, 2010; Motta, 2008) colocam que as mulheres de camadas populares passam por essa vivência de outras formas- corpos perpassados socialmente por um contexto diferente, e assim diferentes relações com a sexualidade, a reprodução, a maternidade e a família. Porém, as duas mulheres participantes desse estudo pertencentes às camadas populares tiveram muitas semelhanças tanto em relação as formas de pensar esses pontos, como de viver o aborto. As maiores diferenças apareceram na preocupação de como seu contexto tornaria mais difícil sua vivência como mães, com uma amplitude mais coletiva e social de sua situação. Além disso, revelaram o quão importante era mostrar isso para mim, a questão financeira se apresentou como mais problemática, e uma delas passou por dificuldades em acessar o aborto.

Tussi (2010) problematiza essa questão, colocando que tanto o discurso criminalizante, como o discurso de alguns dos movimentos políticos feministas que reivindicam o direito à autonomia corporal da mulher no que tange ao direito ao aborto legal e seguro, e o reconhecimento da autoridade e da capacidade da mulher para tomar suas decisões, partem da esfera pública e interferem na forma de experimentar individualmente o aborto. No caso dessa pesquisa, apesar de nem todas as entrevistadas terem se referido diretamente ao discurso feminista, essas duas condicionantes foram visíveis nas contradições dos questionamentos e sensações. Assim, é posto socialmente para a mulher sua responsabilidade perante a reprodução, desde a contracepção até a gravidez, e tirado seu poder de decisão na hora de recorrer a um aborto. A autonomia de praticar um aborto é influenciada tanto pelas intenções das mulheres quanto pelo contexto em que estão inseridas, no qual, ao mesmo tempo em que há uma fala progressista com relação à prática do

⁵ Estudos brasileiros das duas últimas décadas mostraram que o principal método abortivo utilizado é o Cytotec, nome comercial do medicamento originalmente desenvolvido para o tratamento de úlcera gástrica, cujo princípio ativo é o misoprostol. Tal medicamento começou a ser utilizado para abortar e teve entrada no Brasil nos anos 90, hoje em dia é recomendado pela ONU como um dos procedimentos mais seguros (Diniz, 2012).

aborto, essa fala está inserida em um contexto social de coerção. Apesar de o envolvimento com os debates feministas ter auxiliado na consideração do abortamento e na aceitação da decisão, ele não eximiu de conflitos os processos vividos pelas mulheres.

Um pouco dessa contradição interna sentida e da linha tênue entre responsabilidade e autonomia perante os processos reprodutivos, que envolve tanto a contracepção como o aborto, pode ser expressada na fala de Gaia.

Meu ex-namorado da época falou “O que você decidir eu vou apoiar”. Eu falei “Ah que bom né”. Era como se ele tivesse posto a vida de nós três na minha mão, foi muita responsabilidade, assim pra ele foi muito fácil falar: “Você decide eu te apoio”. Mas ele também era uma pessoa mais jovem, imatura, e também estava na mesma situação, então assim, eu nunca culpei ele, na verdade eu achei até legal ele ter falado o que você fizer eu te apoio.

Voltando ao momento da decisão, eu coloquei para elas a questão: “Como foi decidir por não continuar com a gravidez?”. No geral, para todas, o aborto configurou como a única solução para o problema da gravidez inesperada. Algumas colocaram como tendo sido fácil e outras como difícil esse momento e a partir disso alguns pontos surgiram. A decisão vista como fácil e rápida foi relacionada com o fato de ser algo que tinha que ser feito, como a única possibilidade cogitada. Porém, segundo elas, as reflexões e vivências depois não foram fáceis. Já a dificuldade viria do medo das consequências do aborto, e para algumas a forma como isso perpassaria sua relação com a maternidade, como mostrarei mais para frente.

Foi uma decisão muito rápida assim que eu tomei, porque no momento que eu descobri eu já pensei que teriam dois caminhos. Eu acho que eu nunca cheguei a cogitar o caminho de ter um filho, eu não cheguei a me imaginar, a imaginar essa situação sabe. Eu já pensei na outra situação e fui em direção a ela, então a decisão foi isso assim, foi fácil e rápida, mas né. Depois não foi tão assim... (Diana)

Então, não foi fácil, porque não é uma decisão fácil de se tomar, porque você pode morrer, por exemplo. O auge do perigo é esse, você perder sua vida porque você não quer criar outra por exemplo. Mas tipo assim, não era uma coisa nova pra mim esse assunto de aborto e tudo mais, eu sempre falei: “Se eu ficar grávida em algum

momento eu vou tirar”. E aí quando eu descobri eu não tive nem vontade de falar assim: “Eu quero ter”. Eu só não quis. (Maia)

Em relação aos pontos levantados para explicar o que as levou a tal decisão, observei semelhanças entre as respostas e contexto das minhas entrevistadas e as análises feitas nos estudos colocados acima. As autoras mostram que a maioria das mulheres advindas das camadas médias, abortam em sua primeira gravidez, antes de terem filhos, como é o caso de todas minhas entrevistadas, inclusive as das camadas populares. Além disso, para as mulheres de camada média, a maternidade estaria associada a um momento de maturidade na vida, a fase da vida que completaria os estudos e atingiria sua autonomia profissional e financeira. Viver a maternidade naquele momento atrapalharia seus planos de futuro. O principal ponto foi então não considerar o momento como apropriado, e entre minhas entrevistadas, isso envolveu diversos fatores. Além de interferir no seu futuro, interferiria no seu presente, as fariam ter que deixar de lado e perder conquistas e situações que já viviam. A relação que estavam com o progenitor também foi citado como motivo, ou pela possível ausência do homem, ou pelo fato de ficar presa em uma situação ou em um relacionamento que não queriam, ou que as fazia mal.

Nossa, eu pensava só que ia atrapalhar toda a minha vida, que eu ia ter que parar de estudar, como é que eu ia entrar na universidade, como é que eu ia estudar, eu só pensava nisso...Eu tinha que seguir aquilo que estava sendo construído na minha vida, de estudo, de escola. (Bast)

Significaria perder minha vida assim sabe... que eu ainda não conquistei, ainda não tinha feito nada por mim assim, e eu ia ter que fazer tudo pra uma outra pessoa, sendo que eu não estava nem com a energia pra fazer por mim. (Ísis)

Abrir mão de tudo que eu estava fazendo no momento assim, tipo abrir mão do meu trabalho que me dá o mínimo de independência, e tipo assim, num momento que eu estava completamente despreparada... E a vida do ex-namorado é muito instável, está sempre viajando, tipo, eu ia me foder sacou, eu ia ficar sozinha com a criança, ia viver essa realidade que eu estava, ficar presa nessa história, pro resto da vida... Pra mim, foi muito um karma instantâneo, bota fé? Sabe, você se meteu nessa e aí e agora o que você vai fazer? Eu só falei: “Não, aqui não”. (Atena)

Minha mãe chegava e falava: "É, beleza, vamos ver quem vai te trazer a primeira fralda, vamos ver quem vai te trazer o primeiro leite em casa, quero ver quando tiver aí passando necessidade, quero ver quem é que vai trazer alguma coisa pra você". Aí eu pensei muito saca... (Hera)

A questão financeira foi o argumento mais levantado e está totalmente ligada com não ser o momento de se vivenciar a maternidade, em questões práticas. Esses argumentos surgiram com mais força quando eu perguntei: "O que ia significar ser mãe naquele momento?". Para as mulheres ouvidas neste trabalho, a maternidade, mesmo nos casos em que foi, é ou será desejada, não é concebida de qualquer forma, mas envolve um contexto ideal. Há a noção de que ser mãe é uma responsabilidade muito grande e de que para tal é necessário um contexto material e emocional preparado.

Que você tenha um desenvolvimento pessoal entendeu, que você tenha um desenvolvimento como ser humano, até psicológico, pra conseguir ter uma vida, pra conseguir gerir uma vida, ensinar essa vida, sacou. Eu não tenho como ter esse filho agora também, eu não tenho dinheiro, eu dependo de bolsa do mestrado, R\$1500 não dá pra pagar as contas aqui de casa e cuidar de um filho. Por isso, foi uma atitude totalmente consciente... (Lilith)

Pra mim, é uma questão prática, de ter o que comer na mesa, de ter uma vida merda, ou de poder dar uma vida melhor quando puder ter. (Hera)

Quando me vi nessa situação pensei: "Cara, o que eu vou fazer?". Porque você começa a perceber a responsabilidade que é ter um filho, quando eu decidi, pensei: "Eu sei que vou acabar com uma vida, mas é melhor do que acabar com três, não vou deixar essa criança nascer, se eu deixar eu vou estragar a vida de três pessoas, dela, a minha e a do pai dela". Porque eu não conseguia ver uma harmonia, pensava, como que é que vou criar, a gente vai ter que casar e cuidar dessa criança, você pensa em vários fatores. (Gaia)

2.1 A maternidade como valor no processo decisório

Isso mostrou que para tal decisão é levado em conta todo o contexto, as pessoas que as rodeiam, e a própria qualidade de vida do possível filho, são racionalizados vários pontos envolvidos. Ou seja, não seguem apenas desejos

emocionais individualistas, como é colocado em alguns discursos pró-vida. O que não tira a legitimidade de uma escolha levada também por essas facetas, afinal essas dualidades como vimos se estruturaram historicamente na nossa sociedade muitas vezes como meio de manter certas relações de poder, e o que se dá na experiência vivida é que a linha que separa o racional-emocional e o individual-coletivo, é acionada intencionalmente conforme o contexto. A fala de Lilith exemplifica bem esse questionamento:

Eu senti que era a melhor atitude que eu podia tomar no momento, que foi uma atitude pensada coletivamente, não foi uma atitude individual, eu pensei no coletivo, não foi uma atitude de só eu pensar e querer, foi uma atitude de ver todo o cenário, e esse não é o momento e estou decidida e quero fazer isso, foi uma atitude consciente.

Uma questão mostrada pelas entrevistadas, que se coloca nessa ideia de pensar a maternidade relacionalmente e coletivamente, foi a preocupação de como se daria a própria relação mãe e filho, e dentro disso, como ela poderia exercer a maternidade da forma que acredita ser a melhor nessa relação.

Eu sei que ser mãe é muito difícil, todos os dias, o tempo todo, e é isso que eu não me via fazendo agora. Eu quero ser mãe, eu tenho vontade de ter filhos, mas nesse momento só ia bagunçar tudo, sacou? E eu não ia poder ser a melhor que eu poderia ser pro meu filho sabe. Acho que isso também mexeu muito comigo assim, que eu não ia ser a melhor que eu podia, eu estava em um momento nem um pouco bom, eu acho que eu ia descontar talvez na criança de alguma forma sabe, tipo assim, é um pensamento horrível mas ia ser muito incerto. Eu não achava que eu ia ser justa com ele, não ia ser a melhor pessoa pra ele, do jeito que eu estava... eu cheguei a conversar com ele, falei "Olha não vai rolar e tal, mas não é você, sou eu, agora não vai ser bom pra você estar comigo". (Ísis)

Ser mãe ia significar perder tudo que eu tinha, compartilhar tipo algo que eu não queria com outro ser, talvez me prejudicar, talvez prejudicar também aquele ser, não ter uma boa relação com ele, e deixar minha individualidade pra poder doar pra outra coisa, não queria isso, e ainda ter essa relação que eu não sei se ia ser boa, então tipo não ia ser bom.. (Kali)

Essa preocupação permite relativizar a oposição muito difundida no debate político sobre o aborto, entre o “interesse do feto” e o “interesse da mulher”, uma vez que o aborto muitas vezes ocorre diante da preocupação com a qualidade de vida da futura criança. A polarização entre os interesses da mulher e os do feto, e, até mesmo, a polarização entre o desejo pela maternidade e a recusa da mesma, não fazem tanto sentido nas experiências de muitas mulheres que abortam, uma vez que a maior parte delas não recusa a maternidade de forma geral, mas, sim, em um momento e contexto específicos. Como coloca Ribeiro (2019), esse discurso parte muito de uma personalização dos fetos, o qual corrobora com a visão de que o aborto contrapõe o direito à vida dos mesmos, e como veremos adiante, perpassa muito de forma negativa a forma de vivenciar o aborto:

Se por um lado há um esforço de personalização do feto para defender o direito à vida, por outro, há um discurso de desumanização das mulheres que abortaram. Esse discurso, apoiado tanto pela moral religiosa quanto pela maior parte das autoridades do Estado, investe na humanização do feto, situando-o como alguém de quem a vida foi roubada, e na desumanização da mulher, situando-a como quem atentou contra a vida do(a) próprio(a) filho(a). (Ribeiro, 2019: 64)

Percebe-se que o querer ou não a maternidade interfere na decisão, mas não da forma como o discurso pró-vida coloca, e foi perceptível o peso que o discurso da maternidade compulsória gera ao longo de todo itinerário, mesmo para aquelas que não querem ser mães. Colocarei aqui como para algumas mulheres influenciou o querer ou não viver a maternidade. Para as que pensam em talvez ser mães no futuro, foi pontuado que justamente não levariam a gravidez a frente naquele momento para ter em um momento melhor, que não estariam prontas contextual nem psicologicamente para tal vivência, e para algumas, essa vontade fez diferença na vivência da decisão.

Sabe aquelas histórias de mães que se matam e matam os filhos? Isso é uma coisa que total passou pela minha cabeça se eu tivesse tido o neném...pesado mesmo... porque eu não ia dar conta... eu não queria que isso acontecesse, então, eu precisei resolver antes. Eu não me sentia nem um pouco apta a lidar com a situação de ser responsável por outra pessoa sendo que eu não estava conseguindo ser

responsável nem por mim ainda, e no meio da zona emocional que eu já estava.
(Ísis)

Muito difícil, muito mesmo, é uma dualidade que não tem como, batendo na cabeça, no meu caso realmente quem facilitou tudo foi minha mãe que tomou a frente de tudo, eu briguei muito, chorei muito, falei que eu ia sair de casa, mas depois acatei totalmente...Porque, por mim, tinha decidido ter, até hoje é o meu sonho, eu digo assim que eu agradeço a minha mãe hoje em dia porque minha vida não melhorou nada financeiramente, inclusive piorou, mas no meu caso se não fosse o dinheiro eu acho que naquele momento eu daria o máximo de mim, sempre tive esse sonho até hoje, acho maternidade muito maravilhoso assim... (Hera)

Em relação à maternidade eu nunca me imaginei nesse momento sabe, todas as vezes eu pensei sempre em ter com uns 30 pouco anos assim. Então isso ter vindo agora pra mim foi realmente tipo não planejado num nível, não consegui nem pensar na possibilidade. E por eu não ter me identificado, eu realmente achei que isso não convinha, não era o que eu queria mesmo assim, sabe, tipo eu não consegui e não consigo ainda me imaginar mãe, sabe. (Atena)

É uma condição cultural, tu imaginar, tu sonhar, eu sabia que era menino, eu tinha certeza, aí ficava bem assim, às vezes queria ter, às vezes não, sei lá, ficava nessa oscilação, sentimental... (Lilith)

Para as que expressaram não ter vontade de serem mães, como Kali e Gaia por exemplo, gestação e maternidade nunca foram algo que pensaram em viver e as mudanças corporais e de vida não se encaixariam para elas:

Ter filho pra mim não é algo assim que é ok, eu tenho uma relação com meu corpo, talvez um filho aquela coisa toda e ter aquela barriga imensa, isso me assusta um pouco. Como eu ficaria depois também e de como seria a minha relação de tipo, eu vejo muitas pessoas que tem filho e a relação com a dança não muda, mas não sei comigo como seria e a relação também das pessoas, como elas me veriam. Me assusta um pouco...talvez eu pense mais pra frente, quando eu tiver uma vida um pouco diferente, em adotar, é o mais próximo de ter um filho que eu pense, mas gerar um filho não é algo. (Kali)

Antes de fazer o aborto, eu não tinha vontade de ser mãe, e depois também eu não tive vontade, pensei: “Ah será que era porque eu não queria passar pela gestação?”.

Mas na verdade não foi uma questão, o fato do corpo mudar não era uma coisa que pensei: “Nossa é por causa disso”. Não, era uma questão de ser mãe mesmo. Todo esse tempo, desde que eu me lembro como gente, quando eu pensava em filho e tal, pensava: “Ah não acho que seja algo que eu queira viver”. Mais por conta da responsabilidade, olha acho que não sou responsável suficiente pra ter um filho, isso quando era nova, e depois pensei: “Acho que não cabe muito na vida que eu quero levar”. Não tinha uma vontade como outras pessoas que eu vejo que tem... Gestaçãõ pra mim nunca foi uma questão, sempre achei muito estranho...isso antes até e depois manteve a percepçãõ de que, assim, eu não tinha um preparo pra lidar com isso, acho que ninguém tem. Mas a história parecia ser muito fora do que eu queria viver, porque parece uma coisa bem assustadora né ser mãe, assumir essa responsabilidade. (Gaia)

Como coloca a socióloga Orna Donath em seu livro “Mães Arrepentidas: uma outra visão da maternidade” (2017), encarar a maternidade como uma relação pode nos permitir entendê-la como uma conjunção entre dois indivíduos específicos, nesse caso um indivíduo e um a vir a ser, que mantêm um relacionamento e que tal relacionamento envolve um contexto externo e interno para a mulher querer vivê-lo. A autora revê a visão da maternidade como um papel social naturalmente esperado:

Essa percepção nos permite deixar de lado as abordagens mecanicistas de acordo com as quais todas as mães deveriam se sentir da mesma maneira no que diz respeito a relação com seus filhos. Assim, poderíamos nos referir à maternidade como parte de um espectro de experiências humanas, em vez de um vínculo unilateral no qual as mães são responsáveis pelos filhos e influenciam sua vida sem serem afetadas pela maternidade (Donath, 2017: 222).

As próprias entrevistadas usaram o estereótipo social do que seria o papel da maternidade, a de administradora da responsabilidade, cuidado e afeto do âmbito privado, para explicar seus argumentos, ou seja, realocando a vivência da maternidade para outros contextos.

Eu não me sentia nem um pouco apta a lidar com a situação, de ser responsável por outra pessoa sendo que eu não estava conseguindo ser responsável nem por mim ainda. Eu não tenho estrutura, e eu sou muito filha dos meus pais ainda. Eu

conversei com uma amiga que abortou também, que foi quem me passou o contato, ela falou: "Eu precisava ser mãe de mim mesma antes de ser mãe de outra pessoa.", sacou? E é uma coisa que eu levei muito pra mim. Ser adulto é isso, você ser seus próprios pais. (Ísis)

Não quero ter, não por essa experiência, mas por um pensamento anterior. Eu não quero ter filho não por não acreditar na maternidade, por uma questão só pessoal, eu não quero ter filho por uma questão coletiva, eu não tenho vontade. Já fui mãe do meu irmão mais novo, quando a gente [ela e sua irmã gêmea] tinha 10, 9 anos, a gente cuidava do nosso irmão bebezinho, porque meu pai deixava nosso irmão recém-nascido pra gente cuidar, então nós trocamos fralda. A gente foi nossa própria mãe, porque minha mãe trabalhava a vida inteira, então a gente se criou praticamente, tinha que com sete, oito anos lavar nossa própria roupa, limpava a casa, ter que sair, ir pra escola, fazer tudo, então via as dificuldades. É uma decisão que tomei muito antes, pequena, no colo com 10 anos, pensei: "Não quero, porque eu já estou sendo mãe aqui agora, eu sei que não é uma experiência eterna e tudo mais, mas agora quando essa criança mais precisa eu estou sendo mãe dela". Acho que tem outras oportunidades de viver, de ser, a gente não tem que ser só destinada à maternidade, a gente tem que ser destinada ao trabalho, as vontades, aos sonhos entendeu... (Lilith)

Podemos perceber também nessa fala de Lilith, como a classe altera suas vivências com a maternidade. As duas mulheres da camada popular, Maia e Lilith, mostraram muita semelhança com as mulheres das camadas médias, em questão de entendimento sobre suas autonomias sexuais e reprodutivas, e sobre os pontos levantados para a decisão, como não ser momento ideal, atrapalhar seus futuros e a questão financeira. Porém, a forma de colocá-los teve mais ênfase em seu contexto social e como ele perpassa esses pontos. E veremos depois as dificuldades maiores enfrentadas nos outros momentos do itinerário abortivo.

Uma das coisas principais pra mim foi que eu vim de uma realidade muito pobre, entendeu? Eu vi escassez, eu passei fome quando era criança, eu vi um pai não querendo cuidar de três filhas, minha mãe tendo que trabalhar com limpeza. Toda essa questão de estrutura familiar que envolve, eu fui filha de mãe solteira e eu agradeço por isso, mas eu sei qual é a importância de um papel masculino também nesse processo. Então acho que uma das decisões principais pra abortar foi pensar

na minha realidade, não queria ter esse filho agora, não era o momento, eu tinha acabado de entrar no mestrado, imagina. Eu sou a primeira filha formada numa universidade da minha família. Minha vontade também, se eu tivesse dinheiro era fazer outras coisas, era viajar o mundo, mas a realidade social puxa a gente pra baixo. Então tem uma questão de tipo assim, olhar de onde eu vim, olhar de onde meus pais vieram e representar, porque eu sei que eu tô na universidade porque outras pessoas lutaram por mim, porque é orgulho pra minha família. Uma coisa que também me pesou nesse processo foi que não quero ser mais do mesmo, tipo minha mãe que engravidou com 20 e poucos anos e eu vou reproduzir sendo que eu tive outro acesso. Vendo o que ela passou, eu vou fazer diferente, foi uma questão consciente. (Lilith)

Sobre essa diferença da vivência segundo a camada social, estudos que tiveram como referência mulheres de diversos tipos, como Tussi (2010) e Diniz (2012), colocam que:

É importante ressaltar que as mulheres que interrompem a gestação não compõem um perfil social específico, pertencendo a um determinado grupo social. Há variações para tais pertencimentos, porém, para além de segregações como classe, geração, faixa etária, raça, escolaridade, ou estado civil, há um contexto mais amplo, que irá informar sobre a experiência de aborto em cada situação. Este contexto refere-se às relações que envolvem a mulher, bem como o tempo e a situação em que ela se encontra. Nesse sentido, o que está em jogo é uma condição de gênero, pois é o abrigo comum a essas mulheres (Tussi, 2010: 132).

O processo decisório, então, é permeado pelas trajetórias dessas mulheres, formada por conceitos de autonomia, reprodução, maternidade e família, como foram vividos e pensados e como eles se articulavam no momento da gravidez inesperada. Formando um contexto multirelacional no qual as mulheres julgavam não ser apropriado para encaixar a continuidade da gravidez e suas consequências em suas vidas. Contexto esse que leva em conta seu contexto social, a etapa de sua vida, seu estado psicológico, a relação com a vida que geraria, a estrutura prática necessária, a situação com o progenitor, seus planos futuros de vida, além da própria vontade ou não de ser mãe. Mostrando assim, no caso dessa pesquisa, tanto a interferência externa dos discursos de âmbito público, como os aspectos

singulares das vivências individuais de cada. Podemos ver que o fator criminal do aborto e a maternidade compulsória só influenciaram de forma a trazer sentimentos negativos, mas não a ponto de fazê-las optar por algo que não queriam viver, no caso a maternidade.

3. O aborto no corpo

Também aprofundi com minhas entrevistadas como foi o processo do aborto em si, em suas sensações corporais e subjetivas, e como se articulou o meio ao redor desse evento. Apesar de ser uma experiência bem íntima, as entrevistadas não tiveram problema em relatar com detalhes essa parte do processo. Um dos momentos mais problemáticos é o tempo entre a decisão de abortar e o acesso ao método abortivo, e tal tensão se dá justamente pelo contexto criminal do aborto, como veremos no Capítulo 3.

O método que utilizam nessa parte muda completamente a experiência, pois altera corporalmente como o aborto se dá. Entre minhas entrevistadas sete usaram o medicamento Cytotec como método, ou seja, apenas duas seguiram outro caminho, uma por curetagem em clínica- que optou pela gestação estar avançada-, e outra por um procedimento alternativo que não soube explicar direito.⁶

A maioria tinha pouco tempo de gestação quando realizou o aborto, apenas duas relataram estar próximas dos três meses. Todas as mulheres estavam acompanhadas no momento do procedimento, por seus companheiros, amigas ou familiares. Entre todas as mulheres, três foram parar no hospital, e duas sofreram violência hospitalar- esses pontos detalharei melhor no próximo Capítulo.

Entre as que usaram o medicamento, Bast foi aconselhada a tomar uma cerveja preta e Kali, antes de conseguir a medicação, tomou vários chás descritos como abortivos na internet. Quatro foram aconselhadas e tomaram uma outra medicação 24 horas antes para evitar o enjoo, chamada mifepristona. Além disso, duas tomaram remédios para dor. As doses do Cytotec variaram entre cada uma,

⁶ É possível, de acordo com a descrição feita por ela, se tratar de um método chamado solução salina, que consiste na injeção de solução salina concentrada para dentro do saco amniótico através de longa agulha. No caso dela uma enfermeira aposentada foi até sua casa para realizar o procedimento.

como também a opção por tomar sublingual ou intravaginal ou os dois. A posologia variou conforme a fonte do remédio, por indicações de pessoas próximas ou pesquisas na internet. Entre essas mulheres, três compraram pessoalmente com alguém indicado por conhecidos e quatro compraram diretamente na internet.

Creio que aqui chegamos a um dos momentos mais importantes das entrevistas. Após cada uma detalhar seu processo, foi na próxima pergunta que percebi as sensações e momentos cruciais que fizeram parte da maior parte dos abortos relatados: “Quais as suas principais lembranças desse momento?”. A partir daí, identifiquei quatro pontos levantados: a dor, o sangue, o alívio e o momento com o outro corpo. Tais relatos se referiram às formas de sentir a menstruação ou ao parto, mesmo elas nunca tendo passado por essa experiência. Algumas das outras sensações corporais relatadas foram tremedeira, diarreia, oscilações de temperatura e pressão e enjoo. A maioria relatou dor intensa, comparada à uma cólica menstrual mais forte e em média foram sentidas por um a três dias.

Foi a pior coisa que já existiu, tipo um parto forçado, contrações muito fortes, o útero contraindo muito pra expelir...com a dor rolando mais ou menos uns sei lá... três dias assim....muita dor sinistra assim, pior dor de todas assim... (Ísis)

Uns três dias depois eu senti uma cólica muito forte...tipo eu sempre sinto cólica.... mas essa cólica foi muito forte. (Diana)

Foi a maior dor de todas da minha vida, inexplicável, eu pedia pra morrer, eu gritava lá em casa, na hora que eu me levantara assim que eu sentia. Imagina a cólica que a gente sente pra descer só o sangue e a cólica que eu senti desceu uns bifões assim, pedaço de carne, porque descola o útero inteiro, descola a parede toda e tudo desce. Muito rápido, comecei a sentir muita dor, muita dor. Minha amiga ficou louca, começou a chorar junto comigo dentro de casa e ligando pra minha mãe e eu gritando de dor. Nunca vou conseguir explicar, desmaiar de dor, cair de dor, vomitar de dor, inexplicável, gente se o parto for perto disso fodida. Dor, tanto física quanto mental, mas a física... ó eu já tive apendicite, já tive pedra na vesícula, já fiz cirurgia de tudo isso, nada se compara a essa dor que eu senti... (Hera)

Eu passei muito mal, eu senti muita dor, eu não sei como é a dor do parto que eu acho que deve ser a mesma. Mas até hoje foi a pior dor que eu já senti na minha vida, uma dor insuportável, tipo uma cólica fodida... (Maia)

Já o tempo lidando com o sangramento foi relatado como mais longo, pois mesmo depois do outro corpo ser expelido, estas mulheres ainda ficaram um tempo sangrando, de uma semana, quinze dias, a um mês.

Algumas horas depois comecei a sangrar. Tipo um fluxo normal assim de menstruação... e fiquei quietinha assim três dias sangrando, até rolar. Depois, ainda ficou alguns dias.... como se fosse uma menstruação, o fluxo assim igual... (Diana)

Muito sangue, tipo, de poucas horas trocava um absorventão, e muito sangue, e aí saíram vários coágulos gigantes. (Ísis)

Eu fiquei uns 15 dias sangrando, e tipo muito sangue porque eu só usava absorvente noturno por exemplo, aí foi passando depois. (Maia)

Foi acontecendo a coisa toda, começou a sangrar muito e sair as coisas todas...porque é muito sangue. Vi muita coisa, parecia que o tempo todo tava caindo tipo fígado esmagado assim. Aí fiquei mais ou menos umas duas semanas sangrando, na primeira semana era muito sangue, e na segunda, sanguinho pouquinho assim. (Kali)

O momento mais marcante, tanto por ser o momento onde dor chega em seu ápice, quanto pela sensação corporal nova, é quando elas sentem expelindo a maior parte do fruto do aborto, o outro corpo. Segundos os relatos, seria uma sensação diferente do sangramento que já estava acontecendo. Como conclui Diniz (2012) em sua pesquisa sobre o itinerário abortivo:

As narrativas de dor e sofrimento são compartilhadas por todas as mulheres, sendo particularmente marcante a expulsão do que elas chamam de “bola”, em geral no vaso sanitário. As que não suportam as dores, ou após muitas horas de sangramento sem expulsão, procuram os hospitais ao amanhecer. (Diniz, 2012: 1678)

Esse momento é permeado pelas contradições de sentir que deu certo o aborto, a sensação boa do alívio e a mistura de sensações de lidar com o corpo

estranho expelido, que viria a tornar-se um ser. Esse momento e essa imagem foram relatados como muito marcantes.

Saiu tudo...saiu um feto...eu fiquei muito mal, cara.... Me senti o pior ser humano do mundo, eu queria morrer... Foi uma imagem que me perseguiu durante anos, mas eu tinha muita certeza do que eu tava fazendo ao mesmo tempo, sabe... Então, de certo modo foi, um conflito mesmo, real de vida... ao mesmo tempo que eu sentia isso, eu tinha certeza que eu não ia ser mãe, sabe...eu sabia que eu tinha feito o melhor. (Bast)

Desceu uns pedacinhos de carne do útero, era tipo vários pedacinhos daquele sangue bem coagulado, minha sensação é que tava descolando o bicho todo, e era exatamente isso, descolando aquelas paredes todas ali, desceu tudo. (Hera)

Nesse dia, que senti cólica muito forte, quando eu fui no banheiro meio que tinha uma bolsinha assim de sangue... Aí eu entendi que tinha dado certo assim né...tipo não sei se já chama de placenta sei lá... Eu até peguei uma régua pra ver... porque quando você menstrua sai umas coisas né, sai umas camadas do útero né, que é mais viscoso assim, que é meio sólido... Aí eu fui ver se era isso ou sei lá se era outra coisa... Aí eu vi que era outra coisa e entendi que tinha dado certo. Nesse dia eu chorei muito assim... porque é estranho né...você ver assim... e entender que deu certo sabe... que é isso... que rolou... (Diana)

Saíram vários coágulos gigantes e eu achava que já era aquilo, até que um dia eu senti sair, como se fosse um cocô enorme, tipo era do tamanho da minha mão assim, muito grande, aí eu peguei na mão e fiquei tipo pedindo muita desculpa, foi muito sinistro.. Eu chorei muito, na verdade eu senti ao mesmo tempo um alívio muito grande sabe, tipo não ter essa responsabilidade pro resto da vida, mas um vazio sabe...Depois eu enterrei ele em um parque e coloquei um cristal em cima (Ísis)

Acho que foi nesse momento que o feto saiu, muita dor, fiquei no banheiro um tempão. E aí teve uma hora que eu senti sair algo pela vagina, sabe quando você tá menstruada e sente o sangue saindo? Então, uma sensação tipo essa, mas um pouco mais densa, porque era uma coisinha saindo, e aí foi isso, e foi pelo vaso. (Maia)

Eu senti uma contração muito forte, aí teve uma hora que caiu um pedaço meio que de carne com sangue, muito escroto. Aí eu peguei na mão, e vi assim, fiquei mó tempão, aí bateu um peso mental mesmo, fiquei mexendo até, me acostumando com essa ideia também que eu tava expulsando alguma coisa que poderia ser... Porque ele tinha uma forminha meio que de já... muito estranho...eu tenho até foto. Eu senti um alívio muito grande, não tem quando a gente ta menstruada, e você sente que sai de dentro de você uma bolha de sangue? É isso que eu senti, mas uma bolha muito grande, tipo ui saiu. Aí no outro dia, saiu o resto, uma parte, saiu mais que no primeiro dia. No primeiro momento acho que foi o feto, acho que ele tava dividido em vários pedaços, o primeiro que me marcou. Eu tenho até essa foto até hoje, e eu nem consigo nem olhar, e eu prometi pra mim mesma que ia apagar essa foto... muito feio, tipo um sangue duro. (Lilith)

A imagem do outro corpo também se apresentou marcante no relato das entrevistadas que passaram por ultrassons⁷, como foi o caso de Gaia:

Eu fiz o ultrassom e vi o feto. Cara, que horrível, porque assim, ele não era uma coisinha disforme, era uma pessoinha, é estranho...aí eu falei com ele: “Eu não vou poder ser sua mãe”. E ele se mexeu, ele virou de costas assim... horrível.

Podemos perceber que os sentimentos desse momento estão ligados a sensação de resolução da problemática que seria a gravidez e a reflexão sobre o caminho tomado. Mas também pela personificação do corpo fruto do aborto e do feto, sobre o qual falei anteriormente, que no geral foi o que tornou tal momento tão marcante.

Dentro do itinerário abortivo esse é o momento onde corporalmente se dá o aborto. E é evidente que a trajetória corporal de relação e vivência com o próprio

⁷ Sobre o ultrassom, Diniz coloca que a cena do ultrassom traz duas novidades ao itinerário do aborto e às fronteiras entre atraso menstrual e gravidez. A primeira delas é que as mulheres necessitaram realizar um exame invasivo. Para além de seu círculo privado de cuidado, em particular parentes, amigas e companheiros, a mulher apresentou-se a um profissional de saúde e anunciou seu atraso menstrual. A segunda novidade é que o exame de ultrassom é por imagem: visualiza-se o embrião ou o feto para a tomada de decisão pelo aborto. Alguns estudos etnográficos mostraram que a imagem do feto pode ser perturbadora para as mulheres no processo de tomada de decisão pelo aborto seletivo. A tal ponto a imagem é um recurso de mobilização moral contra o aborto que algumas legislações estaduais nos Estados Unidos querem obrigar a mulher ao exame de ultrassom antes da decisão pelo aborto. (Diniz, 2012: 1677)

corpo esteve presente, explicitando as diferenças entre as experiências abortivas. Ou seja, a relação prévia com seus processos corporais, a menstruação, sangue e dor, consequências de como seus corpos e suas subjetividades se conectam e vivem tais processos, permeou o aborto. Podemos ver isso nas constantes referências à menstruação, a processos de adoecimento, a intervenções corporais. Assim, apesar da linearidade do aborto e dos pontos em comum, a singularidade de cada mulher marca a forma de vivê-lo.⁸ Por exemplo, algumas mulheres ligaram a questão de estarem acostumadas com a dor da cólica menstrual com o fato de não terem achado a dor muito forte. Por outro lado, outras ligaram o fato de terem problemas com dor menstrual ao fato de terem sentido muita dor no aborto. Podemos exemplificar isso colocando os diferentes processos de três mulheres: Kali, Hera e Atena.

Kali é dançarina desde pequena, não tem vontade de gerar um filho, e seu relato sobre esse momento do processo abortivo foi o mais tranquilo de todos dessa pesquisa. Ela conta que conviveu com mulheres que passaram de forma muito sofrida por todo esse processo e que, em comparação, o seu teria sido tranquilo. Também levanta o ponto de como sua resistência à dor e sangue já era boa antes, talvez pelo fato de dançar desde pequena, e tal atividade envolver lidar com estes limites do corpo.

Acho que na verdade pra mim o aborto ele foi uma coisa talvez um pouco diferente do que pra várias pessoas, porque ele não me influenciou muito assim sabe, de como eu era pra o que eu sou hoje, ele não mudou isso. Meu ciclo não mudou continuou tudo normal, foi super tranquilo na verdade, eu não tive nenhum problema assim, é um pouco desesperador porque é muito sangue, aquela coisa

⁸ Em relação a diferença da sensações para as que não usaram Cytotec, para Hera que passou por procedimento desconhecido as sensações foram muito semelhantes, já para Gaia que passou por curetagem em clínica clandestina foi bem diferente, ela relata: “Me lembro que durante os procedimentos você não fica dormindo totalmente, então eu senti a curetagem, foi horrível, tipo você não sente a dor, nem passei por hemorragia, mas você sente o contato, nossa é muito estranho essa hora, como quando você ta raspando um pratinho, era uma coisa mais ou menos assim. Enfim, deu tudo certo, o procedimento em si foi bem feito, com assistência médica. Aí depois que eu terminei, pedi pro médico para ver, obvio que ele não ia mostrar né, por que pensa, ter que arcar com uma reação minha, aí ele me mostrou uma bacia com sangue e uns coágulos, mas lógico que não era, até porque pensa, por curetagem deve ser uma coisa bem horrível né”.

toda, mas foi tranquilo. Não foi muita dor, foi uma dor bem suportável, uma cólica mesmo. Tomei a noite e aconteceu de madrugada, aí no dia seguinte eu fiquei meio de repouso e no outro dia eu já voltei à minha rotina normal, dando aula normal, indo pra faculdade como se nada tivesse acontecido, fazendo aula de dança também, segui a vida. As imagens não me tocam, pra mim era só sangue, era só pedaço, ali não era um ser, não era uma vida, então não fica muita coisa. Era só o alívio, de sentir que tava saindo. Nada de culpa, se acontecesse de novo, eu faria de novo, sem remorso. Na real eu acho que eu dei muita sorte também, meu corpo reagiu muito bem a tudo, eu conheço acho umas três pessoas que ficaram meio mal assim, não só emocionalmente, mas fisicamente.

Hera sonha em ser mãe e relatou que todo seu processo, desde a gravidez até o aborto, foi muito sofrido, e relacionou isso à sua vivência difícil com seus outros processos corporais.

Comecei a tomar anticoncepcional mais pra regular, porque meu ciclo era muito desregulado, eu sempre tive o fluxo forte, com muita cólica. Só que aí, por causa da pílula, eu comecei a ter gastrite, dor de cabeça, ficar nervosa com tudo. Tipo assim, não sei se eu também sou muito sensível pra paradas porque tudo eu senti muito intenso, pra tipo assim, três semanas de gestação, o tanto que eu enjoiei, o tanto que eu vomitei, desmaiei, o tanto que eu tinha cólica, o tanto que eu tava mal. [Sobre o aborto] É muito sofrido, é muito doloroso, muito cruel, acho que foi com certeza a pior coisa que eu já vivi na minha vida. Acho que é importante fazer quando necessário, mas acho que é uma agressão muito forte ao corpo, tipo você impedir esse acontecimento... não sei se seria muito recomendável para fazer várias vezes.

Já no caso de Atena, por ser doula e massagista, seu nível de consciência corporal em relação aos processos de menstruação, gravidez e parto, tanto seus, quanto de outras mulheres, se destacaram.

Eu sou muito corporal, tenho ferramentas que eu sei usar no meu corpo pra tipo me acalmar, ou pra me deixar mais ativa, uma consciência corporal, nem sempre pro movimento, mais pra consciência mesmo assim. Eu tava acompanhando o meu ciclo, contando os dias que eu menstruei e observando pra saber quando eu tava ovulando, eu já percebia que eu tinha cólica de ovulação, então eu sempre tinha

uma ideia, só que três meses antes, o meu ciclo aumentou. Comecei a sentir umas coisas e comecei a desconfiar, uma fome absurda, vontade de comer coisas específicas, primeiro associei a tpm. Um dia no trabalho eu não lembrava de jeito nenhum o que eu tinha acabado de fazer, nessa hora eu pensei, to grávida, porque memória de grávida é horrível. Então foi mais essas coisas que parece tpm, ou uma coisa ou outra que você tem que tá muito ligada no assunto pra saber. Eu senti muito enjoo matinal, era horrível, aí passei a dormir com biscoito do lado da cama, pra comer antes de levantar e isso diminuía o meu enjoo. Não tem nenhuma explicação pra esses enjoos acontecerem, mas eles acontecem, é muito ligado à primeira gravidez. Então tem a desconfiança de que é uma coisa psicossomática mesmo assim, no sentido de que, sei lá como, cada uma lida com esse processo né, de se tornar mãe, duro, e eu não me identifiquei com a gravidez.

Essa consciência perpassou sua vivência abortiva, reverberando em percepções e cuidados diferenciados. Além disso ela já tinha acompanhado um aborto anteriormente, o que também influenciou.

Eu acho que ajudou no sentido de saber minimamente a melhor maneira de lidar , por exemplo, com a dor, independentemente de ser num parto, a gente sabe que, por exemplo, num exercício físico ou alongamento, a melhor maneira de se lidar com a dor é respirando fundo né, não prender a respiração , essas coisas a gente tem um pouco de noção assim. A gente vai descobrindo de alguma forma, a partir do momento que a gente começa a lidar com seu corpo né, que seja movimentando, que seja se tocando, que seja recebendo o toque, você começa a criar essa consciência, e aí você vai criar consciência pro movimento, ou pro tato mesmo, e vai descobrir coisas sobre seu corpo, é inevitável assim, você começar a perceber seu corpo de uma maneira muito mais sensível , eu acho. Então eu resolvi me cuidar, tipo é isso então, se você decidiu que não quer ser mãe, que vai ta fazendo um aborto, se cuida, se alimenta bem, se hidrata, se mantém forte, vai correr, volta a fazer exercício. [Depois de tomar o Cytotec] Começaram as cólicas e contrações muito fortes, contrações no útero pra ele expulsar, é contração por que vem em ondas, vinha a dor assim e eu pensei em tudo que eu já sei né, de parto e tal, essa coisa de tentar não se contrair e manter o pescoço relaxado, não contrair o períneo, respirar de boca aberta, então eu fiz tudo isso, e sempre procurando a melhor posição, deixando meu corpo guiar mesmo sabe. Deitei muito em cima das minhas pernas, fiquei muito inclinada assim pra frente, tentei imitar essa posição de

ta agachada também, mas eu tava com muito frio assim, então quando vinha a contração eu tentava ficar nas posições, concentrar em relaxar e respirar de boca aberta, quando passava eu relaxava e caia pra trás mole, cansada. Eu tive a impressão que não foi muito sangue, em nenhum momento eu considerei que eu tive um sangramento intenso assim.

Percebe-se aqui então os pontos em comum levantados pelas interlocutoras durante essa parte do processo abortivo, e as semelhanças e diferenças na forma com que os viveram. Com as diferenças sendo percebidas como consequências das distintas trajetórias corporais dessas mulheres.

4. O pós-aborto e a experiência do corpo que gera

Todas as entrevistadas relataram que um tempo depois do aborto, seus corpos voltaram ao normal, seu ciclo reprodutivo e menstruação. Alguns levantamentos sobre a percepção de se sentirem grávidas e perceberem que possuem um “corpo que gera” foi uma parte importante do processo. Perceberam como um processo de viver algo sobre seu corpo, que só sabiam como acontecia na teoria. Assim apesar de naturalizada a relação entre os corpos das mulheres e a função de reproduzir, como toda experiência, só se tem noção de como é de fato, a partir do momento que se passa por ela. Mesmo que a experiência seja perpassada por essa naturalização social pré-concebida sobre seus corpos.

Sobre a percepção, ah eu sei mais ou menos como foi, que acontece a fecundação, mas ver que você é capaz de gerar uma vida, seu corpo muda... é estranho assim. Saber que você pode ser mãe é uma coisa bem diferente, que você é apta a gerar vida, que você teve uma vida dentro de você. É diferente da teoria, quando você estuda biologia e você vê, meu corpo não é mais só meu... (Gaia)

Ou seja, apesar de terem em mente a potencialidade de gerar um outro corpo, a partir do momento que isso se torna algo palpável, muda sua relação com seu corpo e os processos relacionados a isso. Nenhuma das entrevistadas havia passado pela experiência da gravidez antes e as novas sensações em um momento inesperado, e o conseqüente aborto, geraram reflexões que mudaram sua percepção e relação com algumas noções, como de maternidade por exemplo:

Me veio uma força muito sinistra sabe... vi assim a força de uma mãe mesmo assim. Física mesmo, tipo superpoderes, foi muito massa eu sentir essa parada assim. Eu fiquei muito mais arisca também, foi uma das primeiras vezes que eu comecei a responder e retrucar o ex-namorado. (Ísis)

É muito louco, você pensa tudo, a partir daquele momento é tipo, não sou mais eu né. Depois disso, eu senti necessidade de fazer mais esporte, essas coisas, tanto que agora eu faço. Acho que talvez pela sensação de querer estar bem com meu corpo, me tratar melhor sabe, ter uma consciência. Acho que expandiu minha consciência sobre o corpo, por em algum momento já ter vivido isso de ter outra criatura que ia se formar nele. Pensar que casa eu vou oferecer pra isso também. Até porque também você pensar em filho, nossa é mudança de tudo, de estilo de vida, eu não ia querer dar esse exemplo de sedentarismo, pessoa que não faz nada, seu filho vai repetir o que você tá fazendo. Depois disso, eu idolatro muito mais, porque eu entendi o que é, mesmo que por aquele espaço de tempo, eu entendi um milésimo do que é você tentar ser mãe, comecei a ver todas elas tipo reverenciando, mãe você é a rainha, mulheres são muito fodas. (Hera)

Essa nova percepção do corpo, levou a maioria delas a buscarem um maior autocuidado e conexão com ele, e em alguns casos a ressignificar a contracepção e acompanhamento do ciclo. Claro que para a maioria a principal razão dessa ressignificação foi por não querer passar de novo por todo o processo abortivo, e isso inclui as situações traumáticas que o perpassaram.

Eu realmente passei a ter muito mais cuidado na prevenção. Dá uma coisa: “Nossa não posso engravidar”. Em relação à sexualidade, a questão é que antes era muito uma brincadeira talvez, como uma descoberta, e deu uma mudada, tem uma responsabilidade aí, não esquece, mesmo que você fique fazendo o que você quiser. Comecei a ter um movimento em relação a autoconhecimento também, várias terapias em grupo, passei a fazer parte de um grupo de círculo de mulheres, então a primeira coisa que você faz é estudar seu ciclo, seu corpo, se perceber. (Gaia)

Eu comecei a perceber meu ciclo né tipo, comprei a mandala lunar, onde você acompanha o ciclo. Tipo eu sei a data que eu menstruo sempre. Eu comecei a perceber certas coisas, até o período fértil assim mais ou menos quando é... (Diana)

Então logo depois de ter acontecido isso, tipo um mês depois eu já fui atrás do DIU.
(Hera)

São poucos momentos de clareza, tipo de autocuidado, tô num processo de valorizar tudo isso de novo assim... agora eu acho que eu tô pra menstruar... a lua cheia que tá aí. E eu introjetei que eu ia ser minha própria mãe, já que eu não fui mãe... fiz esse compromisso comigo mesma (Ísis)

O meu sentimento é que eu tô querendo me reconectar, tô me reconectando ainda. Eu sinto meu corpo, eu sei quando eu tô com tpm, eu sei mais ou menos quando eu vou menstruar porque meu corpo muda, meu jeito de falar, de pensar, de agir muda, mas eu não tenho um controle tão certinho com isso. (Lilith)

Porém, como aprofundarei no próximo Capítulo, as principais consequências corporais e psicológicas negativas se mostram como frutos da interferência do contexto de criminalização penal e moral do aborto em nossa sociedade nas experiências individuais dessas mulheres. Além disso, mostrarei também as buscas individuais que elas fizeram por caminhos de ressignificação de tais experiências, muitas vezes traumáticas. Caminhos esses que se mostraram para algumas como buscas de autocuidado para evitar que tal vivência se repita.

CAPÍTULO 3

O corpo perpassado pela ilegalidade social

1. Maternidade: O discurso social sobre a escolha versus as experiências vividas pelas mulheres

Vimos no Capítulo anterior a descrição da trajetória corporal pré aborto das entrevistadas, os pontos mais marcantes para elas dentro do itinerário abortivo, desde a percepção da gravidez, o processo decisório, o aborto em si e as sensações pós aborto. Guardei para esse Capítulo as facetas de todo esse processo que se mostraram mais perpassadas negativamente pela situação de ilegalidade moral e criminal do corpo que aborta. Como esclarecido no Capítulo 1, e percebido melhor nas descrições de seus itinerários pelas interlocutoras, a ilegalidade não impede os abortamentos, porém condiciona toda a vivência, gerando grande parte do peso prático e psicológico.⁹

Como falamos anteriormente, a problemática do aborto tem relação direta com a problemática da liberdade de escolha nos processos reprodutivos, ou seja, passa pela escolha de viver ou não a maternidade. Assim a vivência dessa escolha é condicionada por como ela é socialmente delimitada. A socióloga israelense Orna Donath recentemente publicou sua pesquisa sobre mulheres que se arrependeram de ser mães, e dentro de sua pesquisa, essa escolha é um ponto central. Ela coloca como atualmente duas crenças sociais opostas permeiam a forma como a maternidade é vista e vivida. A crença da “ausência de escolha ilusória”, que parte do pressuposto de que o potencial reprodutivo da anatomia feminina as condicionaria ao caminho da maternidade. E a crença da “escolha livre pela maternidade”, que coloca essa escolha partindo das mulheres de forma ativa,

⁹ Para dados e argumentos acessíveis, confiáveis, com referências completas e atualizadas sobre como a criminalização do aborto é prejudicial para a sociedade ler a publicação desenvolvida pela ANIS: “Aborto: por que precisamos descriminalizar?”. A publicação engloba argumentos das mais diversas áreas, como saúde pública, bioética, direito internacional, ciências sociais e até mesmo sobre o lugar das religiões em um Estado laico, apresentados ao Supremo Tribunal Federal na Audiência Pública da ADPF 442, realizada nos dias 3 e 6 de agosto de 2018. Disponível em: <https://anis.org.br/projetos/aborto-porque-precisamos-descriminalizar/>

sensata, racional, e livre, de vontade própria. Ou seja, a transição para a maternidade seria fruto apenas do desejo da mulher de experimentar seu corpo, seu ser e sua vida de uma nova maneira, colocada socialmente como melhor que a anterior. Segundo a autora, essa última crença é fruto da visão reformulada pela modernidade capitalista e neoliberal, que passou a encarar as mulheres de certa forma mais como “indivíduos” livres, sensatos e responsáveis por suas decisões dentre as numerosas opções as quais tem acesso, e que podem consumir ou escolher. Como a maternidade.

Donath analisa como junto com essas crenças, as mulheres são bombardeadas com promessas sociais positivas sobre a maternidade, desde a juventude até a idade adulta. Isso acompanhado do julgamento contundente das mulheres que optam por não ser mães, mesmo que momentaneamente.

Com base nisso, é inconcebível que uma mulher supostamente saudável e sã, e que pode agora ter a liberdade de escolher sua própria trajetória, decida renunciar a maternidade. Ao contrário, considera-se que ela esteja tanto obrigada quanto disposta a abandonar sua vida como não mãe a fim de progredir e se tornar realizada. (Orna, 2017: 30)

A visão da “livre escolha” ignora as desigualdades, o controle social e as relações de poder que afetam profundamente as mulheres, suas vivências e decisões. Quando a escolha é tomada de acordo com as expectativas sociais, ganham status de escolhas livres. Mas quando se chocam com isso, são condenadas pelas ações e deixadas para lidar sozinhas com suas implicações.

A primeira semana que eu passei muito mal, eu tava muito chateada, me culpando muito assim, por estar com essa decisão tão certa de abortar. Eu acho que tudo que envolve a maternidade tem muito de culpa né, então assim você negar a maternidade também é tipo: “Que tipo de mãe você é?”. Já é isso, não que você poderia ter sido, ou que você pode ser futuramente, isso é inato seu, você é mulher, você só pode ser mulher e mãe... então é isso assim, eu acho que comecei a alimentar culpa, mas eu consegui tomar consciência disso e pensar que foda-se, se eu um dia quiser ser mãe esse é o primeiro ensinamento. (Atena)

Observando os discursos de minhas entrevistadas, percebi que tal escolha ainda foi permeada pela noção de autonomia da mulher em decidir pela maternidade ou não, vinda do movimento feminista. O feminismo parte de uma busca de mudança social na crença determinista da maternidade e a modificação das desigualdades e coerções para que tal decisão seja realmente livre. Ou seja, as interlocutoras mostraram-se conscientes da sua possibilidade de escolher o caminho da não maternidade e conscientes de que estavam indo contra uma expectativa social. Tal discurso feminista mesclado com seus contextos de proximidade do mundo acadêmico e privilégios da classe média se mostrou tanto como um amparo para sua escolha, como uma expectativa advinda do âmbito externo sobre sua vivência, com elas algumas vezes mostrando a necessidade de se justificar por sensações e emoções negativas sobre sua escolha.

Eu abortei por causa do meu namorado, porque ele pagou, a gente não tem pra onde correr. Eu abortei porque eu tive um homem que pagou a porra do negócio. Isso me deixa triste também, pela questão feminista, entendeu, mas se eu não tivesse esse homem que pagasse isso, eu teria um filho no buxo sem querer, e talvez poderia acontecer outras coisas também a partir disso. (Lilith)

Assim, como veremos aqui, o contexto coercitivo ainda as afetou negativamente de várias formas, mostrando que apesar dos avanços na área dos direitos reprodutivos das mulheres, a noção de total livre escolha ainda é ilusória. Outro ponto, foi a nítida percepção delas da solidão inerente aos dois caminhos diante da escolha de continuar ou não com a gravidez, apesar do caminho pela maternidade ser amparado pela expectativa social. Como colocado por Donath, a verdade é que as crianças não nascem ou deixam de nascer necessariamente devido ao “caminho natural” ou à “liberdade de escolha”, algumas vezes nascem porque as mulheres não têm ou não veem um caminho alternativo para si.

É a natureza das coisas, as pessoas, todas as coisas que existem, só existem porque se reproduzem. Então assim, nosso motivo maior, entre aspas assim, fora todo esse discurso conservador, é a coisa que a gente vive para. A gente tá no mundo pra procriar, é isso praticamente né. Eu impedi uma alma de encarnar. As coisas que as pessoas mais amam são seus filhos assim, teoricamente, aí eu matei o meu... Tipo o

que tem valor pra mim? No momento que a coisa mais valiosa, que eu mais ia amar...eu hesitei... (Ísis)

Donath também mostra como tal processo de escolha é condicionado pela coerção social de um modelo de progressão de vida “natural” que determinaria o tempo e as emoções em torno de quando uma mulher deveria pretender ser mãe. Considerar-se-ia natural essa vontade surgir em certa idade e situação relacional, mesmo que não existisse anteriormente. Podemos ver uma contradição aqui, a partir do momento que tal ideia de certa forma se relaciona com as narrativas das interlocutoras – e a similaridade delas com as de outros estudos, como colocado no Capítulo 2, onde a condição de ser mãe para aquelas que pensam em passar por isso um dia, estaria relacionada a um momento de vida posterior ao que estavam vivendo, numa trajetória semelhante também a colocada socialmente. E por isso a opção por realizar o aborto. Podemos ver essa coerção claramente perceptível na narrativa de Gaia, que nunca teve vontade de ser mãe, mesmo tendo sido casada por longos anos e atingido a idade que a sociedade coloca como o limite para assumir tal papel.

O aborto é um marco né. Por muito tempo, eu fiquei pensando se eu devia sentir algumas coisas que eu não sentia. Às vezes eu me sentia culpada por não sentir culpa, era uma coisa muito ruim. Às vezes pensava: “Será que eu fiz um bloqueio e por isso não consigo sentir?”. As pessoas perguntavam por que eu não queria ter filhos, aquela pressão básica né. Por causa dessa pressão pensei: “Será que eu não quero ter filho por que eu acho que não tenho direito a ter filho, por que eu fiz um aborto?” Veio esse pensamento... Com 40 anos eu fui ao ginecologista, consulta anual normal, e ele falou que eu estava apta fisicamente para ser mãe, mas pela questão da idade, já ia ser considerada uma mãe idosa. Eu fiz um aborto, então pode ser que eu tenha também um bloqueio em relação a me pensar como mãe, será que talvez eu nunca quis ter uma família por que eu não me achava no direito? Porque quando era pra ter tido um filho eu não quis... por isso que às vezes eu parava e pensava: “Será que eu bloqueei tanto isso que eu finjo que não aconteceu comigo? Ou eu tomei essa decisão de um ponto em que pra aquele momento era o que eu podia fazer?”. Depois eu fiquei em paz relativamente com isso, mas às vezes eu ficava pensando: “Será que eu não devia estar me sentindo culpada, me sentindo horrível?”. Sei lá...

Assim, acredito que o contexto coercitivo para os caminhos à maternidade, sobre os quais Donath escreve, também transpassa os caminhos para a não maternidade, e -muitas vezes- para o aborto. Esse contexto muitas vezes dificulta a clareza sobre as razões de optarem por certos caminhos, e o porquê de tais caminhos virem acompanhados muitas vezes por muitas sensações contraditórias.

Como Donath escreve, colocar o caminho para a maternidade como fruto apenas do desejo das mulheres, muitas vezes contribui para a estrutura coercitiva da maternidade compulsória existente em nossa sociedade, que atinge as mulheres que se tornam, e as que não se tornam mães. Ainda mais quando contextualmente um dos caminhos é condicionada pela criminalidade penal e moral, e por relações e estruturas hierárquicas de poder e privilégios.

Sua capacidade de se ver como responsáveis por escrever sua história de vida, como se promete em uma sociedade capitalista e neoliberal, é por vezes vaga, e confunde a simples distinção entre escolha e não escolha ao ignorar experiências mais subjetivas e turbulentas, com frequência permeadas por incerteza, hesitação, confusão, contradições, mistura de sentimentos, sorte e acaso. (Donath, 2017: 49)

2. O aborto interno: punições corporificadas

Pude observar em todas as histórias as repercussões negativas e sentimentos contraditórios que advêm de como o enquadramento social do corpo que gera e aborta afeta os processos individuais dessas mulheres. Ao descrever tais sentimentos elas questionavam, justificavam e buscavam entendê-los. As emoções aqui não se separam da ação e vivência corporificada e o sentido a elas atribuído. A maioria das entrevistadas teve que lidar com desespero, medo, culpa, autojulgamento, vazio, tristeza, e uma busca de auto perdão e reencontro com sua identidade.

Como colocam Coelho e Rezende (2010), as emoções são parte de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiente social e cultural, que são internalizados no início da infância e acionados de acordo com cada contexto. Por isso, apesar do acesso a reflexões sobre esse processo advindas do discurso feminista, as mulheres ainda foram perpassadas por sentimentos frutos de um

controle moral a qual elas são socializadas desde pequenas. Percebi essa dualidade dentro dos questionamentos sobre o que estavam vivendo, o que muitas passaram se mostrou um emaranhado de sentimentos muitas vezes contraditórios e a constante tentativa de racionalização disso. Articulado assim, suas emoções e concepções de suas identidades, com as esferas da moralidade, da estrutura social e das relações de poder. As autoras discorrem sobre como na sociedade ocidental atual, o controle dos outros, ou seja, externo, tem sua contrapartida interna nas vivências subjetivas individuais. Se, nos séculos anteriores, a fonte de controle do comportamento vinha principalmente de fora, de pessoas geralmente em situação social superior ou equivalente, que avalizavam ou recriminavam as ações, gradualmente desenvolveu-se um autocontrole internalizado e automatizado (Rezende e Coelho, 2010: 54). Assim a experiência das emoções atualmente é perpassada por um autocontrole emotivo. A contenção emotiva, vista como traço psicológico significativo, e a necessidade de ajustar a conduta em função dos outros e de suas possíveis consequências produz uma forma cada vez mais racionalizada de agir. Em contrapartida, apesar dessa racionalização, há uma grande introjeção não racionalizada dessa coerção social, que condiciona as emoções sentidas nas experiências subjetivas e corporais, assim causando essas contradições.

Tal perspectiva é trabalhada pela antropóloga Tussi (2010) em seu trabalho com mulheres que também abortaram clandestinamente. Para ela no universo da questão do aborto no contexto brasileiro atual, duas forças contrárias são salientes: a de maior controle político de repressão e criminalização da prática -expressa pela Igreja e pela legislação-, e a com uma perspectiva inversa de difusão dos debates sobre direitos reprodutivos - tal como os movimentos feministas, na luta pela descriminalização. Este embate, ao trazer várias questões à tona, coloca o corpo da mulher em uma situação específica quanto à prática do aborto, uma vez que é o locus de diversas influências (Tussi, 2010: 90). Suas entrevistas, assim como as desta pesquisa, mostraram uma dupla face relativa aos sentimentos e a como se percebe o aborto ocorrido, como venho colocando ao longo do trabalho.

Seguindo a lógica colocada por Coelho e Rezende (2010) sobre uma coerção interna advindo do controle externo -que perpassa as emoções, o corpo e suas

vivências-, Tussi desenvolve seus argumentos em cima do conceito de “punição corporificada”. A antropóloga observou a existência de uma faceta da moral interiorizada nos corpos das mulheres, esta, porém, não se encontra no corpo individual das mulheres, mas na intercorporeidade, a partir das relações destas com outros corpos no mundo. Isso foi perceptível por exemplo, no quanto a convivência com outras mães e crianças- ou seja, elementos do caminho que não foi escolhido, e que é o moralmente aceito- afetaram as interlocutoras em vários momentos do itinerário abortivo, principalmente no pós-aborto. As mulheres trouxeram o quanto as maternidades que as rodeavam influenciaram essa experiência, gerando tanto sensações negativas, quantos questionamentos e ressignificações sobre a noção de maternidade.

No momento que eu tava em contradição com várias mães eu engravidei, sacou. Depois do aborto piorou também, porque todo mundo tava lá sendo mãe, com seus bebês, e eu tirei o meu, e tipo assim umas trinta pessoas com seus filhos falando sobre isso e tal... Senti culpa em comparação, tipo sempre em comparação com os outros bebês que já existem. Porque na verdade a culpa em si em relação a mim não, porque eu acho que mesmo se não tivesse rolado toda essa zona emocional, talvez eu tivesse tomado a mesma decisão sabe. Eu sofri muito por pensar que talvez fosse a mudança que eu precisasse, o gatilho que eu precisasse pra crescer tá ligado? Foi o que várias amigas minhas que têm filho falaram: "É, eu tava perdida, aí puf, engravidei e tive que endireitar as coisas". Quando eu parei na maternidade do hospital fiquei me sentindo super mal né... geral grávida lá, umas minas mais novas que eu, fiquei sempre pensando isso, quantas mulheres nunca vão ter essa opção e tem filhos muito mais novas? Nessa época, eu fiquei muito mal, não conseguia ver grávidas na rua, mães, pessoas com crianças. Me senti mal em relação à minha própria mãe, que eu sou filha sabe, minha cabeça foi pra lugares muito inóspitos e cruéis... (Ísis)

Se eu via uma criança, morria, não podia ver criança, as amigas tendo filho, morria... (Hera)

Mesmo eu não tendo nenhuma questão contra fazer o aborto, eu não acho que tô matando um bebê, tenho total ciência de que não é isso entendeu... Só que mesmo eu não sentindo culpa, um tempo depois nesse processo todo que eu ficava triste...

quando às vezes eu via criança na rua e eu sentia uma coisa muito estranha... Isso depois né, no momento que eu decidi eu nunca pensei em ser mãe ou pensei como seria, mas depois eu cheguei a pensar como teria sido sabe... se tivesse sido diferente, tipo imaginar assim mesmo situações na minha cabeça... (Diana)

Essa reflexão colocada por Diana, sobre as possibilidades do outro caminho, como teria sido, foi uma reflexão presente para grande parte das entrevistadas, às vezes acompanhada de sentimentos negativos, às vezes apenas como uma reflexão, não chegando ao ponto de causar a sensação de arrependimento.

Depois que você faz, no outro dia você só pensa: "Ah e se eu não tivesse tirado? Como é que taria crescendo agora? E hoje, como é que ia tá? Nossa era pra mim ta fazendo isso, era pra estar sentindo isso, caramba. Mas agora já fiz, já era, e agora?". Ao mesmo tempo que eu também acho que se eu tivesse levado adiante, eu teria pensado nas horas de dificuldade: "Ah que merda e se eu tivesse tirado?". (Hera)

Muito tempo depois eu pensei: "Eu não tive um filho porque tinha essas potencialidades a desenvolver, mas não fiz muitas coisas maiores, tipo conquistar o mundo". Não que eu pensei que não devia ter feito, eu nunca me arrependi, apesar de ser uma dor lembrar. Eu vi uma vez um menino muito parecido com meu ex marido, pensei: "Era pra ser mais ou menos dessa idade". Mas engraçado né, essa questão da culpa e arrependimento, eu pensei: "Agora tenho obrigação de fazer as coisas né, porque tipo deixei o caminho livre". Mas não é assim também... não é racional né... (Gaia)

A partir de algumas das narrativas das mulheres entrevistadas, percebi, assim como colocado e analisado por Tussi (2010), a existência de uma espécie de penalização interior, apresentando assim relações entre a interrupção da gestação com sensações posteriores, como reflexão acerca do ato realizado, uma "compensação" ao aborto cometido. Assim, o corpo socialmente informado, passa pela experiência do aborto de forma totalmente conectada a um sistema de moralidade que organiza e regulariza as condutas e relações das pessoas. A moralização que envolve a temática do aborto parece assumir o papel da justiça de punir quem comete esse ato causando, mesmo que de forma não racionalizada pelas mulheres, sensações negativas acerca de si. Como relata Lilith:

Sobre o hospital, acho que foi uma coisa que eu também provoquei, porque eu deveria estar em repouso nesse período, mas eu pensei que tava bem entendeu. Só queria também seguir minha vida, porque eu antes eu tava muito bem com meu corpo. Então, quando descobri que tava grávida, no outro dia que eu tinha abortado, já queria correr e fazer alguma coisa. Eu nunca tive problema com meu corpo, mas agora eu fiquei um pouco crisada porque eu engordei, meu corpo mudou, eu tô comendo muita besteira e tudo mais. Mas mudou a estrutura, parece que tá, sei lá, estranho. Engordei e comecei a meio que me penalizar por ter acontecido tudo isso entendeu. Porque eu poderia estar bem, e tudo isso aconteceu, e não consigo fazer mais o que eu fazia antes...

Um dado do campo que vai de encontro com essa noção de punição corporificada e de interiorização não racionalizada da coerção social é que, apesar de todas as mulheres entrevistadas terem afirmado veemente que não se arrependem de ter optado por abortar, como mostrado, visivelmente muitas introjetaram sentimento de culpa e autojulgamento, como vimos já em algumas falas. E algumas até trouxeram sentimentos depressivos com os quais tiveram que lidar.

Perrengue pesadíssimo... é isso...as pessoas, até amigas, acham às vezes que é fácil entendeu, que não foi uma coisa difícil. Eu fiquei mais de seis meses acordando de madrugada chorando, meu ex-namorado sabe disso, ele falava pra mim: “Você tem que se perdoar, para com isso”. (Hera)

Depois do aborto, eu fiquei muito distante de mim mesma...sinistro...até hoje parece que eu tô num caminho de reconstruir mesmo o amor próprio. Eu fiquei muito mal depois, foi como uma super descarga, tipo quando alguém aperta a descarga e o vaso fica sem água nenhuma, sem nenhuma energia, sem nenhuma vontade, sem nada. Fiquei na cama da minha mãe com ela, só isso que eu fazia, ficava no meu ninho ali. Um vazio de alma mesmo muito grande assim, que depois veio só aumentando. Fiquei bastante tempo de repouso, com um vazio de tudo, de esperança, expectativa. E com raiva também, de eu não ter coragem de passar pela maternidade. Tem muitos sentimentos misturados, medo... de nenhuma direção, nenhuma vontade, de qualquer outra coisa, de nada. Eu sinto que a leveza com que eu sempre levei as coisas mudou... tirou toda minha energia, me tirou o brilho das coisas sabe, tipo da felicidade à toa, me tirou um pouco da leveza das coisas. Eu

carrego uma coisa muito pesada, que foi minha decisão, mas que se eu fosse na outra opção também seria, mas eu preferi agir por mim, ser egoísta. Só que isso me fez também ser uma pessoa diferente, só me distanciou mais de tudo assim, me fez me sentir indigna de várias coisas, até de me sentir feliz e buscar a felicidade, não saber o que é que me faz feliz. Me senti sem poder de ação, sem força de vontade, sinto que foi uma trava na vida, na energia, no fluxo, no amor próprio. Fiz por respeito próprio a parada, por amor próprio, mas ao mesmo tempo reverberou enquanto oposto. (Ísis)

Eu fiquei muito triste mesmo logo depois do aborto. Eu acho que por uma queda hormonal mesmo. A tristeza mais profunda foi só no início, mas depois eu me sentia muito diferente em relação ao que eu era, sei lá. Eu me percebi uma pessoa mais triste, não sei explicar direito, mas sabe quando você se olha assim e não se reconhece? Eu não me reconhecia às vezes, e eu ficava olhando pra antes disso, como eu era, entendeu? Senti uma coisa que eu não tinha sentido antes, uma tristeza assim que eu nunca tinha sentido. Entrei num estado de surto mesmo, que eu ficava na universidade chorando, se eu tivesse sozinha eu só chorava, tudo acumulado. Fiquei de um jeito que eu pensei: “Não tô aguentando eu preciso de ajuda”. Eu fiquei muito mexida, sem vontade de fazer nada, fiquei em casa, algumas pessoas me chamavam pra sair e eu não tinha vontade. Tinha vontade só de ficar em casa deitada. Tudo mudou, é um marco assim mesmo, tipo uma impressão de como eu era antes e de como eu sou depois, como eu fui depois, e como isso influenciou na minha vida, nas coisas cotidianas, eu tive muita dificuldade. Quando eu fui à psicóloga de emergência, ela falou: “Olha, você tá entrando num estado depressivo.”, falou até pra eu ir ao psiquiatra. O que me prejudicou nessa fase e fez eu mudar meus comportamentos foi essencialmente a tristeza, porque eu não conseguia fazer as coisas, não tinha vontade. Hoje eu tô mais segura assim, mas eu acho que eu fiquei com muito medo das coisas depois disso. Porque assim, essa tristeza de eu não conseguir fazer as coisas é muito ruim e isso foi me deixando meio frustrada, e eu sempre relacionava isso tudo ao aborto, entendeu? Isso repercutiu em outras coisas, medo das coisas não darem certo, entendeu? Porque como eu tava daquele jeito, e eu tentava fazer as coisas e não conseguia e não dava certo, eu fiquei muito com medo, de certa forma presa a tentar fazer as coisas. E eu ficava muito nervosa com as situações e me alterava facilmente sabe, isso é uma

coisa também que mudou, ficar nervosa por pouco e de me exaltar. Foi um trauma, teve várias consequências na minha vida sabe... (Diana)

Foi perceptível, porém, que as mulheres que mais acabaram sendo transpassadas por esses sentimentos, já estavam passando por situações de vida muito delicadas e envoltas a sentimentos ruins, relações, situações financeiras, mudanças drásticas. Isso teria condicionado a vivenciarem o processo de aborto de uma forma mais difícil, e o interpretaram como sendo algo que fez parte e potencializou um momento de vida que já era problemático.

Porque eu e minha mãe tínhamos passado por grandes mudanças, minha mãe era muito bem de vida no trabalho, aí de repente a empresa fechou, ficou devendo uma grana, ficou na justiça mil anos e a grana não saiu. A gente teve que vender nossa casa e ir morar em uma quitinete, que é onde a gente divide até hoje. Nesse período ela passou uns seis meses desempregada. (Hera)

É foda falar, porque eu fiquei muito deprimida antes disso tudo rolar, então potencializou tudo. Mas eu já tava nesse processo antes, só foi um potencializador sinistro. Eu já tava super deprimida sacou, já tava péssima assim... numa situação, num relacionamento, no qual eu ficava me sentindo culpada e me julgando e achando que todo mundo me julgava. Já tava super sem convicção de mim mesmo. Depois queria só dormir e esquecer, queria não pensar, não só no aborto, mas em tudo que aconteceu. (Ísis)

É eu acho que coincidiu também com um momento na minha vida que eu tava cheia de problema em casa, a questão financeira, e minha mãe tava triste de um jeito que eu nunca tinha visto e isso me preocupou muito. (Diana)

3. Tabu: a expressão da experiência

O silêncio sobre a prática do aborto provocado é tal que chega a ser ruidoso, flagrante. (Motta, 2008:687)

Outra condição que perpassa o contexto do aborto, e que afeta diretamente a vivência dessas mulheres, é o fato de ser um tabu em nossa sociedade, gerando como consequência um grande silenciamento de suas experiências. Apesar de transitarem por contextos onde há discursos mais progressistas, e o assunto aborto é mais amplamente discutido, a exposição das experiências individuais não se dá da

mesma forma. Elas relataram dificuldades em conversar sobre o que estavam passando, com família, com amigos, com o homem que estavam se relacionando e até com outras mulheres que passaram por essa experiência.

Eu tipo fiquei me coçando pra não contar pra minha amiga que é mãe e conversar sobre isso, porque ela teve a filha dela. Então, tipo fiquei: " Que que eu faço?". (Ísis)

Apesar de saber que minha mãe já abortou, nossa relação é muito difícil, então eu nunca contei pra ela que eu também abortei. (Bast)

Só contei pras amigas mais próximas... até hoje assim. A maioria das pessoas que me conhecem não tem noção...sei lá, por mais que eu saiba que são pessoas de cabeça aberta. Não é por eles, eu não me sinto sabe confortável. Tem toda essa coisa de tentar encarar com naturalidade, ao mesmo tempo é difícil. Você vê que eu ainda tenho vergonha de algumas coisas? Não tenho nem coragem de falar abertamente sobre isso com as pessoas. Taí uma coisa que eu adoraria, compartilhar essa experiência com alguém que também viveu... (Hera)

Minha amiga falou: "Conta pro seu namorado". Aí eu falei que não queria contar porque eu tinha medo, porque ele tem uma cultura totalmente diferente da minha, ele não é brasileiro, é africano, tipo assim super família sacou. Também escolhi o dia que daria pra fazer por conta da minha tia, ela chegaria e já estaria mais de boas pra ela me ver e não pensar sobre o que tava acontecendo. (Lilith)

Pensei: "Tem que contar pro namorado, acho que ele não vai mais querer ficar junto". Então, peguei todas as minhas coisinhas, aí eu já contei pensando que ia tomar um pé na bunda. Logicamente também teria que encarar minha família conservadora, tanto que eles não souberam claro. (Gaia)

Minha família não sabe, mesmo ela sendo aberta, eu decidi não contar. (Kali)

Tava no trabalho e pensei: "Eu não posso vomitar agora". Porque eu não tinha certeza ainda do que eu ia fazer, não queria sair falando pras pessoas. Eu quis contar pra uma amiga, mas não sabia como, porque é um assunto delicado, você nunca sabe como as pessoas vão reagir. E não é o tipo de coisa que eu quero lidar pros outros assim, tipo, o que você pensa disso é problema seu só, eu não faço questão de lidar com isso agora, ainda mais naquele momento. Então, por mais que eu tivesse muita confiança nela, eu fiquei com um pouco de medo. Porque eu já vi essa situação acontecer, uma grande amiga que a gente tinha muita confiança, se

afastou no aborto de uma outra amiga minha, tipo cortou laços mesmo. Então eu não me sentia confortável. Apesar de confiar na pessoa, não é uma informação tranquila de passar. Eu falei pro meu namorado: “Toma cuidado com quem você vai falar, você não tem certeza da reação das pessoas”. Pensando na gente também, pra não colocar a gente em situações que não quer estar, tem que tomar cuidado. (Atena)

Foi relatado como tal problemática gerou uma sensação de solidão, de terem que viver sozinhas o processo. Como fica claro na fala de Diana:

Eu não contei pra minha mãe, isso interferiu. Eu guardei muito isso pra mim, e resolvi isso só. Eu e meu ex-namorado nunca conversávamos sobre isso, eu não sentia muita abertura dele. Eu fiquei muito mal acho que por isso, por eu não falar muito disso, acho que eu precisava ter falado mais. A reação dele quanto a isso, ele não sabia lidar direito. Era eu falando disso, dessa tristeza ou de tudo que aconteceu e ele meio que mudava de assunto. Eu sentindo que eu falava tudo e não dava em nada. Aí eu sentia que era uma coisa muito só minha, ele não conseguia conversar isso comigo, e eu precisava conversar. Depois que eu comecei a ir pra psicóloga melhorou bastante e eu entendi que foi mais coisa acumulada essa tristeza...tipo de não entender o processo...de não falar sobre... Acho que a questão de ser um tabu, de você não poder falar, é muito ruim. Eu sempre gostei de falar das coisas com meus amigos, geralmente até da minha vida, quando as coisas acontecem comigo, meio expansiva. Então quando tem uma coisa que aconteceu com você e que mexe com você de tal forma, e você não pode falar disso no cotidiano. Acho que isso foi ficando dentro de mim assim sabe... eu ficava nesse dilema dentro de mim: "Será que eu conto isso tudo?". Porque isso ficava na minha cabeça o tempo todo, eu ainda vivia isso, só que eu não contava. E quando eu cheguei na psicóloga falando tudo isso, ela falou: "Mas isso não é uma coisa que você fala assim pra qualquer pessoa, porque você não sabe como a pessoa vai reagir." É um processo, depois desse tempo todo eu entendo que o principal motivo da tristeza é o de não poder falar, e também não é só esse fato, mas ter vivido isso com uma pessoa do meu lado e não receber dessa pessoa o que eu esperava assim... eu não me sentia acolhida sabe, em relação a isso. Quando a gente terminou, isso veio assim numa emoção e eu falei: " Eu sempre achava que isso era uma coisa nossa, mas hoje eu vi que era uma coisa minha mesmo." E ele falou: “Ah,

mas você ainda lembra disso?". Acho que essa decepção com ele também foi um processo que ajudou nessa tristeza.

Assim, como a antropóloga Tussi (2010) coloca, o aborto seria um “tabu relativo”, ou seja, é uma ação comum na sociedade, mas que é um tema recorrente apenas em certos contextos. E mesmo onde é recorrente, a experiência pessoal só é compartilhada entre pessoas no qual a mulher sente que não será julgada, como para as pesquisadoras, o que mostra que tal confiança não está ligada somente a laços familiares ou relacionamentos afetivos. Percebe-se que o silêncio sobre o aborto não teve relação somente com a ilegalidade do procedimento. Restringir o escopo de pessoas com as quais se conversa sobre o assunto também teve como finalidade preservar-se – o que ultrapassa o sentido jurídico, e abarca uma preservação da intimidade – e não criar polêmica. Para não passarem por momentos constrangedores de julgamento, elas preferem o silêncio (Beraldo, et al, 2017: 1153). É evidente também, que apesar disso, muitas vezes se aciona para tal diálogo, e para ajuda ao longo do itinerário abortivo- junto também aos seus parceiros, uma rede de mulheres, muitas vezes amigas e familiares. Nenhuma das entrevistadas passou por esse processo totalmente sozinha.

Dentro da concepção trabalhada por Tussi (2010), de “corpo público” – o corpo considerado nas questões relativas ao Estado e aos movimentos políticos feministas, e “corpo privado”, o corpo enquanto um instrumento que se refere à experiência física e subjetiva, que somente a mulher vive, no caso do aborto, o aborto configura um espaço de transição entre a condenação pública e a tolerância privada. Tal silenciamento e seu impacto negativo na experiência do aborto pode ser interpretado também como uma punição corporificada, uma demanda externa que é internalizada e condiciona a vivência.

A restrição a expressão e diálogo sobre a experiência, e assim sua vivência em muitas partes silenciosa, dificulta para as mulheres sua ressignificação. Isso foi perceptível nas entrevistas, o tempo pós-aborto e os caminhos que elas tomaram para tal ressignificação, passaram por uma abertura maior de diálogo com algumas pessoas, especialmente mulheres, como mostrarei adiante. Diante deste contexto, a situação da entrevista tornou-se um dos poucos momentos para as mulheres

falarem de suas experiências, por isso a evidente vontade de todas de expressarem sua vivência nesse momento. Ao descreverem suas vivências, as participantes puderam resgatar a memória e em partes também ressignificá-la.

Além do sentimento de não quererem ser expostas a julgamentos dentro do seu próprio ciclo de convivência, há o medo de serem denunciadas ou violentadas. Porém, tal medo, fruto da ilegalidade do procedimento, se mostrou de certa forma menos significativo para as mulheres, e na maioria das vezes ligado ao contexto médico ou ao contexto de acesso ilegal ao procedimento.

Acho que umas duas semanas depois, eu lembro que eu fiz uma ecografia transvaginal, eu tava fazendo o exame aí a médica perguntou: "Ah, existe a possibilidade de você ter feito um aborto?", aí eu me fingi de sonsa. Porque é muito doido né, ouvindo histórias, até tenho amigas próximas, que ela foi pro hospital no processo e trataram ela super mal sabe. Então, eu fiquei meio receosa assim de falar abertamente disso. Eu falei: "Ah eu tomei uma pílula do dia seguinte", aí ela fez umas perguntas que eu não lembro, mas eu achei ela meio ríspida assim sabe. (Diana)

Eu não fiz a transvaginal porque eu tinha medo sei lá, de alguém descobrir sacou? E aí eu só fui procurando mesmo pela vida, tomando chá, tomando garrafada específica para limpar útero entendeu, que é um chá gelado de várias ervas juntas. (Maia)

Como eu já tava num estágio um pouco avançado, eu produzi leite depois do aborto, e tinha que esconder aquilo né, eu tava com um peitão assim, eu não lembro se foi um mês, eu lembro que ficava tomando cuidado, botando algodão. Fiquei com raiva né, tipo que droga porque eu tenho que ter esse lembrete, mas assim, era mais a preocupação de ninguém saber o que era. Porque como também eu tava fazendo um tratamento e talvez fosse fazer uma cirurgia então. E meu pai é médico, meu tio é médico, na época ele era gastro e eu ia fazer a cirurgia com ele, aí nossa eles vão descobrir com eu fazendo os exames. E também por muito tempo eu tinha feito a ultrassonografia, eu não sabia como me desfazer daquilo, não dá pra ver nada na verdade, só umas manchinhas, mas eu sabia o que era né, e eu não queria. Fiquei um tempão: "Não, tem que dar um fim nisso". Porque tipo vem o

nome escrito e sei lá, aí picotei e me desfiz. Mas eu tinha medo assim, se meu pai souber, o que eu vou falar, minha mãe. (Gaia)

Meu namorado ficou muito desesperado no início, achava que a gente tinha que conseguir um médico de qualquer jeito, mas não tem ninguém que vai colocar a carreira nas mãos de uma desconhecida, porque é isso, você é uma desconhecida pra aquele médico, você tem que ter o mínimo de relação com aquela pessoa pra ela achar que, se der alguma complicação, ela confia que você vai se manter calmo. Imagina, o médico resolve me acompanhar, dá alguma complicação, eu no desespero achando que ia morrer, solto o nome do médico, imagina a treta que não é pra uma pessoa dessas assim. (Atena)

Esse medo também fez com que compartilhassem menos suas vivências, e dessa forma, esse silenciamento contribuiu para a internalização do aborto como tabu em suas próprias vidas, dificultando assim a resignificação dos sentimentos negativos em relação a esse processo. A clandestinidade não inibe os abortos, mas faz com que eles sejam feitos de forma mais insegura, pois dificulta o acesso a informações corretas e o diálogo entre pessoas que já passaram pela experiência. Foi relatado pelas entrevistadas também outro medo fruto da ilegalidade, que se mostrou mais significativo que o medo da denúncia: o medo do procedimento em si, sua inefetividade, ou suas possíveis complicações.

A proibição torna a experiência do aborto algo transpassado, de certa forma, pelo medo e o silêncio, situando-o na esfera do segredo, do privado, e atuando na reprodução da subordinação feminina. Tal silenciamento estrutural é mostrado no trabalho da antropóloga Flávia de Mattos Motta “Sonoro Silêncio: por uma história etnográfica do aborto” (2008), no qual ela investigou a prática do aborto no Sul do Brasil na primeira metade do século XX, examinando fontes primárias e entrevistando mulheres idosas, visando auscultar um enorme silêncio em torno dessa prática. Segundo ela, a prática deixa poucos vestígios em termos de fontes históricas e que reveste de segredos a memória.

4. O aborto externo: o acesso e a violência

Se por um lado a sociedade e alguns âmbitos do poder público mostram um esforço de condenação do aborto, por outro, pouco consideram a situação das mulheres que abortam, chegando ao ponto de não apenas subestimar o quanto a clandestinidade se faz gravosa para as mesmas, mas de considerar que esses efeitos seriam uma espécie de punição natural, adequada ao suposto crime cometido pelas mesmas. (Ribeiro, 2019: 30-31)

O contexto criminal do aborto perpassa todos os meios externos pelos quais as mulheres que abortam normalmente passam, desde os possíveis acessos, até a resolução de complicações em instituições de saúde, tornando penoso um processo que poderia ser de fácil acesso e seguro. Um dos momentos mais marcantes do itinerário abortivo para as interlocutoras foi o tempo entre a descoberta da gravidez e o acesso ao aborto. A criminalização do procedimento já começa afetando a próprio momento de decisão. Como vimos, a criminalização não faz com que as mulheres questionem sua vontade de abortar, porém tensiona tal momento, permeando-o de medo, incerteza e insegurança. Mudando também a noção do tempo, que pela incerteza do acesso, acaba tirando a liberdade de pensarem sobre a decisão de serem mães ou não sem esse peso.

Eu já tava desesperada antes, então eu desesperei mesmo assim, na hora eu queria saber se eu tinha uma opção ou não né. Porque enquanto você não sabe se você vai conseguir fazer o aborto você não tem opção né, é isso, ter que encarar que é a maternidade e eu não posso pensar se eu tô preparada pra isso ou não. (Atena)

Eu pensei: “O que pode acontecer né, sei lá, eu posso morrer...”. A sensação é que você tá se jogando num vazio assim... (Bast)

Porque também é uma coisa que também você não pode esperar, não é tipo assim, se você pensar demais você não vai fazer, porque já desenvolveu o negócio, o tempo é muito cabuloso. (Hera)

Eu lembro que eu fiz cartas me despedindo de todo mundo né, porque vai que eu morro né, acontece alguma coisa comigo. Ficava imaginando meu namorado falando com meus pais, por exemplo, aí eu peguei e fiz cartinhas. Fiz cartinha pra minha irmã, pra minha mãe, pro meu pai, imaginando o que cada um deles... foi individualizado, se eu fizer só uma pra todos, não vai atender. Pra minha mãe eu precisava falar algumas coisas, por ela ser mãe aquela coisa, pro meu pai, pro meu

irmão... E engraçado que eu não sofria nem tava triste por achar que ia morrer, era uma preocupação, poxa pode acontecer, não posso deixar a responsabilidade pro namorado. Eu preciso falar que foi minha escolha, que ninguém me obrigou a nada, porque também podia ser... comecei a pensar nos desdobramentos, comecei a sentir assim... mas não precisou entregar as cartas. (Gaia)

Acho que a fase mais tensa assim não foi ver o ato acontecendo, foi ver como eu ia conseguir tirar, se eu ia conseguir tirar ou não, esse processo foi bem complicado. Eu fiquei muito aflita, mil coisas se passaram na minha cabeça, inclusive pensei em suicídio se eu não conseguisse tirar, foi pesado. Porque também tem casos de morte, várias coisas. Mas o desespero antes de saber se eu ia conseguir de fato fazer isso foi o que marcou, e na minha cabeça era assim, se eu não conseguisse abortar até o tempo que você consegue fazer isso, eu ia me matar ou ia enfiar um ferro dentro de mim pra tirar aquilo de qualquer jeito, era isso, eu não ia ter um filho, eu preferia morrer do que ter um filho... (Kali)

A gente não sabia como ia correr tudo, então a gente meio se deu alguns dias depois do aborto pra colocar as coisas nos eixos se fosse o caso né, em relação de alguma complicação ou até emocional. A gente não sabe, é um caminho desconhecido, você não sabe como vai reagir assim, então é muito louco. Dá muito medo por toda a situação que se cria por ser ilegal...tive medo do aborto. Em relação à eficácia eu não tava com medo, eu tava com medo da complicação mesmo assim, sei lá, de passar muito mal e achar que vou morrer e não morrer e mesmo assim acabar no hospital. Fiquei com muito medo no dia, do nível de efeitos colaterais do remédio. E essa semana eu passei muito enjoada, foi uma semana que eu tava irracional mesmo assim, é inevitável, tipo num dia você tá muito bem e no outro dia você não tá bem, e isso é da gravidez. É pesado tomar uma decisão no meio disso... (Atena)

Foi notável como a internet esteve presente nesse momento, creio que pela maioria das entrevistadas terem realizado o aborto recentemente. Praticamente todas buscaram informações online sobre formas de abortar, onde conseguir o medicamento, sobre como se preparar para o procedimento e sobre possíveis complicações.

Meu namorado fez massagem em mim, fez compressa, chá, tudo que tava indicado num vídeo peruano que eu vi, explicando todo o procedimento. A gente seguiu mais

ou menos à risca a questão alimentícia desse vídeo também, que era bem completo. (Lilith)

Antes, no dia anterior ao aborto, eu pesquisei vários relatos de aborto para me preparar, para saber os efeitos corporais e as possíveis complicações. (Atena)

Nesse momento eu fiquei muito mal, eu não conseguia fazer nada, ficava o tempo todo na internet pesquisando meios como que dá pra tira, o que dá pra fazer. O tempo todo era isso, minha vida era essa, fiquei um mês mais ou menos. Pra eu conseguir tirar, passei um tempo assim tentando outros métodos meio alternativos, tentei tomar chá de tudo quanto é coisa...ah chá que é tóxico, que tem substâncias com tal quantidade que envenena e pode matar, aí eu tomava assim uma dose mais alta. Enquanto eu não consegui de fato o remédio eu fiquei tentando, tomei essas coisas todas...direto passava mal... (Kali)

No meio online se estrutura toda uma rede de informações e de acesso ao aborto que se mostrou de grande ajuda para essas mulheres, por driblar um contexto criminal onde se é negado informação e acesso por parte das instituições governamentais, e onde o status de tabu social faz com que se dificulte a circulação de informações. Foi marcante dentro da pesquisa como a maioria das entrevistadas recorreu a mesma ONG feminista pela internet, para acessar tanto o Cytotec como todas as informações sobre procedimentos.¹⁰

A gente procurou em outros lugares, até que uma amiga enfermeira falou que já ajudou uma amiga dela a realizar o aborto através de um site, e mandou esse site, explicou todos os procedimentos, foi super receptiva, falou que podia ajudar em qualquer coisa. Também no site tem todas as informações, a gente leu tudo, se informou de tudo que a gente podia se informar. A gente comeu aquele site em um dia, viu vídeo, documentário, antes de fazer o procedimento. Aí a gente ficou meio que analisando a possibilidade, e fez a compra na mesma semana do remédio e veio certinho. (Lilith)

¹⁰ A ONG se chama Women Help Women, e se apresenta como: “Uma organização ativista sem fins lucrativos cujo trabalho é a promoção de acesso ao aborto. Nós somos feministas ativistas, conselheiras/as formadas/os, profissionais médicas e pesquisadoras estabelecidas em quatro continentes que temos como principal objetivo apoiar o acesso ao aborto autoadministrado, especialmente em lugares onde o acesso ao aborto é restrito por leis, estigma e falta de acesso”. Link de acesso: <https://womenhelp.org/pt/>

Na quinta feira que eu descobri, eu comecei a pesquisar na internet, eu queria saber como era. E na minha primeira pesquisa, eu caí num site de uma ONG, e a gente tipo fuçou o site inteiro, achou incrível. E meu namorado falou: “Vou fazer a doação”, porque você faz uma doação e eles te mandam o remédio. Aí ele fez a doação, na sexta já caiu, eles já falaram que tinham recebido, confirmaram o endereço, e falaram que ia chegar de 7 a 15 dias, e chegou em 7 dias. O nível de organização da galera, eu ainda mandei um e-mail pro pessoal perguntando: “Aqui é ilegal, como assim vocês vão mandar?”. E aí elas responderam: “A gente não tem tido nenhum problema em mandar pro Brasil.” (Atena)

Uma amiga veio conversar comigo sobre uma ONG muito maneira. Aí eu mandei um e-mail, conversei, respondi um questionário, aí eu paguei e elas me enviaram o remédio. Chegou bem rápido. Depois eu passei pra várias pessoas já que me pediram. (Ísis)

Porém a internet por ser um meio de acesso livre e sem monitoramento, também pode estar cheia de informações erradas. Além disso, por ser ilegal, a venda do Cytotec também está ligada a uma rede de tráfico de remédios, e como em toda rede ilegal de vendas, pode haver adulterações ou fraudes.

É muito louco pensar nisso, o quão louco e desesperado temos que estar, a ponto de achar um site na internet que vende um remédio e você pensar: “É esse que eu vou tomar”. Porque em nenhuma outra situação eu faria algo assim, de comprar um remédio pela internet e pensar: “É isso aí”. A gente fez esse pedido na internet, mas eu já tinha conversado com uma amiga que conseguiria o esquema pela cidade mesmo. Então eu tinha um segundo plano se não desse certo esse da internet, porque ainda fiquei desconfiada né, vai que não chega né, sei lá gente, internet, que site é esse? (Atena)

Comprei pela internet, uma loucura assim, tipo tem esses blogs, aí a galera vai postando perguntando quem ta vendendo, aí aparece a pessoa. Tipo tem gente que é falso, aí você reza pra pessoa que você escolheu não ser falso e deposita na conta dela. Reza pra que ela mande alguma coisa, que ela não pegue teu dinheiro e suma, é tudo assim, na fé. Quando a gente compra esses remédios assim, a gente não tem nenhuma garantia se vai funcionar, se é falso, se não é, se vai acontecer. Então, tipo, você compra e reza pra que aconteça...que dê tudo certo pra mim, que não vai acontecer nada. (Kali)

Como no caso de Lilith no qual ela relata que a primeira tentativa de compra pela internet foi um golpe, e sua frustração por não poder fazer nada em relação a isso.

A gente ficou nesse desespero de tentar conseguir o remédio e começou a pesquisar na internet, aí a gente encontrou tipo Cytotec Brasília, sabe aquelas pesquisas idiotas, tipo assim “Eu quero abortar como conseguir em Brasília?”, essa pesquisa que eu fiz. Aí a gente encontrou um número de Brasília, e conversou com um cara que mostrou até foto. E a gente levou um golpe, meu namorado depositou o dinheiro na conta dele, e ele falou que ia entregar em 50 minutos, a gente ficou esperando. Porque a gente tava tão desesperado pra conseguir esse remédio. A gente conversou com ele, pareceu a priori segura a informação, e ao mesmo tempo a gente tava nessa insegurança, porque a gente falava: “Quando você entregar a gente te transfere na mesma hora, ou se não a gente dá dinheiro pro motoboy”. Querendo articular com ele, porque ele falou que só daria o remédio se a gente fizesse a transferência antes, isso tem muita cara de golpe, mas a gente não tinha pra onde correr, não tinha onde recorrer... Aí aconteceu isso, a gente ficou esperando e ele não chegou. A gente pensou: “Vamos denunciar, vamos fazer alguma coisa”. Mas deixamos pra lá. Como denunciar? Tem isso, comprei um Cytotec ilegal entendeu...talvez tivesse como, porque independente de ser ilegal ou não, foi tentativa né, a gente não conseguiu o remédio, mas a gente não foi atrás disso...

5. “Eu conheci os dois lados”

Como mostram a maior parte das pesquisas sobre aborto (Beraldo, et al, 2017; Carneiro, et al, 2017; Tussi, 2010; Motta, 2008; Diniz, 2012), a dificuldade de acesso se dá de forma mais penosa para as mulheres das classes populares. Essa questão foi evidente nessa pesquisa a partir do momento que conheci a história de Maia. Jovem da periferia de Brasília, engravidou muito cedo e por estar trabalhando tinha o dinheiro para comprar o Cytotec e, com ajuda de amigas e de sua irmã, conseguiu realizar o aborto. Maia foi a única entrevistada que passou pelo itinerário abortivo duas vezes. Porém, na última vez não o completou. Apesar de relatar que da primeira experiência levou o reforço da ideia de que não queria ser mãe, depois de uns anos acidentalmente acabou engravidando de novo. Quando aconteceu

nosso encontro, ela já estava de nove meses. Esse segundo processo teve vários momentos muito marcantes para ela, de dificuldade financeira e de acesso ao aborto, a tentativa frustrada, a ida ao hospital e a aceitação da gravidez. Tudo isso visivelmente permeado pelo seu contexto social e por uma certa solidão. Na época que ela descobriu a segunda gravidez, ela tinha acabado de ser demitida e, como ela relata, isso fez com que o tempo até acessar o aborto se prolongasse e se tornasse mais problemático.

Eu atrás do remédio, atrás do dinheiro, pedindo pras pessoas assim... foi foda... não foi uma coisa rápida como tinha sido com o primeiro entendeu? E os dias passando e o meu filho se desenvolvendo. Aí quando eu consegui o remédio eu já tava com 16 semanas, o meu corpo já tava, tipo assim, ele tava crescendo sacou? Mas eu não tinha aceitado ainda, foi muito mais foda do que o primeiro.

Após descobrir que se vendia o remédio em uma feira, ela passou pelo processo de buscar todo sozinha, lidando com a insegurança da ilegalidade. No relato, é possível observar os vários tipos de pessoas com que se tem que lidar nesse processo de acesso ao aborto, incluindo traficantes de remédios e policiais.

Aí eu fui na feira, com a cara mais limpa do mundo, sem saber pra quem perguntar. Cheguei lá e fui falar com os maloqueiros, maloqueiros sabem de tudo, perguntei se tinha alguma farmácia que vendia qualquer tipo de remédio, remédios ilegais, falei bem assim. Cheguei lá, era uma farmácia super chique assim, e tinha um velhinho no balcão, eu lembro até hoje desse dia. E eu pensei: “Não vou perguntar”. Saí e voltei de novo nos caras, aí outro menino me mandou nessa outra farmácia. Cheguei lá, tinha uma mulher no balcão, um cara e uma criança no caixa, pensei: “Não vou perguntar”. Porque é ilegal e eu tava sozinha e, tipo cheia de hormônios a flor da pele. Aí eu pensei: “Não vou sair daqui sem nenhuma informação, sem nada”. Fui por outro caminho e um cara gritou: “E aí moça, você tá procurando alguma coisa?”. E eu falei: “Sim, tô procurando um remédio”. Na hora, ele começou a falar baixo: “É o Cytotec que você quer? Se for, fala baixo vamos ali pro canto”. Eu respondi que sim, ele perguntou muito direto quantas pílulas eu queria. Eu disse que precisava saber quanto era pra eu voltar com o dinheiro e ele ficou desconfiado e disse que um amigo dele já tinha sido preso assim. Então ele fez mil perguntas, de onde eu era, porque que eu tava querendo tirar, quantas semanas que tava, um monte de

coisas. Eu tive que conquistar a confiança dele pra poder voltar, eu disse: “Moço eu não quero destruir a sua vida, eu não quero ter uma criança, eu quero acabar com isso, eu quero tentar não destruir a minha”. Porque naquele tempo, ter um filho era o fim do mundo pra mim né. Aí o pai do meu filho demorou pra conseguir o dinheiro e eu fui depois do dia combinado, fui sozinha de novo. E nesse dia tinha muita polícia na feira. Aí achei ele e peguei o Cytotec.

Depois de toda essa busca, um bom tempo já havia passado, como ela relatou, e ao tentar realizar o procedimento, além de não funcionar, outras sensações corporais foram sentidas. Ela não soube dizer se não deu certo por ser um remédio falso ou pelo estágio avançado da gravidez.

Eu tava com muito mais medo, porque tipo não era no início, 16 semanas já são 4 meses praticamente. Meu corpo já tava totalmente diferente. Aí tomei, senti nada e não tive sangramento, aí eu senti depois uma cólica só embaixo, mas tipo de boa ainda, não aquela coisa que incomoda muito. E eu senti que o feto só ficou pra um lado do meu corpo, acho que ele fez uma camada de proteção e ficou aqui desse lado, sério, ficou duro. Eu conseguia sentir, tocando, que tinha alguma coisa aqui dentro. Aí nesse dia que eu tomei, ele tipo foi só pra um lado e tipo nada aconteceu. Eu li que depois de 16 semanas a placenta já está formada e a placenta é uma bolha de proteção, por isso não chegou até ele. Ele já tava se protegendo ali, tipo foda-se eu vou nascer.

Após a tentativa, ela resolveu ir ao médico para ver o que tinha acontecido, se estava tudo bem. E então aconteceu o marcante momento no qual ela visualizou o outro corpo que estava gerando.

Eu decidi fazer uma ecografia na mesma semana, pra saber de quantas semanas realmente eu tava, se ele ainda tava vivo ou não, se ele tava bem ou não, fui sozinha também. O doutor perguntou qual era o motivo da ecografia, aí eu falei eu me senti meio estranha, porque eu não ia falar que tentei fazer um aborto. A gente ia fazer transvaginal, só que na hora que começou ele falou que já tava muito desenvolvido e fez por cima. Aí ele fez e falou: “Então, tá com 16 semanas e tá tudo bem, ele tá de perna aberta, é um menino olha aí o pintinho dele”. Aí eu comecei a chorar muito, sai de lá despedaçada, um lixo, porque eu não queria, até depois eu rejeitei muito...

Seguido do momento da ecografia, veio o processo de aceitação de que já estava muita tarde, e, portanto, arriscado, para tentar outro aborto e junto com ele o processo de aceitação da maternidade dentro de sua vida e contexto. Além disso, houve um grande receio de ter prejudicado seu filho com a tentativa de aborto, mesmo fazendo os exames pré-natais. O sofrimento no relato de Maia é perceptível, mostrando que tal aceitação foi um processo penoso.

Eu pensei: “Eu vou ter que ter esse filho, porque eu não vou ter coragem de tomar de novo, é muito mais perigoso tentar abortar agora, eu posso morrer, eu não quero morrer por isso nem quero tentar de novo e não dar certo”. Quando eu fiz a ecografia, ao mesmo tempo, eu fiquei muito triste de não ter dado certo, mas fiquei feliz de saber que tava tudo bem, que eu não tinha tipo desenvolvido alguma deficiência nele por eu ter tentado aborto. Imagina, você olhar pra uma criança que você causou alguma deficiência nela, então isso me pesou muito, eu fiquei muito preocupada. Aí eu decidi não arriscar. Depois eu fiz todos os exames pra realmente ter certeza de que aquilo não afetou ele. Mas eu só fui realmente aceitar bem depois, eu aceitei não querendo aceitar né, não foi fácil. Hoje, eu realmente aceitei o meu filho e eu não gosto de ficar pensando. Hoje eu conto essa história sem a negação na minha fala, eu mudei totalmente, já que é pra ter um filho eu vou assumir todas as responsabilidades, vou botar a cara no sol e vender balinha se preciso pra sustentar e dar a melhor educação que eu puder. Foi dolorido pra mim esse segundo processo porque realmente não queria. Hoje eu já aceitei e já mudei minha vida por isso, e eu não vejo minha vida sem o meu filho mais, já planejei minha vida com ele. Mas eu também não me arrependo de ter feito, de ter tentando. Eu passei por esses processos de tirar e agora eu vou ter um filho, então eu conheci os dois lados.

Podemos perceber nessa história os diversos fatores inerentes a criminalização, fazendo com que, muitas vezes a maternidade esteja longe de ser uma questão apenas de escolha e autonomia. Maia relata depois como se surpreendeu com a reação positiva das pessoas ao redor dela e de sua gravidez. Tal reação explicita a dualidade do silêncio e solidão do processo abortivo, e a aceitação social da gravidez e o quanto a aceitação e diálogo com as pessoas ao redor faz diferença na vivência desses processos.

Fui aceitando e fui vendo as coisas mudarem, fui contando pras pessoas, e muita gente me abraça. Eu achava que eu seria mais julgada por estar grávida nova, mas foi de boas com a minha família. Foi uma aceitação, acho que foi mais fácil pra mim aceitar porque as pessoas ao meu redor aceitaram sacou.

Como falado anteriormente, a verdade é que as crianças não nascem ou deixam de nascer necessariamente devido ao “caminho natural” ao à “liberdade de escolha”. Algumas vezes nascem porque as mulheres não têm ou não veem um caminho alternativo para si. E a criminalização do aborto junto com o silenciamento de seus contextos e vivências das mulheres, faz parte dessa estrutura que limita a escolha perante os possíveis caminhos. Mesmo quando o caminho socialmente aceito é seguido sem ser escolhido, por consequência de uma estrutura social que limita a autonomia reprodutiva e de vida das mulheres, é visto de forma positiva pelo meio, mesmo que, para isso, a mulher tenha que passar por situações de exposição e insegurança. Como Donath (2017) coloca em seu estudo, uma sociedade que condiciona as mulheres a serem mães, sem terem escolhido viver essa relação, condiciona as mulheres a viverem vidas que não queriam, e assim afeta suas subjetividades, sua liberdade, sua saúde e a própria relação com seus filhos.

6. A violência hospitalar e a violação dos corpos

Eu perdi uma grande amiga por causa de aborto.... uma mulher que já tinha 29 anos e um filho. Era de família classe média alta conservadora e a mãe fez questão de esconder que a causa da morte tinha sido essa. Preferiu dizer que tinha sido uma trombose... acho que ela morreu porque não teve as informações certas sobre como usar o Cytotec e tomou muitos no desespero ou porque comprou remédio falso. (Bast)

Como analisam Rodhen (2001) e Martin (1987), corpo e reprodução em nossa sociedade estão diretamente relacionados a ciência médica e, portanto, ligados às instituições e profissionais de saúde. Tais instituições e profissionais estão presentes no itinerário abortivo e em sua estrutura criminal, de diversas formas em diversos momentos. Todas as entrevistadas em sua vivência abortiva tiveram contato com o meio médico, seja na forma clandestina de ajuda no aborto, seja por causa de complicações, ou para exames de rotina pós aborto para cuidados de saúde.

Importante pontuar como o contexto criminal estrutura o lado coercitivo e o lado que burla a coerção. Como mostrado antes, nessa pesquisa, em três casos profissionais de saúde participaram do lado ilegal do processo: no caso de Hera, uma enfermeira aposentada fazia o procedimento abortivo na casa das mulheres, comprando ilegalmente a medicação; no caso de Gaia, profissionais de saúde realizavam o procedimento em uma clínica; e no caso de Lilith, uma amiga enfermeira sugeriu o website onde comprar o remédio e a ajudou por telefone durante o procedimento. Além disso, mostramos como o medo de serem denunciadas afetou a forma como viram e acessaram o contexto médico durante o itinerário abortivo, as levando a tomar cuidados, buscarem outros meios e a silenciarem suas questões de saúde. Isso mostra a dualidade de todo contexto criminal, e seu impacto tanto nas mulheres que escolhem abortar, como nos próprios profissionais de saúde, principalmente aqueles que as ajudaram, pois assim inserem-se também na ilegalidade.

No estudo “As mulheres acusadas do crime de aborto: Um estudo dos processos de 2017 e 2018 no Distrito Federal”, Isabela Lopes Leite Ribeiro (2019) também utilizou-se do conceito de Diniz (2012) “itinerário abortivo” para analisar o que seria um itinerário criminal do contexto abortivo, ou seja, o itinerário de sua criminalização penal. Ela buscou traçar os fatos que desencadearam o inquérito policial e a denúncia das mulheres pela realização do aborto em uma tentativa de investigar se havia significativos aspectos compartilhados na trajetória não do aborto em si, mas do aborto enquanto crime. Ribeiro mostrou foi a existência dos processos por aborto está intimamente ligada ao sistema de saúde, ou seja, o acesso aos serviços de saúde foi um elemento definidor para as denúncias. A primeira etapa na trajetória de criminalização dessas mulheres é feita pelo sistema de saúde que se comunica com delegacias, pela notificação compulsória realizada após os atendimentos em que há indícios ou suspeitas de que a causa do quadro foi um aborto provocado.

Tal perspectiva compreende que os serviços de saúde, ao denunciarem prática ou a suspeita de aborto provocado, assumem uma conduta significativa dentro do conjunto de ações que compõem um processo e resultam em uma sentença judicial:

na cadeia de atores envolvidos, são os primeiros a lidar com o aborto como crime, assumindo, de forma inaugural, a postura que será reiterada por diferentes sujeitos ao longo da trama criminológica que se inicia e que fundamenta a construção de toda a sequência do processo judicial. [...] Assim, a partir da notificação compulsória, os serviços de saúde assumem um poder que se aplica a uma esfera distinta de sua área de atuação: na disputa estabelecida com a judicialização da prática do aborto, tais serviços se tornam uma peça-chave para a decisão que será tomada acerca da conduta das mulheres que abortaram. (Ribeiro, 2019: 33- 34)

A autora mostra como, no geral, a existência das provas e/ou indícios necessários para que se proceda à acusação das mulheres depende do trabalho dos(as) médicos(as), porque o aborto começa a existir de forma legítima para o Judiciário a partir do momento em que há um parecer médico que o atesta (Ribeiro, 2019: 45). Dessa maneira, os(as) profissionais de saúde se tornam representantes de um controle exacerbado sobre os corpos femininos, pois a partir de uma posição institucional, além de decisões relativas ao atendimento dessas mulheres, se tornam detentores de poder sobre o ato da denúncia e a valoração dos direitos envolvidos, ou seja, dominam mecanismos reguladores da vida das mesmas em diversas instâncias (Ribeiro, 2019: 34). E assim é levantada uma contradição ética nesse contexto:

Se, por um lado, os critérios formais parecem plenamente atendidos em função dos profissionais terem atendido as mulheres, o exame cuidadoso dos processos suscita algumas discussões, a começar pelo dilema ético contido no fato deles serem considerados testemunhas, pois, a obrigação de se apresentar em tribunal confronta o sigilo entre médica/o e paciente e reforça a ideia de que o Sistema de Saúde é um espaço que privilegia a denúncia das mulheres em detrimento dos cuidados com a integralidade da saúde das mesmas. (Ribeiro, 2019: 33)

Apesar de em minha pesquisa nenhuma mulher entrevistada ter sido incriminada, a maior parte se mostrou receosa com o acesso e diálogo às instituições e profissionais de saúde, mostrando como mesmo não chegando a esse extremo, sua possibilidade permeia a vivência do itinerário abortivo. As histórias mais marcantes envolvendo contexto médico, foram os dois relatos de violência hospitalar que Hera e Lilith compartilharam. No caso de Hera, logo

após o procedimento, ela começou a sentir dores muito intensas e por isso se encaminhou ao hospital.

Na hora que eu desci no hospital, tava passando muito mal, já tava sangrando, a mulher me colocou numa maca, e eu fiquei gritando muito, falando que tava com muita dor. Aí a enfermeira chegou pra mim e falou: " Estamos numa troca de plantão e o próximo médico só chega daqui a pouco, não temos o que fazer". Aí minha mãe fez um barraco, gritou com todo mundo e rapidinho ela veio e me deu uma anestesia, aí eu dormi. Tipo meio que o pessoal do hospital já sabe, isso é uma parte muito escrota também, eles começam a te tratar muito mal, começam a perguntar: "Por que você tá aqui?", aí você fala: "Ah, tive um aborto natural". Depois que eu acordei, já não tava mais sentindo tanta dor, aí contei minha história pro primeiro médico, ele já fez aquela cara assim e começou a me tratar mal, me mandou pra uns exames. Fiquei esperando lá sofrendo de dor no banco e depois de 30 minutos eu entrei pra fazer o exame, aquele que eles colocam uma câmera na vagina. Deitei, tirei a roupa, ficou tudo no banheiro, eu só deitei com aquele pano em cima, a médica veio, fez o exame e falou bem assim: "Por que o exame?". Eu falei "Ah, porque eu acho que sofri um aborto natural, eu tô sentindo muita dor". Ela tirou o aparelho, e eu tava de meia assim, sem roupa, tinha sangrando muito, então escorreu sangue na minha roupa toda, minha meia tava cheia de sangue, simplesmente ela viu o exame e falou: "Ah é! Se você tava, não tá mais". Guardou o negócio, saiu e deixou a porta aberta, e era uma porta de correr. Eu tava em cima da maca, sem roupa, totalmente sangrando, toda suja de sangue, tipo toda aberta e ela foi embora. Tive que ficar gritando chamando minha mãe. Eles começam a te tratar muito mal e tipo não tão nem aí pra você e começam a te pressionar, o tempo todo em cima disso: "Você não tomou nada? Não colocou nenhum comprimido dentro da vagina? Você não tinha intenção nenhuma disso?". E eu: "Não, não sei o que aconteceu... Aí eles todos me trataram muito mal, todos, desde a hora que entrei no hospital, todo mundo me tratou muito mal. Depois tive que fazer a última coisa, que foi a curetagem, tipo a limpeza do útero. Eles só falaram: "Vamos injetar aqui a anestesia e você vai dormir". E antes de terminar de falar eu já apaguei completamente, quando eu acordei já tinham feito todo o procedimento. Eu tava de boas, só queria ir embora e não podia ir embora, tive que ficar umas horas lá esperando.

No caso de Lilith, ela já havia finalizado o aborto, e se sentia bem, estava se medicando para não sentir dor. Então, após ficar um dia apenas de repouso, achou que já estava pronta para continuar com sua rotina de vida e que seu corpo já podia voltar a se exercitar. Mas na volta de seu treino de acrobacias, começou a sentir muita dor.

Quando foi a noite, eu comecei a sentir uma dor muito grande na barriga, eu pensei que eu ia morrer e febre e cólica. Mas pensei que ia passar, tomei remédio, nem sei quantos e não passou. A gente foi pro hospital, tava muita dor mesmo, tipo assim, de não conseguir andar. Quando eu cheguei no hospital, a ambulância teve que me carregar, tipo assim, 200 metros porque eu não conseguia andar e minha irmã não conseguia me carregar, passando muito mal. Aí eu expliquei, inventei um caô lá pra eles, expliquei que minha menstruação tava atrasada, aí eu fui pro treino, aí e menstruei depois que eu saí. Eu tava sangrando, tipo muito tempo, fiquei mais de dois dias sangrando, um fluxo muito forte. Expliquei pra eles que era isso, e depois saiu uns coágulos, não sei, achei que tava grávida, mas eu não sei, inventei isso, porque eles não podem detectar, não conseguem. Aí eles ficaram enrolando muito pra me atenderem, eu passando muito mal, eu não conseguia ficar sentada. Eu deitei nas cadeiras, mole, aí meu namorado veio correndo, e ele nem podia entrar na hora do atendimento. Mediram minha pressão e falaram que tava um pouco baixa. Quando chegou o médico, ele perguntou o que tinha acontecido, e eu inventei um caô pra ele, mais ou menos a mesma coisa que eu disse pra enfermeira. Ele disse pra tirar a calcinha e deitar na maca que tinha lá, aí do nada ele enfiou o dedo na minha vagina sem me perguntar, e eu senti uma dor tremenda, e tipo assim eu me assustei. Aí ele ficou lá meio que cutucando e pediu pra eu descer, mandou um exame de sangue e a gente sabia que ia demorar pra caralho. E parecia que o médico já sabia, porque acontece outros casos e as pessoas vão no hospital. Ele nem perguntou nada direito, falou pra eu fazer o exame de sangue pra ver se eu tava grávida ou não, aí eu fiz. E tipo, depois que eu descobri que ele tinha mandado o exame de sangue, porque ele não falou pra mim, ele não falou nada comigo. Só quando eu cheguei lá no ambulatório que ele falou que era. O ambulatório é longe pra caralho, e eu com muita dor sem nem conseguir andar direito, tive que ir me arrastando. Ele mandou dipirona na veia, mas não tinha passado ainda, tomei na hora que saí do ambulatório, tomei na bunda e na veia, dois remédios. Aí fiquei com um pouco de dor ainda, minha irmã e meu namorado me ajudando a andar. E

quando eu fui fazer o exame o funcionário falou que era o Beta HCG, que era aquele exame que eu tinha feito antes. Eu só queria saber se tem algum pedaço de aborto, deu vontade de falar assim, se tem um aborto aqui ainda, meu filho, no meu útero. Não quero fazer Beta HCG, eu faço amanhã ou outro dia, eu tô passando mal, deu vontade de falar isso, mas não. O exame ia demorar muito e a gente tinha que pegar ônibus, aí fui embora pra minha casa. Fui dormir, continuei com um pouco de dor, mais fiquei tomando remédio tipo uma semana inteira praticamente e a dor foi diminuindo. Aí no outro dia, saiu o resto, uma parte.

Podemos perceber nos dois relatos o total descaso, desrespeito e violência dos agentes de saúde com as mulheres, estas em estados de muita vulnerabilidade corporal e psicológica. Apesar de estarem passando muito mal, tiveram que omitir e mentir sobre o processo corporal que estavam passando. Sentindo que os agentes de saúde já sabiam e por isso dispensavam tal tratamento, o que vai totalmente contra o código de ética médica.

Como Ribeiro (2019) mostra em seu estudo, a palavra das mulheres em processo de abortamento foi a principal ferramenta utilizada para sua condenação, pois só a partir dela se pode pressupor que se tratava de um aborto provocado. Assim, a autoincriminação, ou seja, a voz e o corpo das mulheres gerando provas contra si mesma, se torna a base para o processo judicial. De modo que, a partir do momento de alguma confissão que as mulheres realizaram no hospital, é utilizada para fundamentar a denúncia e a sentença, o serviço de saúde se torna um agente de segurança pública, pois a notificação compulsória produzida por ele, bem como os exames se tornam as principais provas apresentadas. Ribeiro (2019) questiona como apesar da vulnerabilidade na qual a mulher se encontra, devido às debilidades de saúde, à necessidade de atendimento e às possíveis violências sofridas por ela durante o atendimento hospitalar, apesar da fragilidade de uma confissão produzida nessas condições, a mesma é assumida como suficiente para embasar a criminalização da mulher, sendo tomada como prova.

O sofrimento físico e mental que vivenciam em decorrência da gravidez indesejada, dos procedimentos clandestinos para interrompê-la e do julgamento de sua conduta e de seu caráter constituem mais um fator pelo qual podem se sentir

compelidas a confessar, sobretudo em função da maioria delas não ter assistência jurídica no momento em que depõem na delegacia. (Ribeiro, 2019: 65)

Assim o comparecimento ao serviço de saúde é um fator determinante para o encadeamento da criminalização do aborto vivido. Mulheres que abortaram têm medo de serem criminalizadas por esses serviços, tanto através do julgamento moral, que ocorre frequentemente durante o atendimento hospitalar, quanto depois judicialmente. Como mostrado nessa pesquisa e na de Ribeiro (2019), muitas mulheres não chegam a procurar auxílio profissional após um aborto, mesmo quando padecem de dores e hemorragias e outros problemas graves que podem trazer prejuízos definitivos à sua saúde ou até acarretar sua morte. Preferem aguardar que a situação se resolva sozinha, fazendo uso de remédios caseiros ou analgésicos comuns para aliviar as dores que elas não têm como precisar se foram originadas apenas pela expulsão do feto ou se provém de outras complicações que são detectados através de exames de baixa complexidade (Ribeiro, 2019: 35). Um outro dado importante trazido por Ribeiro é a contradição no uso da palavra das mulheres durante o processo judicial.

A palavra das mulheres foi muito valorizada enquanto uma ferramenta de produção de prova contra as mesmas e não teve nenhum espaço durante a audiência, ou seja, o momento em que elas poderiam falar em sua própria defesa. [...] Nas audiências de processos por autoaborto, o silenciamento das mulheres foi um fator marcante. Fora os momentos em que os juízes direcionavam perguntas às mulheres, as quais se direcionavam à sua situação de trabalho e moradia, não houve nenhum espaço para que as mesmas se pronunciassem sobre a acusação e elas nem mesmo chegaram a narrar o ocorrido. As mulheres que abortaram foram situadas como pessoas que não têm fala, mesmo se tratando de um contexto em que estavam sendo acusadas. (Ribeiro, 2019: 66-72)

Os relatos das minhas entrevistadas muitas vezes se referiram ao processo do aborto como um marco, um trauma, algo que as mudou de alguma forma. Vimos que mesmo não chegando a iniciarem um julgamento judicial, todo o contexto criminal perpassou a experiência de aborto vivida pelas interlocutoras, desde os sentimentos negativos introjetados, a restrição à sua expressão, até a violência ao seu corpo e integridade nos serviços de saúde. O

itinerário abortivo condicionado pelo contexto de ilegalidade penal e moral, já se dá como a própria punição em si do corpo que aborta. Ou seja, a criminalidade já é a própria punição, sendo assim uma grande ferramenta social de controle e violência às mulheres e seus corpos.

Priorizar a criminalização das mulheres por aborto ante as debilidades causadas pelo contexto das práticas clandestinas é desconsiderar o direito fundamental à saúde e aos direitos reprodutivos (Ribeiro, 2019: 35) e assim se configura numa violação social dos corpos das mulheres e suas vidas. Fora o impacto na saúde física das mulheres, a criminalização do aborto afeta sua saúde mental ao imputar uma maior culpabilização às mesmas e suprimir seus direitos, posto que a dignidade das mesmas é violada pelo rótulo de criminosa que lhes é atribuído (idem: 75). Como coloca Ribeiro (2019), a criminalização faz com que um procedimento tecnicamente simples se torne inseguro devido à falta das condições mínimas de segurança, seja nos mecanismos e instrumentos em si ou no que diz respeito à falta de uma assistência qualificada, de regulamentação dos profissionais e estabelecimentos e do amparo da lei, colocando as mulheres em situações de vulnerabilidade e exposição.

CAPÍTULO 4

Mulheres juntas e Ressignificações

1. “Se a gente não se fortalecer, a gente vai definhando”

Ninguém liberta ninguém, as pessoas se libertam em comunhão. (Paulo Freire)

Mostrei como a problemática do aborto é permeada pela sensação de solidão e silenciamento. Tal silenciamento contribui para o afastamento das pessoas e das próprias mulheres entres si, criando uma forma de coerção social pela desarticulação, evitando ressignificação coletiva e mudança social do contexto do aborto. Um dado marcante, fruto desse contexto, foi a vontade das entrevistadas de falarem, vendo na minha pesquisa uma oportunidade de suas falas estarem agregadas com as de outras mulheres com uma vivência semelhante. Assim, esta monografia estaria também contribuindo para um tipo de articulação e de fortalecimento coletivo:

Quando minha amiga me disse que você tava estudando isso, eu te procurei porque tinha tanta coisa que eu queria falar, tava com vontade, acho que é importante a gente falar sobre isso. Acho que tem uma importância, mas não só pro outro, sabe. Eu acredito nessa pesquisa, quando minha amiga falou dela, eu pensei: “Eu quero fazer essa entrevista, é importantíssima”. A gente começa com pesquisas, o trabalho científico, eu tô pesquisando eu sei, a gente faz um artigo, se alguém procurar vai ter e as iniciativas começam com pesquisas entendeu? Pequenas ações, entendeu? Como também ressignificar com essa pesquisa né, não deixar só pro papel. Será que eu posso fazer uma roda de conversa em outro lugar? Chegar em alguém e conversar sobre isso? Por isso eu quis falar nessa pesquisa, é uma questão coletiva, mas também uma questão individual como desabafo também né, de tentar pensar sobre tudo que aconteceu. (Lilith)

Achei a oportunidade boa de falar contigo, porque acho importante o estudo. Eu me sinto ligada a mais mulheres que abortaram, de uma forma boa. Tô feliz em dar essa entrevista. (Gaia)

O trabalho de campo mostrou que, apesar desse contexto, há uma rede de mulheres, de cuidado e ajuda, que esteve presente na maior parte dos relatos. De

todas as nove entrevistadas, seis delas estavam acompanhadas de mulheres no momento do procedimento, com amigas e mães. Além dos outros momentos, a descoberta da gravidez, a decisão e o acesso a instituições médicas. As mulheres mostraram que após passaram pelo aborto, se conectaram mais ainda a essas redes. A própria situação de clandestinidade impele as mulheres a trocarem informações e se apoiarem. Isto indica que, apesar da ilegalidade, ou até mesmo potencializada por ela, há uma cultura do aborto no país (Beraldo, et al, 2017: 1152).

Várias mulheres relataram já ter ajudado outras mulheres a abortar após sua experiência individual. A rapidez e a facilidade com que uma mulher aciona uma ampla rede de cuidados e dispositivos para abortar é um dos sinais de como a cultura do aborto é compartilhada entre as mulheres no Brasil. Não há com descrevê-la como uma cultura secreta, pois as semelhanças encontradas entre mulheres tão diferentes mostra que é uma cultura feminina clandestina à restrição legal, mas transmitida entre diferentes gerações (Diniz, 2012: 1679)

Assim, as mulheres constroem entre si estratégias de articulação para passarem pelo aborto. Essa situação parece levar a um fortalecimento de uma cumplicidade entre as mulheres.

Na semana seguinte, minha amiga ligou falando que a irmã dela tava grávida e tinha decidido abortar. Aí eu passei o contato da ONG pra ela, e a gente se encontrou algumas vezes, pra conversar sobre isso. Ela me chamou pra acompanhar a irmã dela também, aí eu acompanhei a irmã dela na semana seguinte ao meu aborto. Eu tentei ajudar, compartilhei tudo que eu passei com ela, comentei da cólica que foi persistente depois ainda, tentei orientar ela em relação à respiração, em se manter relaxada e tudo mais e deixar o corpo dela agir naturalmente também, de posicionamento sabe, sentiu vontade de ficar numa posição então fica. Mas o dela foi diferente, ela não sentiu tanto frio como eu, não tem como saber, ela sentiu muito menos dor do que eu, o dela foi muito mais rápido. Eu me senti à vontade em orientar ela, porque é foda você se sentir sozinha nesse momento, a minha amiga tava apavorada. Eu achei tranquilo porque, sei lá, é isso, se a gente não se fortalecer, a gente vai definhando. Uma outra amiga que abortou foi pra BH, com uma amiga junto com ela, porque eu não ia conseguir acompanhá-la. Tem uma coisa que foi muito importante pra mim nisso tudo, foi encontrar uma pessoa que também não se sentia com esse fardo tão grande, com essa culpa, de ter tomado

uma decisão dessas, de ter pensado em si. Antes de eu abortar, quando minha amiga falou que a irmã dela tava grávida, eu passei o contato da ONG, ela lembrou de uma amiga que tinha contado pra ela que tinha feito um aborto também por essa ONG, então ela entrou em contato, e a gente se reuniu todas para conversar. Ela contou a experiência dela como foi, ela já era mãe quando abortou. Na primeira gravidez, ela ficou muito feliz, era tudo que ela queria e teve o filho. Aí depois de anos, ela engravidou de novo e decidiu que não queria, fez o aborto. Depois de três meses, engravidou de novo e fez outro aborto, tudo pela ONG. E a forma que ela lidou com isso e compartilhou isso com a gente foi muito tranquila, sabe. Deu pra ver que isso também não era um peso, ela lidava bem com aquilo. E isso foi muito importante pra mim, porque eu não tenho exemplos disso e eu não queria me ver me sentindo mal, por não me sentir mal, pensar que eu sou fria, sádica. Tanta gente sofrendo por ter tomado essa decisão e eu não. Antes disso, eu já tinha três amigas próximas que abortaram, minha irmã também já fez aborto e sofreu aborto espontâneo. Eu já conhecia algumas pessoas, mas todas experiências assim negativas, no sentido de se culpar muito, de duvidar da sua capacidade como mãe, essas coisas. Por isso conhecer essa menina foi muito importante, muito mesmo. (Atena)

Eu lembro que estavam umas três, quatro amigas comigo. Algumas só passaram lá, deram abraço, aí depois algumas ficaram. Depois, pedi pra uma amiga ir comigo na ginecologista fazer os exames, porque tava receosa de ir sozinha. (Diana)

Eu tava na plenária do STF sobre aborto desse ano, trabalhando no Festival pela Vida das Mulheres. E uma amiga mais ou menos da minha idade, que tem um filho muito novo, e vive uma relação abusiva, engravidou. Ela procurou ajuda com mulheres que tavam nesse movimento e acabou entrando em contato com uma rede de mulheres que forneceram de graça o remédio. (Bast)

Foi relatado e percebido, o quão importante foram os momentos de presença, diálogo e apoio. Principalmente nos processos pós-aborto, de cura e ressignificação da experiência, no qual estar rodeada de pessoas e lugares onde o peso do tabu é amenizado, junto com a sensação de julgamento, possibilitou o rever dessa vivência para si.

Faz uns quatro cinco anos, que eu retomei umas terapias de autoconhecimento, vários cursos. E um dos primeiros cursos que eu fiz, era sobre o perdão, pensei:

“Ótimo, vai ser o momento de eu pedir perdão pro meu filho, a criancinha que eu não deixei nascer”. Achei muito bom o que aconteceu, normalmente esses tipos de trabalho são bem densos, eu tava lá naquela catarse, revivi muitas emoções. E teve um momento no final do processo que você pedia desculpas pra pessoa que você queria. Na hora que eu fui pedir desculpa, não foi ele que veio na minha cabeça, foi eu naquela idade. Senti um alívio né, eu não posso me julgar, ela veio me desculpar por alguma coisa que eu tenha sentido. Eu achei que era um bom momento pra pedir desculpa, me senti bem depois disso. Porque eu percebi que se houvesse alguma culpa, não era em relação tanto à criança que eu não deixei nascer, mas à mulher que eu tava julgando que fez talvez o aborto. E você não precisava verbalizar pra ninguém, então era um processo muito individual. Mas eu gostei muito que quem tenha me perdoado tenha sido eu mesma. Em não se preocupar em querer entender, ou em querer julgar, a pessoa que eu era fez uma escolha muito difícil, dentro do que ela podia e dentro do que ela acreditava também. Foi muito difícil pra mim. Também foi importante uma vez que falei disso numa roda de cura falando do feminino. (Gaia)

Eu sou espírita e na época isso pesou. Toda vez que eu acordava à noite chorando, meu ex-namorado acordava comigo, rezava alguma coisa. Nessas horas, a gente fica bem frágil espiritualmente né. Ele falou pra gente ir no centro tomar um passe, eu fui e não recebi nenhuma mensagem assim, só me deixou mais aliviada mesmo de alguma forma e fui me desligando mais, me perdoando mais, fui fazendo meu processo interno de desligamento. Porque a gente acredita que quanto mais você prende esse pensamento, quando mais você chama, quanto mais você chora, quanto mais você sofre por ele, aquela alma vai ficar presa ali perto de você, ela não vai ter paz pra seguir, entendeu? Aí eu busquei na religião essa explicação que fez sentido pra mim, e quis dar esse espaço assim. Acho que sofri o tempo necessário, mas entendi que precisava acabar, que eu não poderia ficar me martirizando pro resto da vida por aquilo. Tipo, é isso, aconteceu, não abaixa a cabeça pra ninguém nem pra nada, orgulho de suas escolhas, a vida é sua, você que sabe. Então apesar de no começo a religião ter me deixado nessa entrave né, ela me ajudou a ficar bem depois. Porque tipo assim, não era pra ter feito, mas já que fez, pelo menos libera. Eu gosto de religião, mas não tem nada que me prenda. (Hera)

2. O aborto para si

Dentro dessa pesquisa, apesar de todas as facetas negativas de todo o processo do itinerário abortivo, todas refletiram que foi a melhor escolha no momento que viveram isso. Apesar disso, todas relataram ficar receosas e não quererem viver novamente essa experiência, mesmo algumas dizendo que se fosse preciso abortariam de novo. Nos encontros, quando eu coloquei a última reflexão: “O que você pensa sobre ter vivido isso?”, foi o momento onde elas refletiram e expressaram suas opiniões sobre o aborto para si, e sobre o aborto no geral, como mostrarei.

Eu senti que era a melhor atitude que eu podia tomar no momento, eu tenho que refletir melhor, mas fiquei muito tranquila depois do procedimento. Eu entendi que eu não posso me culpar, era minha escolha do momento e eu não posso ficar me martirizando. Posso me arrepender às vezes, talvez eu queria ter tido mesmo entendeu, mas são outras questões. Nesse momento eu escolhi não ter e foi bom. (Lilith)

Eu acho que isso é uma coisa que só dá pra se analisar no momento que aconteceu, sabe? Eu não me pego pensando e se eu fosse mãe agora, eu não me vi mãe agora. Então, eu não tenho por que me colocar nessa situação. Se eu não me vi mãe naquele momento e decidi que era isso, eu vou me colocar nessa situação agora, me por nesse sofrimento? Até onde eu sei, eu não estou impedida de ser mãe ainda, e eu acho que por causa da decisão que eu tomei tenho muito mais chance de ser uma mãe melhor do que eu poderia ter sido naquele momento. Não tenho porque achar que isso me define, não acho que isso me define em relação ao que eu sou ou ao que eu poderia ser, não me sinto assim. A escolha acho que é antes de mais nada, é a parte mais importante sabe, se eu escolher ser mãe alguma dia eu vou me empenhar nisso, por que não me empenharia? Por que um dia eu fiz um aborto? Eu acho que nenhuma mulher que já fez o aborto, não se empenha na maternidade quando se envolve com ela, não vejo por que pensar dessa forma. Eu acho que hoje eu sou muito mais preocupada em relação a gravidez, porque não quero me colocar nessa situação de novo, pensar que eu posso não querer ainda e ter que passar por isso tudo de novo né. (Atena)

Eu acho que foi a melhor decisão que eu poderia ter tomado, hoje a minha vida é bem diferente do que era. Eu tive muitas oportunidades que se eu tivesse com um filho não sei como seria, acho que minha vida seria completamente diferente. Lógico que acontecer de novo me assusta, porque eu não quero aquela sensação de novo. (Kali)

Eu acho que é uma coisa bem própria do momento, se você tenta analisar depois parece que: “Ah, mas por que você não pensou isso?”. Não, é a emoção daquele momento. Não adianta você rever com os olhos de agora porque você vai achar vinte outras alternativas possíveis e a que ela escolheu foi a que ela dava conta, que era possível. E tem as consequências né, não é uma coisa que pensa: “Ah, escolheu o melhor”. Não, o que você escolher é pesado. Eu tomei essa decisão de um ponto em que, pra aquele momento, era o que eu podia fazer e eu fiquei em paz relativamente com isso. Lógico, você tem medo da situação, porque, assim, como é clandestino eu poderia ter caído numa mão de alguém muito carniceiro, um açougue. Eu dei muita sorte nesse aspecto, tive sorte por poder ter tido dinheiro pra pagar alguém pra fazer isso adequadamente. Porque se não tivesse dinheiro, provavelmente ia ter que me submeter a quem pudesse fazer isso. E eu passei a ter mais cuidado né, realmente não quero passar por isso de novo. (Gaia)

Só eu tenho o poder, a decisão sobre esse corpo mesmo né, real verdadeiro, assim. Eu penso que foi a melhor decisão que eu tomei. Como no momento que eu decidi ter minha filha sabe, pensei se o pai dela não quisesse foda-se, tava nem aí pra ninguém, quando eu descobri que eu tava grávida foi tipo: "Eu vou ter essa menina de qualquer jeito, pode falar o que quiser qualquer pessoa do mundo". Ele podia renegar, não querer. Eu pensei: "Eu não vou fazer novamente um aborto". Naquele momento eu não faria, mas eu acho que em outros momentos da minha vida eu faria, de boa, se eu tivesse com um cara otário e eu ficasse grávida. Em muitos momentos com meu próprio companheiro, se eu ficasse grávida dele, eu faria um aborto. Teve um momento da minha vida que eu pensei: "Se eu tiver grávida dele hoje, eu faço um aborto", e é meu companheiro né. (Bast)

Eu acho que foi melhor, pra aquele momento foi a melhor coisa. Assim, acho que muita coisa mudou, na cabeça assim, formas de pensar, não me arrependo. No meu caso particular mesmo, acho que pra mim serviu pra pensar que foi uma vez pra nunca mais, foi o aviso que eu precisava. Pra mim, foi natural não me arrependo,

acho que precisava ter sido assim, mas se acontecesse de novo, eu não passaria por isso de novo. Se acontecesse sei lá, amanhã, tô grávida, eu teria. (Hera)

Eu acho que foi necessário pra eu me proteger, sabe, da vida assim. Eu tenho muita coisa pra fazer, que eu gostaria de fazer, e que se eu tivesse um filho nada disso seria muito possível, e hoje tenho muito medo de engravidar de novo. (Ísis)

3. Considerações finais

Todo tabu sobre algo vergonhoso carrega consigo uma possibilidade de rebelião: se aquilo que meu corpo faz precisa ser mantido em segredo, então posso aproveitar essa oportunidade para manter outras coisas que eu faço, em segredo também (Martin, 1987: 161).

Foi visível que passar por essa situação colocou as mulheres para refletirem sobre o contexto geral do aborto e como se dá essa experiência para outras mulheres, muitas relataram como sua ideia e posicionamento sobre o aborto e maternidade mudaram totalmente. Por todo o contexto de silenciamento, creio ser importante aqui dar voz para essas reflexões, por muitas delas virem como formas também de indignação e protesto. São as falas das mulheres que viveram o aborto, os atores sociais mais atingidos pelo contexto criminal do aborto, e que, portanto, precisam ser ouvidas. Como coloca Martin (1987), existem muitas maneiras pelas quais as mulheres expressam a consciência de sua posição e a oposição à opressão.

Eu refleti sobre a questão da legalização, porque é uma pauta importante, mas eu nunca tinha dado tanta atenção, quando a gente vive é diferente. Isso é direitos humanos, você chegar no hospital e ter que mentir pro médico, tu ter medo, se ele conseguisse diagnosticar, eu não vou morrer em casa por causa de um aborto, eu preferiria ficar na cadeia do que morrer em casa. Você ter o direito de escolher, pelo menos que eu tenha direito de saúde de qualidade pública pra realizar esse procedimento, porque não é um procedimento arriscado como as pessoas pregam. A gente tem uma noção de aborto até muito religiosa, o que a gente sabe de aborto é das pessoas contra o aborto, a gente vê o lado negativo, a morte, a perda, tudo isso. É até uma questão cultural, mental, sentimental, é tudo muito envolvido. Mas é um procedimento simples, ele pode ser feito de forma caseira, mas eu acho que se

acontecer alguma coisa, que você tem o direito. Essa foi minha reflexão na questão social, que tem que ter realmente pautas, lutas. Eu não me importava, já teve manifestações sobre a legalização do aborto que eu sabia que tinha eu nunca fui, mas hoje em dia, qualquer coisa que tiver em Brasília, se tiver hoje amanhã eu vou. Porque eu vivi isso, sei da importância disso. Quantas meninas da periferia, que se tivessem o direito de abortar de forma pública, elas abortariam, é uma questão financeira, tu não tem mil reais pra fazer um aborto, quantas adolescentes não teriam filho hoje. E eu não to falando de uma higienização, por que isso é um processo também higienista, a gente pensar que pobres não podem ter filhos. Eles podem ter, mas tem que ser uma escolha, e tem todas as questões estruturais embutidas nessa escolha também. Que seja consciente a maternidade, acho que essa é a mensagem principal, se você não quer não tenha, mesmo que você fique nessa dúvida. Eu posso me arrepender, eu posso querer ter outro filho depois de um mês, mas que eu tenha o direito de escolha. Eu não posso ter um filho nas coxas. Me chateia também essa questão de não ter como escolher, de ter que ter o filho com 16 anos, com 20, com 22, entendeu. Porque a pessoa não ta nem formada como pessoa, mentalmente, estruturalmente, ela não sabe. Mas vou ter que estar preparada, e é muito ritualístico isso né, ter que estar preparado pra tudo sempre, ter que ser mãe sem querer, ter sempre. Olha a pressão que cai sobre uma pessoa que vai ter que gerar uma vida sem saber como administrar a própria vida. (Lilith)

Na verdade, mudou a minha visão, eu não tinha uma opinião formada sobre o aborto, até eu fazer o aborto, passar por essa necessidade me fez ter uma opinião formada sobre o aborto. E acompanhar outras mulheres. Eu passei por várias coisas na minha vida que me fizeram rever essa relação e essa foi tipo a primeira, a partir disso eu entendi que só quem passa por isso sabe, do porquê, tem os seus motivos sabe. Eu penso que cada um tem o direito de fazer o que quiser, cada mulher tem o direito de decidir isso. Nem o homem tem o direito de influenciar sobre isso, embora seja o filho dos dois, porque quem vai botar o corpo pra jogo é a mulher. É difícil, dói, mas tem formas de fazer seguro, hoje em dia a gente não precisa passar mais por isso, de ser negado dessa forma pelo estado, porque é feio isso né, negar pra mulher esse direito de decidir, de sobreviver a isso, de passar por isso de uma forma tranquila. Eu por não ter informação na época, por não saber os caminhos, demorei pra fazer, pra gente conseguir o Cytotec. Hoje em dia as pessoas não precisam ta mal informadas desse jeito, é muito triste. (Bast)

Acho que na maioria das vezes quem decide fazer isso tem plena consciência que é uma vez pra nunca mais. Acho que a gente tem que entender que uma mulher faz quando ela quiser, mas eu também acho que não pra todas as vezes que você quiser fazer tá tudo bem, porque não tá tudo bem, é agressivo ao corpo. (Hera)

Na verdade, é um peso pra todas as pessoas que fazem o aborto, que só ela vai saber mensurar né. E você começa a rever as coisas que você falava. Quando eu era a pessoa que julgava os outros eu lembro que falava: “Ah, mas se uma mulher engravida e ela sabe como são os métodos anticoncepcionais e não se cuidou, ela tem que criar o filho. Que absurdo! Como que alguém vai matar uma criança porque não quer assumir uma responsabilidade, ela não quer estragar a vida dela”. É uma visão muito rasa, tipo o que é na verdade ser mãe, o que é você ter uma família, você tem a sua, mas assim como filha, é diferente a responsabilidade. Aí quando me vi nessa situação pensei o que eu vou fazer, por que você começa a perceber a responsabilidade que é ter um filho, olha a vida, se você quer ser mãe ou não, é você que vai saber o peso disso. Quando me perguntam se eu sou a favor ou contra o aborto, eu sou a favor, por que só a pessoa que vai saber o peso disso, tanto pra ter quanto pra não ter, ela vai passar por isso sozinha, então ela tem que ter direito a escolha, vai ter consequências do mesmo jeito, então é só ela que vai saber. Eu vejo as mulheres que são mães muito jovens, elas tem que abdicar de muita coisa por serem mais jovens, é um peso bem grande, e não se fala nisso né, que a gente não tá preparado, a gente não se prepara pra ser pai nem adulto, pensa bem mais jovem. Passei a ter muito mais percepção que é algo que não se deve julgar, porque o ônus, o bônus, tudo é da pessoa que tá vivendo aquele processo, e como que ela vai vivenciar. O amigo que recomendou o médico tinha uma namorada e eles tinham feito várias vezes já, mais de três vezes já com a mesma pessoa, e eu fiquei pensando, que péssimo. Penso que foi uma falha na forma como a gente introduz a sexualidade, a gente geralmente começa a namorar e começa os relacionamentos sexuais meio que escondido, e você não tem informação pra isso né. (Gaia)

Eu não abortaria nunca mais, eu não tentaria de novo, mas eu não sou contra, sou a favor, independente se você transou sem camisinha e ele gozou dentro, eu me posiciono assim, é o seu corpo é a sua decisão. Não é fácil essa decisão, é agressivo, é doloroso, mas se você quer, é isso. Eu não penso tipo sou a favor só se a pessoa for estuprada, não, eu quero tirar e eu fiz sexo mesmo porque eu quis. Até um certo tempo de gestação, até os três meses, se você chegasse em mim, eu ficaria do lado,

ok eu te ajudo, mas se passasse disso, estaria mais arriscado tanto pra você quanto pro feto. (Maia)

Neste trabalho, meu maior objetivo foi criar um espaço com as vozes dessas mulheres e tudo que elas queriam transmitir através delas. Por isso minha principal base foram os relatos e as questões e emoções trazidas por eles. Por isso mostrei, a partir de longas narrativas de algumas mulheres, como o corpo que aborta é perpassado pela criminalidade penal e moral em nossa sociedade. Os relatos de como experienciaram o itinerário abortivo, mostraram o quanto esse contexto é estruturado por muitas contradições, que perpassam a vivência dessas mulheres internamente e externamente. A ilegalidade se mostrou como base tanto das coerções e violências sociais, quanto das articulações para transcender isso, explicitando, que a cultura do aborto é, em sua essência, formada pelas relações de suas contradições. E os corpos das mulheres, junto com suas decisões sobre eles, ficam no meio disso tudo, sendo ao mesmo tempo controlados e condicionados pelas instituições e ressignificando e resistindo a elas.

A partir desse estudo, pude perceber a dicotomia entre a mensagem da sociedade sobre os processos reprodutivos e o que as mulheres sentem, ou seja, que os caminhos para a maternidade ou para a não maternidade possuem facetas que se conectam. O que a sociedade dita e as experiências das mulheres nem sempre- ou quase nunca- se encontram. Mostrando assim, que a maternidade não é somente um projeto privado e sim público e, para isso, é necessário tal controle dos processos reprodutivos dos corpos das mulheres.

A criminalização do aborto ignora as necessidades, circunstâncias e desejos individuais das mulheres, e também ignora a falibilidade da anticoncepção e dos serviços de saúde, delimitando a formação de suas próprias identidades e entendimentos sobre seus corpos e sua capacidade de decidir em seu próprio benefício. Além disso, silencia suas vozes, tirando das mulheres o protagonismo de seus próprios direitos sexuais e reprodutivos. A criminalização do aborto representa o abandono das mulheres, que se veem compelidas à prática de abortos inseguros, o que gera sofrimento físico e psíquico às mesmas. Como Ribeiro (2019) coloca:

É crucial dizer que a lei prever o processo de mulheres pela realização do aborto é uma demonstração explícita de que elas não são livres para decidir sobre sua reprodução e de que a subjetividade das mesmas, quanto à escolha de ser mãe ou não ainda é inferior à determinação da esfera pública e aos desígnios do Estado [e da Religião] sobre a maternidade (Ribeiro,2019: 79).

ANEXO 1

Roteiro de Perguntas:

1. Como era sua relação com seu corpo antes do ocorrido?
2. E com a sua sexualidade e ciclo reprodutivo?
3. O que você sentiu quando descobriu que estava grávida?
4. O que significava para tu ser mãe naquele momento?
5. Com quem você compartilhou isso?
6. Chegou a sentir alguma mudança corporal da gravidez?
7. Como foi decidir por não continuar com a gravidez?
8. O que te levou a tomar essa decisão?
9. Essa decisão foi compartilhada com alguém?
10. Como foi feita a interrupção da gravidez?
11. Alguém te acompanhou nesse momento?
12. Quais as suas principais lembranças desse momento?
13. O que você sentiu no seu corpo durante o procedimento? E depois?
14. O que mudou na sua vida após viver essa experiência?
15. Como é sua relação com seu corpo hoje em dia?
16. E com seu ciclo reprodutivo e sexualidade?
17. O que você pensa sobre ter vivido isso?

REFERÊNCIAS

ANIS, Instituto de Bioética. Et al. NOTA PÚBLICA: Ministra falta com a verdade na 40ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU. 2019. Disponível na íntegra em <https://www.conectas.org/wp/wp-content/uploads/2019/03/Ministra-falta-com-a-verdade-na-40%C2%AA-Sessa%C3%83o-do-CDH-ONU.pdf>

BERALDO Ana, & BIRCHAL T., & MAYORGA Claudia. O aborto provocado: um estudo a partir das experiências das mulheres. Rev. Estud. Fem. vol.25 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2017.

BIROLI, Flávia & MIGUEL, Luis Felipe & MARIANO, Rayani. O direito ao aborto no debate legislativo brasileiro: a ofensiva conservadora na Câmara dos Deputados.

BUTLER, Judith. Quem tem poder sobre os nossos corpos? 2019. Portal Catarinas. Disponível em <https://catarinas.info/quem-tem-poder-sobre-os-nossos-corpos/>.

OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 23, nº 1, jan. - abr., 2017.

DINIZ, Debora, & MEDEIROS, Marcelo. Itinerários e métodos do aborto ilegal em cinco capitais brasileiras. Ciênc. saúde coletiva vol.17 no.7 Rio de Janeiro July 2012.

DINIZ, Debora, & MEDEIROS, Marcelo, & MADEIRO, Alberto. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2017, vol.22, n.2.

DINIZ, Debora. Antropóloga convive com a “covardia da dúvida” de quem a ameaça de morte. 2018. Jornal EL País. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/politica/1544829470_991854.html

DONATH, Orna. Mães Arrepentidas: Uma outra visão da maternidade. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2017.

GUIMARÃES, Sílvia & ALMEIDA, Deusy V. & CARNEIRO, Rosa. O aborto e uma história de vida: Cuidar de si, filhos e parceiros em circulação. Sex., Salud Soc. (Rio J.) no.28 Rio de Janeiro jan./abr. 2018.

MACHADO, Lia Zanotta. O aborto como direito e o aborto como crime: o retrocesso neoconservador. *Cadernos pagu* (50), 2017:e175004.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 69-82, dez. 1999.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. *Esboços: Revista do PPG História da UFSC*, n. 9, 2002.

MANICA, D. T. Estranhas Entranhas: de Antropologias, e Úteros. *Amazôn., Rev. Antropol. (Online)* 10 (1): 20 - 41, 2018

MARTIN, Emily. *A Mulher no Corpo: Uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond. 2006 (1987).

MOTTA, Flávia de Mattos. Sonoro silêncio: por uma história etnográfica do aborto. *Rev. Estud. Fem.* vol.16 no.2 Florianópolis May/Aug. 2008.

PORTAL CATARINAS & GHS BRASIL. Brasil registra um processo por autoaborto todo dia. 2017. Disponível em: <https://catarinas.info/brasil-registra-um-processo-por-autoaborto-todo-dia/>

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Série Sociedade e Cultura, 2010, p.136

REZENDE, Daniela. Ao declarar guerra à "ideologia de gênero", Bolsonaro elege inimigo que não existe. 2019. *Brasil de Fato*. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/09/ao-declarar-guerra-a-ideologia-de-genero-bolsonaro-elege-inimigo-que-nao-existe/>

RIBEIRO, Isabela Lopes Leite. *MULHERES ACUSADAS DO CRIME DE ABORTO: Um estudo dos processos judiciais de 2017 e 2018 no Distrito Federal*. 2019. Dissertação (Mestrado em Direito), Programa de Pós-Graduação em Direito da UNB, Brasília.

ROHDEN, Fabiola. 2001. Uma Ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. 2012. Abortamento seguro: Orientação Técnica e de Políticas para Sistemas de Saúde – 2ª ed. Biblioteca da OMS.

SANTOS, C. S., & SILVEIRA, L. M. C. (2017). Percepção de Mulheres sobre o Aborto e Autonomia do Corpo. *Psicologia: Ciência e Profissão* Abr/Jun. 2017 v. 37 n.º2.

SANTOS, Danyelle Leonette Araújo dos & BRITO, Rosineide Santana de. Processo decisório do aborto provocado: vivência de mulheres. *Physis* [online]. 2014, vol.24, n.4, pp.1293-1314.

SCORCEO, Carol. O que está em jogo na saúde sexual e reprodutiva das mulheres. 2019. Carta Capital. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/o-que-esta-em-jogo-na-saude-sexual-e-reprodutiva-das-mulheres/>

TUSSI, Fernanda Pivato. Aborto vivido, aborto pensado: aborto punido? As (inter)faces entre as esferas pública e privada em casos de aborto no Brasil. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre.